Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Evandro Viana

Deslocamento de identidade de gênero em *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze

Rio de Janeiro

2020

Evandro Viana

Deslocamento de identidade de gênero em *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura

Orientador: Prof. Dr. Henrique Marques Samyn

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R481 Viana, Evandro.
Deslocamento de identidade de gênero em Águas cálidas, de Kiko Riaze / Evandro Viana. – 2020.
99 f. : il.

Orientador: Henrique Marques Samyn.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Riaze, Kiko, 1979- – Crítica e interpretação - Teses. 2. Riaze, Kiko, 1979-. Águas cálidas - Teses. 3. Identidade de gênero na literatura – Teses. 4. Erotismo na literatura – Teses. 5. Homossexualidade na literatura – Teses. 6. Teoria Queer – Teses. 7. Movimentos sociais – Teses. I. Samyn, Henrique Marques, 1980-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Evandro Viana

Deslocamento de identidade de gênero em

***Águas Cálidas*, de Kiko Riaze**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 29 de setembro de 2020.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Henrique Marques Samyn (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Luci Ruas Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Victor Hugo Adler Pereira

Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

A toda comunidade LGBTQIA+ que luta todos os dias por um mundo mais diverso, mais colorido e mais feliz. A minha querida Profa. Dra. Angélica Soares *(in memorian)*, que me orientou durante o ano em que fui Aluno Especial no curso de Mestrado em Ciências da Literatura na UFRJ, mas que nos deixou vítima de H1N1 e a minha querida Profa. Dra. Ana Cristina dos Santos *(in memorian)*, que me acolheu na UERJ como seu orientando e que nos deixou no final do ano passado... Angélica e Ana Cristina, mais do que Orientadoras, vocês foram amigas... Ainda consigo ouvir a risada das duas, o sorriso e a força para lutar para transformar o mundo em um lugar melhor para todos... De onde vocês estiverem, sei que estão felizes. Não desisti! Grande beijo... Saudades...

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento maior é, e sempre será, a Deus que nos guia, nos rege e a todos os Orixás, aos meus Pretos Velhos, Caboclos, Exús e Pombo-giras, Guias, Amigos e Mentores espirituais que me acompanham desde o meu nascimento, me mantendo no amor e na luz e me mostrando os caminhos por onde eu devo seguir para fazer o melhor para todos os seres viventes nessa terra. Em especial, Mamãe Iemanjá por me socorrer no momento de maior aflição quando eu perdi todo o meu trabalho com a pane em meu computador. Minha Gratidão!!! Saravá toda Aruanda!!! Saravá Nossa Umbanda Querida!!!

Seu Oédis Viana e Dona Celeste Monteiro Viana... meus amados pais... Muito obrigado por todo apoio, carinho, compreensão, amor, dedicação e ajuda para que eu chegasse até aqui. Me perdoem pelas minhas ausências, as vezes que não pude dar-lhes a atenção merecida e necessária, pois precisava me concentrar nas minhas leituras... Minha mãe que descobriu, eu ainda com três anos de idade, que eu sou homossexual e que desde então se desdobrou como pôde para me proteger do mundo e que ao me assumir me disse "eu te amo incondicionalmente meu filho". Meu pai teve que abandonar a Faculdade para vender laranjas quando ainda era jovem, um homem íntegro e de visão que sempre colocou a educação e o bem estar dos filhos em primeiro lugar, quando eu fiquei desempregado a primeira coisa que me disse foi "o Mestrado em primeiro lugar, siga em frente!". Meu pai certa vez disse "se o Evandro e o namorado não podem ir, nós também não iremos" ao responder uma negativa de convite de casamento de uma prima... Vocês são maravilhosos!!! Amo vocês... se eu puder escolher, na próxima existência quero ser filho de vocês de novo.

Professor Dr. Henrique Marques Samyn, muito obrigado por me acolher como seu orientando em um momento tão delicado como o meu e de minha amiga Daniele. Obrigado por abraçar o projeto, pelas dicas de livros, pelas conversas, pela amizade e por ter me mostrado o caminho para que eu chegasse até aqui. Esse trabalho não é só meu, ele também é seu meu querido Professor e amigo. Muito obrigado por estar em minha vida!!!

Professora Dra. Luci Ruas Pereira... ficamos dez anos sem nos vermos em uma época em que rede social ainda engatinhava e a senhora quando me viu se lembrou de meu nome... fiquei muito lisonjeado e depois disso não nos perdemos mais. A Senhora é uma das culpadas por eu amar Literatura!!! Ainda me lembro de suas aulas de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da UFRJ, seu sorriso, seu prazer em lecionar... Te amo Luci... Muito obrigado por fazer parte de minha vida e de minha Banca de Mestrado.

Professor Victor Hugo Adler Pereira... nos conhecemos na Banca de Admissão ao Mestrado no final do ano de 2017. Professor, eu quase saí correndo do exame, pois o senhor fez tantas perguntas... mas com a ajuda de Xangô e Iansã respondi tudo. Depois fiquei sabendo que o senhor é um dos maiores especialistas do tema de meu projeto e isso me deixou muito lisonjeado. Hoje somos amigos e militamos em prol do mesmo ideal. Muito obrigado Professor por fazer parte de minha vida de minha Banca de Mestrado.

Meu querido Douglas Fernando Melo Dias da Rosa... muito obrigado por estar sempre presente em minha vida, pelas inúmeras caronas de ida e volta para a UERJ, pelas vezes que eu estava estressado e que me levastes para praticar *mountain bike* para eu me descompressar, pelas vezes que eu estava chato pra caramba e que você estava ali para me acalmar e dizer que tudo ficaria bem... você me ajudou a manter a sanidade durante esses dois anos de curso, me ensinou a ter paciência e a ser uma pessoa melhor... Muito obrigado por fazer parte de minha vida!!! Te Amo muito!!! Pra sempre!!!

Meu querido amigo Heitor... te conhecer e construir nossa amizade é um dos maiores presentes que eu ganhei nesse Mestrado. Foram horas conversando sobre Literatura, sobre Artes, sobre a conjectura política de nosso país... foram muitos cafés, inúmeras cervejas, muitos risos e uma amizade que só cresce. Eu te amo meu amigo... amo a você sua linda família. Muito obrigado por fazer parte de minha vida e do meu curso de Mestrado. Que venha o Doutorado para estudarmos juntos e... tomarmos algumas cervejas no Loreninha!!!

Daniele Leal e Fabiana Lapa... minhas Dani e Fabi!!! Que saudades que estou de vocês, de conversar, tomar nosso café natureba no oitavo andar... Passamos por bons e maus momentos na UERJ né amigas? Os três filhos de Ana... de onde ela estiver sei que olha por nós e que está feliz por termos alcançado nossos objetivos. Minhas amigas, amo vocês... Muito obrigado por fazerem parte de minha vida e do meu curso de Mestrado.

Meu querido amigo Léo... Um dos maiores incentivadores para eu fazer o Mestrado. Eu lembro que você ficou um pouco cauteloso com o tema, mas foi uma das pessoas que mais comemoram a minha entrada na UERJ. Muito obrigado meu querido amigo por todo apoio, carinho, amizade e por fazer parte de minha vida... Te amo meu amigo!!!

Fábio André Cardoso Coelho... muito obrigado meu querido amigo por me sequestrar da Educação e me guiar de volta aos braços da Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Tudo começou quando você analisou meu Lattes, coisa estranha para se fazer em um café né? Rs... Muita gratidão meu amigo... Te amo!!!

Tia Dirce Granadeiro e minha prima Virgínia Granadeiro!!! Tia Consegui!!! Terminei!!! Perdi as contas de quantas vezes me abriguei em sua casa por ter perdido o ônibus

pra Paracambi ou porque precisava estar cedo na faculdade. Amo vocês... muito obrigado por toda a torcida, carinho, amor e dedicação. Grande beijo!!!

Denise Nascibem de Andrade... amiga desde a primeira infância e que sempre esteve comigo em todas as minhas conquistas. Quantas vezes você imprimiu trabalhos pra mim depois de meia noite porque minha impressora estava sem tinta... Você é uma das pessoas que vibrou e me apoiou em todos os momentos dessa conquista. Obrigado por estar em minha vida!!! Te amo amiga!!!

Meus amigos Marcelo Botelho e Simone Botelho... Consegui!!! Vocês acompanharam todas as tentativas de entrada em um Mestrado, vibraram comigo a conquista na UERJ, estiveram comigo em todos os momentos dessa e de outras caminhadas. Adotaram meus pais como seus pais e tios. Muito obrigado por vocês estarem em minha vida... Amo muito vocês!!!

Minha amiga Angélica Caetano... meu muito obrigado por me socorrer no momento em que fiquei sem o computador pra terminar essa Dissertação, você fez o que poucos fariam... sou eternamente grato por você me emprestar seu computador de trabalho para que eu pudesse terminar esse projeto. Te amo minha amiga... Obrigado por estar em minha vida!!!

Maria Bessa, Jaqueline Gaudard, Cristiane Oliveira e Patrícia Santana... Minhas companheiras de estrada na UFRJ e também orientadas de nossa amada Angélica Soares. Saudades de nossas conversas, risadas, cafés e principalmente de nossos acalorados debates acadêmicos que faziam a Angélica corar de tanto rir. Amo vocês... Obrigado por fazerem parte de minha vida acadêmica.

Por último, mas não menos importante, meu querido amigo Kiko Riaze!!! Muito obrigado por ter escrito essa obra prima chamada *Águas Cálidas*... quando a li pela primeira vez, despertou em mim a vontade de fazer algo com a obra, quando precisei eleger um romance para trabalhar no Mestrado com a temática homoerótica eu logo pensei "é agora: Águas Cálidas!!!" e os frutos estão nessas páginas meu amigo. Esse trabalho também é seu Kiko!!! Muito obrigado por fazer parte de minha vida Te amo!!!

Um beijo a todos os meus Professores, amigos, colegas e demais pessoas que posso não ter citado aqui, mas que fizeram a fazem parte dessa vitória. Gratidão...

Quanto mais escuridão dos opressores, maior será a luz emitida pela purpurina dos oprimidos.

João Silvério Trevisan

RESUMO

VIANA, Evandro. *Deslocamento de identidade de gênero em Águas Cálidas, de Kiko Riaze.* 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O objetivo principal desse trabalho é a análise do deslocamento de identidade de gênero no romance *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze (2011). Para isso, iniciamos nosso trabalho a partir de algumas questões históricas que conduziram o Brasil a uma ditadura militar em 1964 e a um endurecimento do Estado para com as sexualidades consideradas desviantes. Naquele período, influenciado pela Revolta de Stonewall, surgiu o primeiro grupo de defesa da comunidade LGBTQIA+ e o primeiro jornal impresso, Grupo Somos e o *Lampião*, respectivamente. Já na década de 1980, durante a epidemia de Aids, os movimentos pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ foram crescendo, ganhando espaço e conquistando direitos. No início do século XX, vemos a crescente visibilidade da comunidade LGBTQIA+ e o surgimento de uma sociedade de consumo que movimenta mais de 300 bilhões de reais. Nesse interim, temos o romance homoerótico *Águas Cálidas* (RIAZE, 2011) que se insere como uma obra de consumo, que aborda o deslocamento de identidade de gênero e outras questões relativas a homossexualidade. Para a análise do personagem que realizou o deslocamento, laçamos mão da teoria *Queer*, amplamente divulgada por Judith Butler e outros teóricos.

Palavras-chave: Deslocamento de identidade de gênero. Homoerotismo. Homossexualidade. Teoria Queer. Comunidade LGBTQIA+.

RESUMEN

VIANA, Evandro. *Desplazamiento de la identidad de género en Águas Cálidas, por Kiko Riaze*. 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

El principal objetivo de este trabajo es el análisis del desplazamiento de la identidad de género en la novela Águas Cálidas, de Kiko Riaze (2011). Para eso, iniciamos nuestro trabajo a partir de algunas cuestiones históricas que llevaron a Brasil a una dictadura militar en 1964 y a un endurecimiento del Estado hacia sexualidades consideradas desviadas. En ese período, influenciado por la Revuelta Stonewall, aparecieron el primer grupo de defensa de la comunidad LGBTQIA + y el primer periódico impreso, Grupo Somos y *Lampião*, respectivamente. En la década de 1980, durante la epidemia de SIDA, crecieron los movimientos por los derechos de la comunidad LGBTQIA +, ganando espacio y ganando derechos. A principios del siglo XX, vemos la creciente visibilidad de la comunidad LGBTQIA + y el surgimiento de una sociedad de consumo que mueve más de 300 mil millones de reales. Mientras tanto, tenemos la novela homoerótica Águas Cálidas (RIAZE, 2011) que se inserta como obra consumo, que aborda el desplazamiento de la identidad de género y otros temas relacionados con la homosexualidad. Para el análisis del personaje que llevó a cabo el desplazamiento, utilizamos la teoría Queer, ampliamente difundida por Judith Butler y otros teóricos.

Palabras clave: Cambio de identidad de género. Homoerotismo. Homosexualidad. Teoria Queer. Comunidad LGBTQIA +.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jornal *O Lampião*. 24

Figura 2 – Daniela Mercury e a esposa Malu Verçosa em um momento icônico para a comunidade LGBTQIA+ na sessão solene do Congresso Nacional pelos 50 anos do Levante de *Stonewall.* 35

Figura 3 – Pabllo Vittar sendo entrevistada pela MTV EMA em Sevilha, 2019 36

Figura 4 – Rita Von Hunty é uma referência intelectual na comunidade LGBTQIA+ 39

Figura 5 – Beijo entre Felix e Niko em *Amor à Vida* 41

Figura 6 – Trisal Antônio, Naná, Xana/Adalberto e seu filho Luciano..... 42

Figura 7 – Casamento de Britney e Abel em *"A Dona do Pedaço"* 44

Figura 8 – Caminhões da Cervejaria Ambev, na Av.Paulista, em apoio ao Dia do Orgulho LGBTQIA+ 2020 47

Figura 9 – Propaganda da linha *Pride* da Havaianas, parte da campanha todo amor é bem-vindo. 2020 48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GLS.	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
LGS	Lésbicas, Gays e Simpatizantes
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros
LGBTQ	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros e Queer
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros e Queer, Intersexos, Assexuados e etecetera.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	**OPRESSÃO E RESISTÊNCIA!**.....	15
1.1	**O Estado opressor**	16
1.2	**Visibilidades culturais como resistência!**	28
2	**TEORIA *QUEER* E DESLOCAMENTOS DE IDENTIDADE DE GÊNERO EM *ÁGUAS CÁLIDAS***.....	51
2.1	**Teoria *Queer*: uma breve introdução**	52
2.2	**O romance *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze**	66
2.3	**Deslocamentos de identidade de gênero em *Águas Cálidas***	73
	CONCLUSÃO	82
	REFERÊNCIAS	85
	ANEXO A – Primeira entrevista com Kiko Riaze	94
	ANEXO B – Primeira entrevista com Kiko Riaze	98

INTRODUÇÃO

Ao nascer, o ser humano é classificado de acordo com o órgão sexual em uma das duas categorias biológicas existentes: homem ou mulher. A partir desse ponto, é educado, pela sociedade, conforme o sexo de seu nascimento. Louro (2008, p. 8) nos informa que "não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente".

Hall (2005) nos informa que existem alguns problemas na área de teorização sobre o sujeito e a identidade e que uma das principais implicações desenvolvidas por Foucault seria a "desconstrução" do corpo e sua reconstrução em termos de formações históricas, genealógicas e discursivas. Para Nicholson (2014), o conceito de "gênero" foi introduzido para complementar o de "sexo", não para substituí-lo, sendo o próprio conceito de "sexo" essencial para a elaboração do conceito de Gênero.

Na década de 1980 e impulsionado pelos estudos do movimento feminista, surge um conjunto de ideias sobre o gênero e a sexualidade das pessoas que afirma que as identidades e as orientações sexuais são o resultado de uma construção social, não estando, portanto, biologicamente inscritos na natureza humana (JIMENEZ, 2006). Essa teoria passa a ser conhecida como Teoria *Queer*. Segundo essa teoria, qualquer meio de classificação do indivíduo seria errôneo, pois estaria de acordo com uma cultura heteronormativa e patriarcal, que torna determinadas classificações marginais.

Essa sociedade heteronormativa e patriarcal, que dita regras consoante as quais o restante da humanidade deve viver, marginaliza as minorias, cerceando-as, em muitos casos, de ter voz, vez e representações dentro da sociedade. Não raras vezes, essas minorias se organizam com a finalidade de terem visibilidade, o que muitas vezes não ocorre, fazendo com que elas fiquem à margem da sociedade. A literatura homoerótica torna-se marginal justamente por constituir uma expressão dessa minoria que busca transformar essa sociedade e luta para ser reconhecida.

Essas desigualdades e exclusões sociais evidenciam as relações de poder existentes dentro da sociedade, relações que fazem com que as minorias se sintam, ao mesmo tempo, reprimidas e com anseios de fazerem uma ruptura, no intuito de serem notadas, ouvidas e respeitadas. Para Marcuse (1975, p. 134), "a arte é, talvez, o mais visível 'retorno do reprimido', não só no indivíduo, mas também no nível histórico-genérico. A imaginação

artística modela a ‘memória inconsciente’ da libertação que fracassou, da promessa que foi traída”.

Derrida (2006, p. 41) observa que a lógica ocidental opera através de binarismos, uma forma de eleger uma ideia, um sujeito ou entidade como a central, relegando ao segundo plano, a partir dessa centralidade, a posição do “outro”, como um subordinado ou marginalizado. Para que possamos entender um pouco mais sobre como funciona o deslocamento da identidade de gênero em uma obra literária, tomaremos como objeto principal de nosso estudo o personagem Daniel, do romance *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze (2011). Para isso, faz-se necessário despirmo-nos de qualquer pré-conceito pautado na hegemonia heteronormativa que relega ao segundo plano a homossexualidade.

Em *Águas Cálidas*, Kiko Riaze (2011) nos apresenta um romance que tem como enredo o encontro de duas vidas em uma pequena cidade costeira: um jovem rapaz ainda por descobrir sua homossexualidade e um homem que já passara por essa descoberta há anos naquela mesma aldeia, mas que teve que fugir devido ao preconceito e a ameaças de morte, e que agora volta à aldeia com um propósito.

Dedicaremos um capítulo especial desse trabalho à apresentação de questões referentes ao deslocamento de identidades de gêneros (ALMEIDA, 2015), tomando como objeto de análise o personagem Daniel, anteriormente mencionado. Assim como Louro (2018), utilizaremos a metáfora da viagem para refletir sobre os “percursos, as trajetórias e o trânsito entre os lugares/culturas ou posições-de-sujeito”, bem como refletir também sobre partidas e chegadas.

Segundo Gouveia (2019, online), na década de 1990 surge o termo GLS representando gays, lésbicas e simpatizantes da causa homossexual. Algum tempo depois, o S foi substituído pelo B, de bissexuais, e pelo T, de transexuais, dado origem a GLBT. Buscando dar maior visibilidade a esse grupo, o L de lésbicas passou à frente, passando a comunidade a se denominar LGBT. Com o passar do tempo e buscando uma maior inclusão das demais sexualidades, esse termo evoluiu até chegarmos a sigla LGBTQIA+, significando lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuais e etcétera. Utilizaremos os termos apresentados visando respeitar a cronologia dos acontecimentos e a forma como os autores citados se manifestaram para nomear esse grupo, contudo, optamos por utilizar o termo LGBTQIA+ sempre que possível por entender que este é mais abrangente nesse momento para representar as sexualidades abordadas no trabalho.

1 **OPRESSÃO E RESISTÊNCIA!**

Para que possamos falar de literatura homoerótica no Brasil, faz-se necessário fazermos um breve estudo dos acontecimentos ocorridos no país durante a segunda metade do século XX, em especial no período após o golpe militar do ano de 1964. Assim, no subcapítulo 1.1 – *O Estado Opressor*, ofereceremos uma localização histórico-temporal para que o leitor possa entender em quais circunstâncias se iniciaram as lutas pelos direitos da população LGBTQIA+ no Brasil.

Após explanarmos sobre a consumação do golpe militar de 1964, com o apoio de diversos setores da sociedade, mostraremos que o avanço do endurecimento do novo regime atacou os direitos civis, em especial, dos considerados "desviantes", como homossexuais, lésbicas, travestis e prostitutas. A partir do Levante de Stonewall, o qual abordaremos no corpo desse subcapítulo, veremos o surgimento do primeiro grupo pelos direitos dos homossexuais do Brasil – o Somos; a criação do primeiro jornal (*Lampião*); a tentativa de apropriação, por parte de grupos políticos, do Somos e o seu esvaziamento. Após a epidemia de Aids, veremos o renascimento e fortalecimento dos grupos de defesa pelos direitos da população LGBTQIA+.

No subcapítulo 1.2, abordaremos a visibilidade cultural como forma de resistência da população LGBTQIA+, com enfoque para o final do século XX e início do século XXI. Mostraremos como o carnaval se tornou um território privilegiadamente homossexual, movimentando milhares de pessoas durante esse período. Nas artes, apresentaremos os artistas de maior representatividade para a comunidade LGBTQIA+.

Após falarmos das manifestações artísticas LGBQIA+ no teatro, chegaremos à televisão, onde teremos um panorama de alguns programas humorísticos, como *Chico City* (1973-1980) e *Viva o Gordo* (1981-1987), que possuíam personagens homossexuais que, de uma forma cômica e caricata, fizeram parte da vida de muitos brasileiros telespectadores desses programas e, de certa forma, serviram para o início, ainda que tímido, de uma aceitação por parte do público. Ainda nessa linha, veremos como o humor pode ser usado também para informar, com a *drag queen* Rita von Hunty. Na sequência, mostraremos como os personagens gays foram sendo incluídos nas telenovelas da Rede Globo de Televisão e como foram ganhando espaço e importância nas tramas, assim como os dramas foram acompanhando os acontecimentos sociais em suas respectivas épocas de exibição.

Em seguida, falaremos sobre o crescimento, em número e prestígio, das Paradas do Orgulho LGBTQIA+, sobre o "Pink Money" e o aumento do consumo de bens e serviços por parte da comunidade homossexual e atitudes e investimentos de algumas grandes empresas para poderem assegurar parte desse mercado consumidor que representa mais de 302,58 bilhões de reais no Brasil (SILVA, 2019, p. 22). Por último, mas não menos importante, entraremos no tema literatura homoerótica, onde apresentaremos os autores pioneiros dessa literatura e depois faremos um corte para o final do século XX e primeiras décadas do século XXI, quando temos uma grande produção dessa literatura.

1.1 **O Estado opressor**

No dia 29 de março de 1964, foi instaurada no Brasil uma das mais violentas ditaduras da contemporaneidade. O Golpe de Militar de 1964, como é historicamente nomeado, destituiu o Presidente João Goulart, tendo como "motivo" oficial o "espectro do comunismo"; segundo historiadores, esse golpe já estava sendo arquitetado, com apoio financeiro, logístico e militar dos EUA, desde a morte do Presidente Getúlio Vargas, em 1954. A transmissão, em cadeia nacional, do Comício da Central do Brasil – Comício das Reformas – que João Goulart fizera em 13 de março de 1964 afirmando que "em breve, os trabalhadores estariam no poder" e conclamando a todos para ajudar a fiscalizar quem promovia a exploração do povo, causou desconforto à classe média conservadora, aos detentores dos meios de produção e foi o estopim para que acontecesse o golpe cívico-militar que há muito se planejava. A conspiração que derrubou o Governo de João Goulart e instaurou o governo militar teve a colaboração de diversos setores da sociedade, desde jornalistas e empresários até o judiciário e o alto clero da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 437-441).

Segundo Melito (2014, online), e também Schwarcz e Starling (2018, p. 441-445), manifestações pró-destituição de João Goulart aconteceram em diversos pontos do país. Em São Paulo, com o apoio do deputado conservador Cunha Bueno, a União Cívica Feminina – UCF e a Campanha da Mulher pela Democracia – Camde, organizaram a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que reuniu, em 19 de março de 1964, cerca de meio milhão de pessoas para pedir o fim do governo constitucional do Presidente João Goulart. Tanto a UCF quanto a Camde eram patrocinadas pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES, uma entidade formada por empresários paulistas e cariocas, administrado por um militar. O

objetivo primordial do IPES era derrubar o governo de João Goulart, para isso, investiu aproximadamente US$ 500 mil durante dois anos. Mais de trezentas empresas norte-americanas contribuíram para fazer o caixa para o IPES alcançar seus objetivos. Após o golpe, no dia 2 de abril, cerca de um milhão de pessoas foram às ruas para saudarem o novo regime: era a "Marcha da Vitória". Segundo Costa (2015, p. 28)

> Sob a direção de Amélia Molina Bastos, a Campanha da Mulher pela Democracia – CAMDE organizava os preparativos para a realização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade na capital carioca. Devido ao desenrolar dos acontecimentos, 'a antecipação das tropas 30 de Mourão Filho e a deposição de Goulart no dia 1º de abril' 31, a marcha carioca ganhou um novo sentido: 'tratava-se não mais de defender as instituições, mas de comemorar a intervenção militar, 'salvadora' da pátria, da família e da religião' 32. Da mesma forma, o título atribuído a ela também se modifica, expressando a vitória do golpe. A 'Marcha da Vitória' no Rio de Janeiro mobilizou cerca de um milhão de pessoas nas principais ruas da cidade. A manifestação contou com a presença das diversas entidades, instituições e grupos sociais: Sindicatos dos Advogados, congregações marianas, Trabalhadores da Construção Civil e entre outras.

Essa foi uma das últimas vezes que a população pôde se manifestar livremente nas ruas, pois o regime de governo que ela ajudou a chegar ao poder se transformaria, nos anos seguintes, em uma ditadura militar, suspendendo direitos civis e, literalmente, caçando tudo ou todos que não se encaixassem no novo regime. Não tardaria muito para que a pauta em favor da moral e dos bons costumes fosse colocada em prática pelo novo Governo, marginalizando ainda mais as já marginalizadas minorias, entre elas, as pessoas homossexuais. A instauração do novo regime abriu as portas para que se pudesse promover uma verdadeira caçada a tudo o que fosse moralmente desviante e ameaçasse o Estado.

Os que sentiram primeiro a força desse Estado opressor foram homossexuais, travestis e prostitutas que estavam concentrados, cada vez mais, nos guetos urbanos. Segundo Quinalha (2018, p. 31) esses "passaram a ser perseguidos, presos arbitrariamente, extorquidos e torturados pelo fato de ostentarem, em seus corpos, os sinais de sexualidade ou de identidade de gêneros diferentes". Embora não fosse oficialmente considerado como crime, estampar no corpo a sexualidade desviante transformava o indivíduo em um marginal. Para Quinalha (2018, p. 36)

> Foram os homossexuais e travestis pertencentes às classes populares que sentiram mais intensamente o peso da ação repressiva da ditadura sem seus corpos e desejos. Enquanto que alguns homossexuais, geralmente enrustidos e com a vida dupla, integravam-se à cidadania pela via do mercado de consumo e pelo acesso a empregos formais no mercado de trabalho, LGBTs pobres que não tinham a mesma sorte eram enquadrados como "vadios", mesmo que portassem carteira de trabalho, sem qualquer direito de defesa.

Green (2018, p. 10) nos mostra que com o endurecimento do novo regime, a vida privada, o cotidiano e a sexualidade passaram a ser assuntos de Estado, sendo considerados pertinentes à segurança nacional. Quinalha (2018, p. 30) nos diz que as pessoas eram vigiadas, tinham suas vidas reviradas e transformadas em dossiês, tudo isso dentro da legalidade então vigente para o Estado. Em caso do Estado ter a certeza, ou até mesmo alguma dúvida ou suspeita, sobre a sexualidade do investigado, era registrado em seu dossiê, como um demérito, a classificação de praticante de "pederastia passiva".

A condição de homossexual era considerada como uma condição "não humana", não sendo digna de respeito por parte do Estado e Sociedade. Assim, qualquer atividade econômica ou cultural relacionada à homossexualidade se transformara em "atividade subversiva" aos olhos do Estado e representava uma ameaça ao patriarcado e à "família tradicional brasileira". Com o pretexto de preservar a moral e os bons costumes, o Estado passa, então, a interferir diretamente em toda e qualquer produção artística nacional. Segundo Quinalha (2018, p. 30),

> Músicas, filmes e peças de teatro foram vetadas e impedidas de circular por violarem, em suas letras, a moral e os bons costumes, sobretudo quando faziam "apologia ao homossexualismo". Na televisão, telenovelas e programas de auditório sofreram intervenção direta das giletes da censura, que cortavam quadros e cenas com a presença de personagens "efeminados" ou "com trejeitos" excessivos e que, portanto, com sua simples existência, afrontava o pudor e causava vergonha perante os espectadores.

Quinalha (2018, p. 31) nos mostra que os profissionais, como editores e jornalistas, que trabalhavam para a imprensa gay tiveram suas vidas devastadas, não raras vezes, como o apoio do Judiciário. Trevisan (2018, p. 165) afirma que a promulgação da Lei da Imprensa (Lei nº 5250, de 9 de fevereiro de 1967) criou um subterfúgio legal para que o Estado pudesse reprimir e punir qualquer tipo de veiculação que pleiteasse algum tipo de direito para homossexuais.

O Estado não possuía uma Lei específica para enquadrar as práticas homossexuais, o que não permitia reprimir ou punir tais práticas. Contudo, uma das formas de afastar homossexuais dos ambientes públicos era a utilização do artigo 59 da Lei das Contravenções Penais da época, que ficaram conhecidas como "Leis da Vadiagem". Isso abriu caminho para que a Polícia pudesse agir conforme bem entendesse, decidindo, assim, quem seria preso ou não nas ruas (OCANHA, 2018, p.80). Com grande frequência, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a polícia militar realizava batidas em bares, boates, faziam revistas nas cercanias de locais frequentados por homossexuais e abordavam, sem critério algum, as pessoas para conferirem se sua documentação estava em ordem (GREEN, 2019, p. 406).

Quinalha (2018, p. 31), assim como Trevisan (2018, p. 165-171) explicita que o Poder Judiciário não só se alinhara ao Estado opressor, como também colaborava com o mesmo na sua ideia de que a homossexualidade seria uma ameaça subversiva ao país que deveria ser combatida com todos os meios e em todos os níveis. Ambos os autores nos informam que a ditadura não inventou nem o preconceito e nem o conservadorismo que dominava uma grande parcela da sociedade brasileira, mas que o golpe de 1964 estruturou um complexo aparato de violência para o Estado alcançar seus objetivos. Para o Estado, era necessário realizar uma moralização de toda a sociedade. Usou-se como modelo, para esse objetivo, os padrões morais restritos a certas camadas da sociedade, padrões esses que se tornariam políticas públicas de Estado. Segundo Quinalha (2018, p. 21)

> Ainda que o Estado não seja o único responsável por normatizar os discursos e práticas sexuais, sem dúvidas, durante a ditadura, ele se tornou um *locus* privilegiado de irradiação de regras proibitivas e licenças permissivas em relação às sexualidades, ajudando a definir as condutas classificadas como inaceitáveis.

Posteriormente, prossegue o autor

> É nesse sentido que se pode falar em uma ditadura hetero-militar, em que houve uma política sexual oficializada e institucionalizada para controlar manifestações tidas como "perversões" ou "desvios", tais como o erotismo, a pornografia, as homossexualidades e as trangeneridades. (QUINALHA, 2018, p. 31)

Se por um lado as manifestações de sexualidade eram consideradas "perversões" e "desvios" que deveriam ser combatidas, curiosamente, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, houve um crescimento do número de boates, bares e espaços que homossexuais podiam frequentar, socializando-se. Enquanto ficassem nos guetos, à margem da sociedade e longe dos olhos da família tradicional brasileira, a existência de homossexuais era "permitida" e "tolerada" até certo ponto. Para Quinalha (2018, p. 36), "[o] problema era quando vinham à luz e ocupavam o espaço público, reivindicando uma existência e um lugar político na sociedade". A marginalização da homossexualidade era necessária para que eles não se organizassem para exigirem seus direitos e liberdades civis. Ainda segundo o mesmo autor,

> Deste modo, o cerne da política sexual da ditadura não era exterminar fisicamente estes grupos vulneráveis do mesmo modo como se fez com a subversão política. Antes, o objetivo era reforçar o estigma contra os homossexuais, "dessexualizar" o espaço público expulsando esses segmentos e impelir, para o âmbito privado, às relações entre pessoas do mesmo sexo. (QUINALHA, 2018, p. 36)

"Dessexualizar" o espaço público, reforçar o estigma contra pessoas homossexuais e jogar a sociedade contra esse grupo foi um modo de impedir, ou ao menos retardar, a chegada ao Brasil da onda de liberacionismo homossexual que se iniciara anos 1960, com a Revolução

Sexual. O grande receio do Estado era que pessoas homossexuais se organizassem em grupo, tomando consciência de que tinham direitos, que não tinham nada de que se envergonhar e exigissem seu espaço na sociedade. Essa consciência pelos direitos da população LGBT, mesmo fazendo parte da Revolução Sexual, só veio realmente a tomar proporção mundial após a Revolta de Stonewall.

Até o ano de 1962, qualquer prática homossexual era proibida nos Estados Unidos; a sexualidade, assim como no Brasil da mesma época, era algo para ser vivido longe dos olhos da sociedade. Isso fazia com que homens gays, mulheres lésbicas, homens transexuais ou vestidos de mulheres buscassem locais onde pudessem conviver, beber, dançar e etc. O Stonewall In, no bairro de Greenwich Village, era o único estabelecimento dedicado a esse público em Nova Iorque. Apesar dos proprietários do bar terem que pagar propinas para a polícia, a mesma realizava constantes batidas no estabelecimento, prendiam funcionários e agrediam clientes. Até que na madrugada do dia 28 de junho de 1969, quatro policiais invadiram o local. Nessa noite, os clientes do bar não permitiram o abuso policial e iniciaram uma manifestação deu origem à luta pelos direitos da população LGBT. As manifestações duraram dias, ficando conhecidas como Revolta de Stonewall. No ano seguinte, no dia 28 de junho de 1970, foi realizada a Primeira Marcha do Orgulho Gay dos EUA (PAIVA, 2018, on-line).

Por mais que o Estado tenha tentado impedir, era inevitável a chegada, mesmo que com atraso, da onda de liberalismo homossexual no Brasil. Para Trevisan (2018, p. 313), esse atraso ocorreu devido ao fato de o país não conseguir acompanhar e digerir temas de seu tempo, preferindo realizar alguma mudança necessária ou atualizar-se apenas quando seria impossível não evoluir. Para o autor

> Pode-se dizer que a eclosão do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil fez parte de uma (vã) tentativa de se abrir para o mundo, buscando dialogar com o seu tempo. Com o abrandamento, a partir de 1975, do ciclo ditatorial brasileiro começou a esboçar-se entre nós um movimento de cosmopolitização. O golpe militar de 1964 tinha em suas entranhas um nem sempre secreto teor nacionalista/xenofóbico que, aliás, a esquerda daquele período compartilhava com gosto – não obstante as graves diferenças entre os dois polos ideológicos. Paradoxalmente, a compulsória modernização desse período de vida brasileira ocorreu, no terreno cultural, por força dos próprios militares, que, ao provocar o exílio de inúmeros intelectuais, os colocaram em contato brutal com o mundo. Quando esses personagens começaram a voltar, graças a anistia instaurada em 1979, trouxeram consigo vivências que haviam absorvido em sua forçada temporada longe do lar. Foi assim que nos chegou, por exemplo, o eurocomunismo. Assim nos chegaram também as inquietações ecológicas, feministas e antirracistas como vicejavam em países capitalistas avançados – Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia. (TREVISAN, 2018, p.314)

O embrião do primeiro grupo de defesa dos direitos homossexuais no Brasil começou em 1976, em São Paulo, quando João Silvério Trevisan, um dos intelectuais supracitados que esteve no exílio, tentou agrupar alguns estudantes universitários homossexuais com o objetivo de formar um núcleo para discutir questões relativas à homossexualidade. Nesse início, as reuniões não passavam de um encontro com cerca de meia dúzia de homens de esquerda, universitários ou profissionais recém-formados. Dentre uma enorme gama de questões a serem abordadas, o grupo não tinha o foco de que rumo deveriam tomar, e se questionavam se deveriam ou não discutir a sexualidade naquele momento pelo qual passava o país; além disso, a maior parte do grupo se achava anormal por serem homossexuais. Tais fatos fizeram, nesse primeiro instante, com que o grupo não decolasse (TREVISAN, 2018, p. 315).

Segundo Rodrigues (2018, p. 239), "no fim da década de 1970 começa a chamada 'distensão política', ou seja, a rigidez do controle social exercido pelos governos militares começa a arrefecer". Aproveitando esse clima de "distensão política" e também o afrouxamento da censura, um grupo de jornalistas, intelectuais respeitados e artistas homossexuais, que em sua maioria viveu no exílio, resolveu se reunir e editar, a partir do Rio de Janeiro, aquele que seria o primeiro jornal dedicado exclusivamente aos homossexuais no Brasil. Assim nasceu, já com o cunho político, o *Lampião*[1] (MACRAE, 2018, p.42-43). Para Trevisan (2018, p. 316-317)

> Foi nesse contexto de ebulição que, em finais de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-americana, organizada por Windson Leyland, fundador da Gay Shunshine Press, em San Francisco, na Califórnia. Eu era um deles. Nesse encontro, surgiu a ideia de se formar um coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Aumentado de alguns novos componentes, o grupo se cotizou e o projeto floresceu, com uma periclitante infraestrutura financeira. Em abril de 1978, aparecia então o número zero do Jornal *Lampião* – fato quase escandaloso para as pudicas esquerda e direita brasileiras, acostumadas ao recato, acima de tudo.

Para Macrae (2018, p. 43), a ideia inicial dos editores do *Lampião* era trabalhar não somente os temas ligados a homossexualidade, mas também alianças com outros movimentos como o negro, feminista, indígena e ecologista, para realizarem reivindicações específicas. Se por um lado essas alianças não foram concretizadas em sua totalidade, por outro o *Lampião* se firmava como o bastião do movimento homossexual no Brasil. Segundo Macrae (2018, p. 43), "[o] *Lampião* certamente se mostrava de grande importância, na medida em que abordava

1 "O nome registado do jornal era, na verdade *Lampião da Esquina*, artifício utilizado apenas para contornar o fato de que alguém anteriormente já patenteara o nome '*Lampião'.* Como a empresa editorial se chamava Esquina, o sentido do nome continuava ambivalente". (TREVISAN, 2018, p.317)

sistematicamente aspectos políticos, existenciais e culturais da homossexualidade de forma positiva, recusando os antigos enfoques pejorativos, até então hegemônicos". O Lampião foi o grande veículo catalisador que impulsionou a criação de diversos grupos de homossexuais para reivindicarem seus direitos perante o governo e a sociedade. O nascimento do primeiro grupo ocorreu em São Paulo poucos meses após o lançamento do *Lampião* (TREVISAN, 2018, 316-323).

Faziam parte desse primeiro grupo de homossexuais jovens atores, profissionais liberais e estudantes. O grupo permaneceu pequeno por aproximadamente um ano, arregimentava novos membros à maneira de clubes fechados de gays e lésbicas. Podemos afirmar que o jornal é um dos marcos do início do movimento pelos direitos de homossexuais no Brasil. A partir do *Lampião,* homossexuais de norte a sul do país começaram a se organizar, a tomar consciência de classe, dando corpo ao movimento homossexual no país. O primeiro deles ocorrera poucos meses depois do lançamento do número zero do jornal, em São Paulo, e contava com a participação de um dos idealizadores e editores do *Lampião,* João Silvério Trevisan. O grupo não tinha nome fixo; os temas debatidos procuravam explorar as vivências dos membros enquanto homossexuais e havia a preocupação de não ser cooptado nem pela esquerda e tão pouco pela direita. Se o por um lado o grupo era político/politizado, por outro não era – e não desejava ser – político-partidário (TREVISAN, 2018, p.317-319).

O marco para a consolidação desse grupo foi 8 de fevereiro de 1978, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, quando o grupo fez sua estreia em um debate público em um auditório repleto de estudantes e profissionais da esquerda universitária cuja preocupação era como derrubar o regime de governo, e não as causas das minorias. Na noite anterior, com um público majoritariamente branco, a esquerda universitária já tinha atacado representantes do movimento negro, acusando-os de estarem promovendo uma "discussão existencial". Diante dos ataques, o grupo de homossexuais conquistou seu espaço político. Para Trevisan (2018, p. 322)

> O resultado mais concreto do debate da USP foi uma surpreendente afluência de participantes do grupo que, a partir dali, se consagrou definitivamente como Somos – nome "expressivo, afirmativo, palindrômico, rico em semiótica e sem contraindicações", como dizia um documento por nós publicado na época. Oficialmente definido com o nome Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, de dez gatos-pingados, chegamos rapidamente a uma média de cem pessoas.

Posteriormente, prossegue o autor

> No começo da década de 1980, já havia outros grupos ativistas gueis em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, João Pessoa e no interior do Estado de São Paulo. A experiência do Somos, por sua vez, tinha

> amadurecido e começava então a trilhar caminhos um pouco mais complexos. (TREVISAN, 2018, p. 324)

Tanto o Somos quanto o *Lampião* foram fundamentais para a tomada de consciência e início da luta pelos direitos dos homossexuais no Brasil. Contudo, o pioneirismo tem o seu ônus, e ambas as organizações passaram por diversas questões internas e externas que fizeram com que tivessem um encurtamento de suas vidas a serviço da comunidade homossexual; mas é certo afirmar que o Somos e o *Lampião* foram, na maior parte de suas trajetórias, faróis para o movimento homossexual no Brasil em plena ditadura militar.

O Somos foi engolido pela esquerda que, na sanha por arregimentar novos membros, via no movimento homossexual mais uma oportunidade para engrossar suas fileiras na luta em favor do proletariado. A Convergência Socialista implantou membros de suas linhas dentro do Somos, com o único intuito de cooptar e de, se possível, tomar o controle do movimento homossexual para que pudesse ditar os caminhos que o grupo deveria seguir. Com o passar do tempo, com táticas de espionagem e de guerrilha que não mediam esforços, obtiveram o seu sucesso, pois uma parte dos membros do Somos passou a admitir a necessidade das lutas e objetivos do movimento homossexual ser orientado por um partido, para dar-lhe um sentido proletário. Em 1° de maio de 1980, no estádio de Vila Euclides, em São Paulo, um grupo de homossexuais desfilou em frente de milhares de sindicalistas e outros membros da esquerda, como se num pedido de benção (TREVISAN, 2018, p. 328-332). Para Trevisan (2018, p. 332), "[n]a prática, isso significou o início da domesticação do nascente movimento homossexual brasileiro, cujo discurso de originalidade ainda incipiente começava a ser sufocado antes mesmo de florescer. E não sei se, depois disso, ele jamais se recuperaria". E dessa forma, o grupo Somos foi perdendo suas características, deixando de lado a luta por direitos para homossexuais e se alinhando à luta do proletariado, como se fizesse parte da mesma. Os que não mediram esforços para dividir e controlar o Somos foram os mesmos que, com dedo em riste, condenariam dois homens se beijando por ocasião da inauguração de uma nova sede da Convergência Socialista, alegando que aquela atitude era contrária à moral proletária (TREVISAN, 2018, 332-335).

Figura 1 - Jornal *O Lampião*. Edição de março de 1980 (à esquerda) e junho de 1979 (à direita).

Foto: Reprodução

A equipe do *Lampião* se assustou com essa investida partidária sobre o movimento homossexual que, para além do eixo Rio-São Paulo, ocorria em todo o Brasil. Dessa forma, o jornal se afastou dos grupos organizados e, de forma autônoma, seguiu na luta pelos direitos de homossexuais, não deixando, é claro, de manifestar-se contra os rumos que os grupos que lutavam por esses mesmos direitos estavam tomando. O afastamento do *Lampião* desses grupos trouxe graves problemas financeiros para o jornal, que sempre dependeu da venda direta, já que muitos gays militantes eram orientados a boicotar o *Lampião*. Com problemas financeiros, o jornal não conseguiu acompanhar as exigências jornalísticas da época e acabou sendo engolido pelos grandes jornais diários mais progressistas e modernos da época. Os assuntos que garantiam ao *Lampião* estrondoso destaque nas bancas foram diluídos dentro dos grandes jornais, esvaziando o brilho e a importância do primeiro jornal para o público homossexual no Brasil. Em julho de 1981, o jornal deixou de existir, após 37 publicações em 3 anos, com distribuição para todo o país (TREVISAN, 2018 p. 336-338; RODRIGUES, 2018, 237-242).

A década de 1980 foi marcada pela redemocratização do país, pela eleição e morte do primeiro Presidente civil após duas décadas de ditadura militar, pela promulgação da Constituição Cidadã de 1988 e pela chegada da epidemia de Aids ao Brasil. A população entrou em pânico com medo de ser contaminada e essa situação perdurou até os meados dos

anos 1990. A prática homossexual logo foi escolhida como culpada pela epidemia, como afirma Trevisan (2018, p. 412): "[a]nte ao fantasma da morte, elegeu-se um bode expiatório, como sempre acontece nas grandes calamidades públicas e nas fobias daí resultantes. De execrada, a homossexualidade tornou-se maldita". Ter Aids nesse período era como se você tivesse uma placa na testa dizendo "eu sou viado e um perigo para a sociedade". Nos primeiros anos da epidemia, os homossexuais foram execrados, perseguidos e ameaçados. Soluções profiláticas foram discutidas, artistas que foram contaminados pelo vírus sofreram preconceito e tiveram suas vidas expostas em capas de revistas, comentaristas de importantes jornais pregavam contra o investimento em pesquisas e tratamentos para o "câncer gay", leitores escreviam para os jornais sugerindo um "campo de concentração" para separar os contaminados da população sadia, ataques a estabelecimentos dedicados ao público homossexual aconteceram enquanto políticos evangélicos endossavam todas as barbáries com a alegação que o povo tinha o direito de se proteger contra a imoralidade. Dentre outros ataques, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, com sua campanha de moralização sexual, proibiu o ingresso de homossexuais em uma escola da rede municipal, sob a alegação de que poderiam contaminar as crianças (TREVISAN, 2018, p. 412-416). Inúmeras manifestações de homofobia e preconceito, disfarçados como preocupação com a saúde pública, ocorriam diariamente, sem que a comunidade gay tivesse a quem recorrer, pois até mesmo a justiça parecia estar ao lado da barbárie. Segundo Trevisan (2018, p. 416)

> Mesmo reprovando a brutalidade dos métodos policiais, a área jurídica brandia o imbatível argumento das 'prioridades da saúde pública'. Celso Bastos, então professor de direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e diretor-geral do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, acreditava que o Estado tem autoridade para determinar quando os direitos individuais dever ser suspensos 'diante de um direito impostergável da sociedade de proteger-se': de modo que 'não apresenta nenhuma ilegalidade a exigência de submissão a testes' em indivíduos suspeitos, mesmo contra sua vontade – desde que seja uma coerção por meios legais. Semelhante raciocínio ocorria entre os militares.

A religião de matriz cristã, mais uma vez, cumpre com o seu papel excludente e engrossa as linhas contra a homossexualidade. Sobre o pretexto de frear a epidemia de Aids, inúmeras entidades religiosas começam a oferecer cursos e seminários prometendo a cura do "homossexualismo[2]". Com certa regularidade, Igreja Universal do Reino de Deus passa a publicar em seu periódico testemunhos de fé de membros que, segundo os mesmos, teriam "se curado de sua homossexualidade". Em Salvador foi criado, por um político evangélico, um

2 Em 1993, a Organização Mundial da Saúde retirou o eliminou o homossexualismo de seu Cadastro Internacional de Doenças (CID). No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia, através da Resolução nº 1, de 1999, repudiou a discriminação a homossexuais e deixou claro que homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão (TREVISAN, 2018, p. 356).

centro de reabilitação de homossexuais que mesclava ensinamentos bíblicos com terapias ocupacionais para promover a "recuperação" dos gays. O mesmo ocorrera no Rio de Janeiro, onde um grupo de pastores também fizeram o mesmo, no estilo dos Alcoólicos Anônimos. Houve um caso, no Rio de Janeiro, que um membro da Igreja Universal do Reino de Deus decepou seu membro para não ser mais tentado a ter relações homossexuais. Mesmo após a Organização Mundial de Saúde – OMS – ter excluído a homossexualidade de seu quadro de doenças, diversos médicos se manifestaram dizendo terem como reverter a homossexualidade em heterossexualidade, com um tratamento progressivo até que o paciente passasse a sentir atração pelo sexo feminino (TREVISAN, 2018, p. 417).

A desinformação sobre a epidemia e a escolha de homossexuais como "bodes expiatórios" reforçou a homofobia já existente no cenário brasileiro. O que a sociedade não demorou muito a descobrir é que o vírus da Aids não respeita identidade de gênero, classe, etnia, idade, religião ou qualquer outra classificação socialmente imposta. O vírus da Aids não é seletivo, ele é democrático. Esse caráter não excludente talvez tenha sido um dos principais fatores que moveu o governo brasileiro a adotar medidas de prevenção e controle do Aids no país. Para Trevisan (2018, p. 418),

> Depois de muita hesitação, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Prevenção e Controle da Aids. Em meio a tropeços e cabeçadas, que geraram repetidos protestos e pressão dos grupos de ativistas e soropositivos em todo o país, a política de aids abriu-se para várias frentes, muitas vezes corajosamente, organizando grupos de trabalho nos próprios focos críticos de contágio, como locais de prostituição, nas ruas e nos portos, e pontos de consumo de droga injetável.

Posteriormente, prossegue o autor:

> O quadro epidêmico assustador começou a reverter, como os estudos médicos mais sérios previram. À medida que diminuía a quantidade de homens homossexuais infectados, foi aumentando rapidamente o número de mulheres heterossexuais soropositivas, em todas as faixas etárias. Se na década de 1980 a proporção era de uma mulher para quarenta homens infectados, o Ministério da Saúde comunicava que, no final da década de 1990, já se chegava a uma mulher para cada dois homens soropositivos. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, emitido em 1999, a situação era preocupante entre as mulheres, pois a incidência média de infectadas, em todo o país, saltou de 2,8 casos por 100 mil habitantes, entre 1987 e 1991, para 12,3 casos por 100 mil habitantes, entre 1993 e 1997. Entre as faixas etárias de quinze e dezenove anos, já havia um número igual de homens e mulheres com HIV. Mais ainda, as estatísticas indicavam grande número de mulheres monogâmicas infectadas, conforme alerta dado por Pedro Chequer, chefe do Programa Nacional de DST/Aids, em 1997. Desmoronava assim a fantasia da peste guei. Fenômeno previsível e óbvio, o vírus não manifestava predileções sexuais, atacando indistintamente homos e héteros, para desencanto dos arautos da homofobia. (TREVISAN, 2018, p, 419-420)

A "heterossexualização" da epidemia não só fez com que o governo destinasse mais verbas para os programas do Ministério da Saúde, como também fez com que outros setores

da sociedade civil organizada se engajassem no combate à Aids e na prevenção contra o vírus. Historicamente contra a homossexualidade, a Igreja Católica, que no início não participara efetivamente na luta contra a Aids e que ainda, através de alguns membros de sua ala mais conservadora, brandia que o vírus era um castigo divino, se viu obrigada a rever sua postura mediante o novo cenário – afinal de contas, não eram mais somente homossexuais "pecadores" que estavam doentes: agora também eram crianças, donas de casa, chefes de família e pessoas das mais diversas classificações; dentre elas, obviamente, seguidores de seu credo, enfim, heterossexuais. Nesse engajamento, a Igreja Católica passa, inclusive, a receber repasses de verbas governamentais e materiais para que pudesse ajudar na prevenção da epidemia. Seguindo uma tendência norte americana e europeia, os programas de combate e prevenção à Aids buscaram firmar parcerias com grupos de ativismo homossexual, o que permitiu a criação de organizações não governamentais – ONGs que colaboraram no enfrentamento à epidemia. Essas ONGs, em sua maioria, recebiam repasses de verbas oriundas das três esferas governamentais: federal, estadual e municipal. Com essas e outras medidas, como a distribuição de medicamentos e preservativos através do Sistema Único de Saúde – SUS – e campanhas publicitárias mais explícitas, em pouco tempo o quadro epidêmico no Brasil teve uma grande melhora, fazendo com que a OMS considerasse o país um modelo no tratamento e prevenção à Aids, apesar de não ter um sistema de saúde pública adequado para sua população (TREVISAN, 2018, p. 420).

A participação de ONGs de defesa dos direitos dos homossexuais no combate e prevenção à Aids fez com que esses grupos tivessem contato com outras esferas do poder, até então jamais alcançados pelo ativismo; com isso, podemos dizer que houve um amadurecimento dessas ONGs quanto a se organizarem para lutar em prol da comunidade LGBTQIA+. Durante esse período, mais especificamente desde a década de 1990 em diante, também houve um início de quebra de paradigma em relação aos homossexuais, pois houve uma saída do gueto para os espaços abertos da sociedade, mesmo que sob o protesto ostensivo de camadas mais tradicionais da sociedade, lideradas por políticos de direita, por grupos religiosos neopentecostais e, também, da ala mais conservadora da Igreja Católica. Para Caetano, Nascimento e Rodrigues (2018, p. 294)

> A visibilidade de gays, bissexuais, lésbicas e trans nos últimos anos, indiscutivelmente, sofreu alterações e, por sua vez, os direitos civis, ainda que limitados, também tem sido ampliados. Para que tenham seus direitos civis reconhecidos, as LGBT precisaram tornarem-se visíveis no espaço público. Assim, reivindicaram e se apropriaram de identidades e reconstruíram suas performatividades e desejos. Em vários aspectos, negaram e/ou desconstruíram os discursos que as remetiam aos campos da doença, desvio, pecado, submissão e

> crime. Estas prerrogativas, em maior ou menor grau, constituíram o corpo discursivo dos movimentos sociais e ainda embalam o LGBT, quase 40 anos após os primeiros diagnósticos do HIV no Brasil.

Se nas décadas de 1980 e 1990 a comunidade gay teve que lutar contra o preconceito acentuado devido à epidemia de Aids, quase duas décadas depois a luta seria contra políticos com bases em eleitorado conservador, que usariam a pauta de costumes como trampolim para conseguirem ser eleitos. Dessa forma, seguindo uma tendência mundial, a eleição do candidato da extrema direita Jair Messias Bolsonaro ao cargo de Presidente da República Federativa do Brasil, um político do baixo clero e notoriamente homofóbico, nos mostra que uma parte considerável da sociedade brasileira se identifica com as pautas levantadas pelo mesmo, dentre elas, a valorização do que seria considerada, por esse grupo, a "família tradicional brasileira", constituída por "homem e mulher". Não se acaba o preconceito em relação à comunidade LGBTQIA+ da noite para o dia; ele vai se renovando a cada geração devido aos interesses de certos grupos dominantes da sociedade, seja por interesses políticos ou religiosos. Mesmo encontrando algumas barreiras, a comunidade LGBTQIA+ se afirma dentro da sociedade brasileira e vem ocupando cada vez mais o espaço que lhe foi negado historicamente, desde as ruas com suas manifestações culturais até a eleição do primeiro Senador da República[3] assumidamente homossexual, que deixou de fora um dos políticos mais tradicionais do Espírito Santo e notoriamente conhecido por sua posição contrária aos direitos da população LGBTQIA+ (BARBON, 2018, online).

1.2 **Visibilidades culturais como resistência!**

Durante as festividades do Carnaval, as transgressões aos valores impostos pela sociedade patriarcal baseada em uma cultura judaico cristã ocidental são permitidas de modo lúdico, vistas como "brincadeiras" de Carnaval. Homens heterossexuais vestidos como mulheres, com os lábios pintados com batom, usando lantejoulas e perucas e imitando trejeitos femininos são comuns nesse período e se misturam, facilmente, na multidão presente nos blocos carnavalescos, principalmente nos famosos "bloco das piranhas", existentes em grande parte das cidades brasileiras. Durante os dias do Carnaval, os foliões conseguem se

3 Fabiano Contarato, do Partido Rede de Solidariedade, foi eleito Senador da República pelo Estado do Espírito Santo, com 31,15% dos votos válidos, derrotando políticos tradicionais de seu Estado, dentre eles o Pastor Neopentenconstal Magno Malta, Partido da República, que ficou com 17,04% dos votos válidos.

livrar de algumas convenções sociais dentro de certos contextos e, mesmo que inconscientemente e de uma forma lúdica e caricata, se permitem experimentar o uso de vestimentas, maquiagens e outros itens do mundo feminino para brincar o Carnaval. Esse período de transgressões permissíveis foi – para alguns ainda é – propício para que se libertem de suas amarras heteronormativas impostas pela sociedade. Já para homossexuais, esse período se tornou um terreno fértil para que pudessem ocupar espaços e, mesmo que ainda sem uma intenção inicial, amainar os olhares da sociedade para com a comunidade gay.

Para Green (2019, p. 339-364), desde o início do século XX houve uma apropriação do Carnaval por parte de homossexuais, tornando-o um espaço de permissividade aos seus comportamentos. Surgem, nos anos 1940, os primeiros bailes dedicados a travestis, onde performances eram realizadas sem que houvesse algum empecilho ou censura por parte da sociedade ou de autoridades; nesses eventos, as principais regras eram o desregramento, onde os papeis masculino e feminino podiam ser trocados sem nenhuma hostilidade social ou punições. Nos idos dos anos 1950, os empresários do entretenimento viram um grande filão a ser explorado e, graças a um crescimento da subcultura homossexual na cidade do Rio de Janeiro num cenário pós-segunda guerra mundial, começaram a organizar os grandes bailes dedicados ao público homossexual, em especial a travestis que eram convidadas e incentivadas a participar com suas roupas e fantasias. Na década de 1970, esses bailes proliferaram pela cidade do Rio de Janeiro e passaram a ser parte integrante do Carnaval carioca. Os luxuosos desfiles de fantasia atraíam os holofotes da mídia nacional, internacional, participantes de todas as partes do mundo e serviam, mais do que mera competição indumentária, como vitrine para a subcultura homossexual. Os que não possuíam condições financeiras para frequentar tais eventos podiam frequentar os blocos que se multiplicavam pela cidade. Para Green (2019, p. 342), "[q]uando os desfiles das escolas de samba se tornaram um espetáculo turístico internacional, movimentando milhões de dólares, nos anos 60 e 70, os homossexuais também continuaram a desempenhar um papel-chave no planejamento e na execução do evento." Posteriormente, o autor afirma que

> A apropriação e transformação do Carnaval, por sua vez, teve um impacto importante no *status* mais geral dos homossexuais na sociedade brasileira. Embora os bailes de travestis e as bonecas tenham popularizado uma imagem unilateral dos homossexuais como travestis e grandes imitadores da beleza feminina, a cobertura da imprensa nesses eventos ampliou a visão do público sobre importantes elementos da subcultura homossexual. A atração de celebridades importantes a esses encontros contribuiu para o aumento da tolerância social em relação à homossexualidade. (GREEN, 2019, p. 342)

As afirmações de Green (2019, p. 342) e Trevisan (2018, p. 359-364) estão mais do que corretas: O Carnaval nunca foi tão diverso como na atualidade. Os bailes glamourosos estão cada vez mais escassos, contudo, o número de blocos carnavalescos LGBTQIA+ crescem a cada ano, arrastando não somente a comunidade LGBTQIA+, como também heterossexuais simpatizantes com a causa da comunidade. Se anteriormente esses blocos estavam concentrados no Rio de Janeiro, no tempo presente já alcançaram novos rumos, chegando a todas as capitais e grandes cidades do país. No ano de 2018, em Salvador, os blocos LGBTQIA+ assumiram o circuito Barra-Ondina, um dos principais do carnaval soteropolitano com nomes de peso como Claudia Leitte[4], Alinne Rosa e Daniela Mercury. A grande demanda do público fez com que o Grupo San Sebastian, operadora de eventos de Salvador, criasse a San Folia, responsável por comercializar os abadás e por atender diretamente à demanda da comunidade gay para o evento. Para José Augusto, um dos proprietários da San Sebastian, "a crescente nos blocos gays é justificada pela liberdade em curtir a folia sem as amarras sociais e do conservadorismo. Afina de contas, homossexuais sempre existiram na festa, mas restritos a guetos [...]" (ANJOS, 2018, online). O projeto "Carnaval de todas as cores" levou para as ruas do Distrito Federal a diversidade da comunidade LGBTQIA+. Foram 31 blocos que desfilaram pelas ruas da capital federal; destes, 20 fazem parte do Coletivo Fora do Armário, criado em 2018, que luta para que não haja retrocessos nos direitos da comunidade LGBTQIA+ (IZEL, 2020, online).

A cidade de São Paulo teve uma estimativa de levar 15 milhões de pessoas às ruas para os festejos de Carnaval no ano de 2020. Dos 678 blocos oficiais na rua, 60 são voltados para o público LGBTQIA+. Blocos como o "Meu Santo é Pop" inovaram com DJs substituindo as tradicionais marchinhas de Carnaval por músicas de artistas famosos do pop music, no mesmo estilo das baladas gays, quebrando o modo tradicional de brincar o Carnaval de rua. Se há alguns anos a cidade tinha blocos "gays friendly[5]", hoje a cidade tem o "Bloco Agrada Gregos", um bloco gay e "hetero friendly[6]" que, no ano de 2019 reuniu quase meio milhão de foliões. Para o Diretor do Centro Cultural da Diversidade da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, André Fischer, "O nosso Carnaval está ficando conhecido até mesmo na cena internacional, por ser mais organizado, e, com certeza, pela imensa visibilidade e protagonismo de gays, lésbicas, drag queens, travestis e pessoas trans". Essa

4 Por diversas veze, Claudia Leitte esteve envolvida em polêmicas com a comunidade LGBTQIA+. A primeira foi quando afirmou que preferia ter o filho macho a tê-lo gay, desde então a cantora coleciona declarações infelizes envolvendo o público LGBTQIA+ (BOL, 2016, online).
5 Gay friendly: Simpatizante da Comunidade LGBTQIA+.
6 Hetero friendly: Simpatizante de heterossexuais.

mudança do Carnaval de São Paulo, que já foi chamada de "túmulo do samba", mostra que a capacidade de se reinventar e de agregar. É fato que o Carnaval foi sumariamente engolido pela participação da comunidade LGBTQIA+ (DIAS, 2020, online).

Contrastando com São Paulo, para Felipe Martins, Editor do site e revista impressa *Rio Gay Life* e diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, o "Carnaval de rua LGBTI+ agoniza no Rio". Em 2020, somente três blocos com temática LGBTQIA+ desfilaram pelas ruas cariocas: Toco-Xona, Bangay e Bloco do Sapagode. Embora não sejam anunciados como blocos LGBTQIA+, mega blocos como o Bloco da Preta, Fervo da Lud, Bloco das Poderosas e a Banda de Ipanema conseguiram contar com grande participação de foliões da comunidade gay, contudo a Banda de Ipanema tenha sofrido algumas sanções do governo municipal, como a alteração do horário de desfile, tendo a Prefeitura voltado atrás de sua decisão após a repercussão pública. Devido às políticas públicas e à burocracia, diversos blocos não conseguiram cumprir as exigências da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que neste momento é comandada por Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Glauco von Ness, um dos organizadores do Bloco LGBTQIA+ Sayamos do Egito, "São tantas dificuldades que a prefeitura impõe que eu nem corri atrás de cadastrar o bloco na Riotur. Resolvi este ano fazer o bloco em local fechado para não ficar a mercê de impedimento da prefeitura". Dessa forma, o carnaval LGBTQIA+ do Rio de Janeiro vai agonizando e perdendo espaço para o de outras capitais do país (MARTINS, 2020, online).

Nos anos 1970 eclodiu no Brasil o que Trevisan (2018, p. 268 - 277) chama de "desbum guei". Para o autor

> A urgência de uma modernização em ambiente avesso à pratica política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí por que uma das palavras-chave do período foi o 'desbunde' ou 'desbum'. Alguém *desbundava* justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade (então recatadamente chamada de "androginia"). Talvez fosse possível detectar no início desse fenômeno em três núcleos deflagradores nas áreas de teatro e na música popular. Estou me referindo ao compositor-cantor Caetano Veloso, ao grupo teatral Dzi Croquettes e ao cantor Ney Matogrosso. (TREVISAN, 2018, p. 270).

Conforme Trevisan (2018, p. 270), Caetano Veloso surge no cenário musical nos idos de 1969. Após seu flerte com a esquerda ortodoxa, Caetano Veloso se desvincula de uma produção engajada dentro dos padrões proletário-nacionalistas das esquerdas, se libertando da

ideia de uma música popular brasileira pura, promovendo uma ruptura com o que vivera até ali. Para Trevisan (2018, p. 270) "Caetano preferiu falar de um Brasil moderno, que, a duras penas, nascia dentre as pernas da eletrônica, da televisão, da mídia em geral". Mesmo sendo criticado pela esquerda ortodoxa como "pequeno burguês alienado", Caetano foi preso pelo governo militar e expulso do Brasil, assim como seu amigo e também compositor e cantor Gilberto Gil. Ficaram exilados na Europa até o ano de 1972, quando retornaram ao Brasil. Trevisan (2018, p. 274) destaca ainda Ney Matogrosso como um fenômeno da música popular brasileira. Ex-vocalista do grupo Secos e Molhados (1973), Ney Matogrosso se tornou um sucesso avassalador em todo o Brasil, tendo uma voz inconfundível e uma postura de afronta sexual. Segundo Trevisan

> Ney inseria-se numa estética *glitter*, que aflorava nos grupos de rock ingleses de então. Ora de rosto maquiadíssimo, peito nu e longas saias, ora cheio de penas, com chifres enormes na cabeça e minúsculo tapa-sexo, ele se notabilizou pelo rebolado frenético e voz de contralto. Ídolo entre camadas de todas as idades e classes, Ney criou perplexidade na mídia. Homem? Mulher? Viado? Sua voz feminina – na realidade um raro registro de contratenor, sem nenhum falsete – contrastava com seu corpo másculo e peito peludo. (TREVISAN, 2018, p. 274)

Trevisan (2018, p. 298-301) nos relata que "as décadas de 1980 e 1990 viram se configurar aos poucos uma geração de novos artistas mais alerta para o significado pessoal de sua homossexualidade e desdobramentos sociais". Seria interessante separarmos três períodos da música produzida por cantores LGBTQIA+ e/ou executada por eles. Podemos destacar, nesse primeiro período, Cazuza[7], Renato Russo, Cássia Eller [8]e Edson Cordeiro como expoentes de nova geração de cantores e compositores que assumiram sua sexualidade publicamente, sem nenhum receio.

Cazuza e Renato Russo fugiam do estereótipo de homossexual cristalizado no imaginário do brasileiro: eram brancos, nascidos em famílias de classe média, compositores, cantores de banda de rock e tinham visibilidade nacional. Cazuza comandou a banda carioca Barão Vermelho antes de iniciar sua carreira solo, já Renato Russo era o líder do grupo Legião Urbana, ícones do rock nacional. Ambos foram vítimas da epidemia de Aids e faleceram ainda muito jovens, em um período ascendente de suas carreiras. Renato Russo afirmou que se assumir homossexual foi uma experiência muito boa em sua vida, pois lhe permitiu ter mais liberdade em seu trabalho, além de ser honesto com seu público. Muitas

[7] Tomamos como base de afirmação da sexualidade de Cazuza as informações contidas no livro *Devassos no Paraíso* (2018, p. 298-304) de João Silvério Trevisan.
[8] Tomamos como base de afirmação da sexualidade de Cássia Eller as informações contidas no livro *Devassos no Paraíso* (2018, p. 298-304) de João Silvério Trevisan.

canções de Renato Russo foram dedicadas ao tema da homossexualidade, "Vento do Litoral", por exemplo, foi composta para um ex-namorado do cantor, já em "Meninos e Meninas" o cantor aborda o tema da bissexualidade, a música que foi um grande sucesso da Legião Urbana tinha o refrão "Acho que gosto de São Paulo, gosto de São João, gosto de São Francisco e São Sebastião, e eu gosto de meninos e meninas". O amor, a doença e a morte iminente deixaram marcas nas canções de ambos os cantores. Nos últimos anos de vida, Renato Russo tomou atitudes militantes a favor dos direitos da comunidade homossexual; seu CD *The Stonewall Celebration Concert* comemorava os 25 anos da Revolta de Stonewall, continha um triângulo rosa[9] no meio do compacto e uma lista de entidades, dentre elas, grupos de libertação homossexual e de assistência a vítimas de Aids. Considerada a 18ª maior voz e 40ª maior artista brasileira pela revista *Rolling Stone Brasil* (2012), Cássia Eller, assumidamente homossexual, manteve um relacionamento conjugal por 12 anos com sua mulher. Segundo Trevisan (2018, p. 299), a cantora declarou que sua vida melhorou muito após ter se assumido para seu filho e sua família, o que lhe permitiu revelar que várias de suas canções descreviam a história de seu relacionamento com sua esposa. Segundo Trevisan (2019, p. 299-304), Edson Cordeiro começou a se sentir desonesto em não revelar ao seu público sua homossexualidade e, quando o fez, não sentiu que nada de mal lhe acontecera. Segundo o autor, ele "estava consciente de que sua visibilidade homossexual podia se tornar útil para combater o preconceito e tornar um pouco menos conflituosa a vida de jovens homossexuais no país inteiro". Para Trevisan (2018, p. 299),

> Mesmo assaltada por eventuais medos e inseguranças, essa geração se disponibilizou em assumir criativamente sua homossexualidade, como ídolos da música popular nunca tinham feito até então. Tanto nas letras das canções cantadas pela juventude do país inteiro, como através de entrevistas e em atitudes isoladas que repercutiram na mídia, manifestou-se com atrevimento e convicção o seu amor contra a corrente.

Em um segundo período, encontramos Ana Carolina, Maria Gadu, Isabella Taviani, Daniela Mercury e Lulu Santos. Incluímos Lulu Santos neste grupo por ele ter assumido recentemente sua homossexualidade, embora também fosse plausível o encaixe do mesmo no primeiro grupo. Em entrevista a Bruno Segadilha (2016), Ana Carolina falou sobre sua carreira, família e novos empreendimentos. A cantora, que já vendeu mais de 5 milhões de discos, conquistou o público com suas canções que trazem letras que, embora não sejam diretamente ligadas a questões de aceitação da sexualidade, remetem a isso. Assumidamente bissexual, revela que teve mais relacionamentos com mulheres do que com homens.

[9] O triângulo rosa era o símbolo usado pela Alemanha nazista para identificar a população homossexual nos campos de concentração.

Saindo de São Paulo para tocar na noite carioca nos idos de 2008, Maria Gadú caiu nas graças de nomes consagrados como Caetano Veloso e Milton Nascimento e, a partir daí, emplacou vários sucessos; em 2009, participou da minissérie "Maysa, quando fala o coração" da Rede Globo de Televisão. Assumidamente lésbica, não se considera ativista, embora tenha um grande público na comunidade lésbica (BOL, 2018, online). Em 2003 a carioca Isabella Taviani desponta no cenário musical com letras que deixam transparecer sua lesbianidade. Em entrevista à revista *Isto É*, Taviani revela estar em um momento de liberdade e paz consigo mesma, com sua família e esposa, e se considera uma cantora lésbica que fala, em suas canções, sobre todos os níveis de relacionamento e de amor. Considera que o fato de ser lésbica lhe permite expressar seus sentimentos de uma forma mais ampla e livre de amarras. Para Taviani, o fato de Cássia Eller ter assumido sua homossexualidade nos anos 1990 lhe serviu, dentre outras coisas, como exemplo para não ceder às conveniências e convenções artísticas (ISTO É, 2012, online).

Talvez a mais engajada politicamente na causa da comunidade LGBTQIA+, Daniela Mercury, considerada pela mídia hegemônica a "eterna rainha do Axé", se assumiu lésbica após dois casamentos heterossexuais. Casada com a jornalista Malu Verçosa, Daniela Mercury viu a necessidade do casal se engajar na luta pelos direitos LGBTQIA+ em um momento crítico para a comunidade, quando o Deputado Federal Marcos Feliciano, do Partido Social Cristão pelo Estado de São Paulo – PSC/SP, pastor da Igreja Assembleia de Deus e então presidente da Comissão de Direitos Humanos, proferia agressões contra a população LGBTQIA+ com o apoio da chamada bancada evangélica da Câmara dos Deputados. Daniela Mercury considera que ter se assumido lésbica foi, além de ter sido um desejo do casal, uma atitude política para dar visibilidade e força ao movimento pelos direitos da comunidade. Para a cantora, é importante a naturalização e aceitação por parte da sociedade a existência de casais homossexuais (SEGADILHA, 2014, online). Em 2019, Daniela Mercury e a esposa Malu Verçosa, a partir de uma solicitação dos Deputados Federais Erika Kokay, do Partido dos Trabalhadores do Distrito Federal – PT/DF e David Miranda, do Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro – PSOL/RJ, estiveram entre os homenageados na sessão solene pelos 50 anos do Levante de *Stonewall*. Ocupando a tribuna do plenário, Daniela Mercury declarou "Vamos fazer várias rebeliões inspiradas em *Stonewall* todos os dias até que este Congresso faça as leis necessárias" (RODRIGUES, 2019, online). Outro ícone da música popular brasileira, Lulu Santos, após viver um casamento heterossexual por 28 anos, assumiu sua homossexualidade e seu relacionamento com Clebson Teixeira. Em 2017, o cantor reagiu publicamente contra uma decisão da Justiça Federal que

permitia que psicólogos tratassem gays e lésbicas como doentes, podendo fazer a utilização de terapias de reversão sexual (PORTAL DO HOLANDA, 2018, online). Neste grupo devemos também incluir Ludmilla, Anitta e Preta Gil que assumiram sua sexualidade e levantam a bandeira pela causa LGBTQIA+ tendo, em seus repertórios, músicas de empoderamento que impulsionam o movimento LGBTQIA+.

Figura 2 - Daniela Mercury e a esposa Malu Verçosa em um momento icônico para a comunidade LGBTQIA+ na sessão solene do Congresso Nacional pelos 50 anos do Levante de *Stonewall*

Foto: Lula Marques.

Em um terceiro momento, surgem cantores com uma proposta de subversão ao *status quo* de gênero e sexualidade na música. Para Gonçalves (2020, posição 1133, kindle) "A lista é vasta e conta com drag queens (como Pabllo Vittar, Glória Groove e Lia Clark), mulheres trans (Linn da Quebrada, Raquel Virgínia e Assucena Assucena) [...] e sujeitos que borram a fronteira binária de gênero (como Liniker, Lineker, Johnny Hooker e Jaloo)". Em comum, tais artistas tiveram o início de suas carreiras de forma independente das grandes gravadoras e das mídias tradicionais como rádio e televisão, alcançaram a fama através de suas redes sociais e plataformas de vídeo como o Youtube. Para Gonçalves (2020, posição 1133, kindle)

> A música popular, dentro da cultura brasileira, tem cada vez mais se apresentado como um importante catalisador da discussão pública acerca da questão LGBT, tornando visível o que outrora foi marginalizado e até mesmo banido da esfera pública – ultrapassando a própria criação e preocupação estética da música. A ascensão da *drag queen* Pabllo Vittar talvez nos ajude a dimensionar as proporções tomadas ultimamente.

Com mais de 10,2 milhões de seguidores no Instagram, 6,2 milhões de seguidores em seu canal do YouTube e com mais de 1 bilhão de visualizações de seus vídeos, Pabllo Vittar é a artista brasileira de maior nome na atualidade. A *Drag Queen* já apareceu na lista dos artistas mais influentes da Billboard, fez apresentação na ONU em evento sobre igualdade e inclusão e aniversário da Rainha Elizabeth II, foi indicada o Grammy Latino, apresentou-se durante a premiação da MTV EMA 2019, tendo vencido na categoria de Melhor Artista Brasileira (STANDKE, 2020, online). Mais do que um ícone da música, Pabllo Vittar se tornou um dos ícones da luta pelos direitos da população LGBTQIA+ no Brasil e se tornou um símbolo de resistência. Em entrevista a Tiago Dias (2020, online), Renato Gonçalves, autor do livro *Questões LGBT e música brasileira ontem e hoje: Textos reunidos* nos diz que "Todo produto cultural é fruto de uma época. Ter artistas LGBTQs+ consolidados também mostra a consolidação desse assunto na cultura. [...]. O sucesso desses artistas é um recado em relação a isso e aos avanços de sexualidade e gênero no debate."

Figura 3 - Pabllo Vittar sendo entrevistada pela MTV EMA em Sevilha, 2019.

Foto: Tristan Fewings/MTV 2019

Saindo da música para os palcos, dramaturgia levou para o teatro os dramas, sonhos, anseios e a visibilidade da comunidade LGBTQIA+. Trevisan (2018, p. 278) afirma que, em 1970, a peça *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá* causou um frenesi ao mostrar ao público a intimidade de homossexuais masculinos, tendo se tornado um grande sucesso de público de todos os tempos no teatro brasileiro, o que mereceu uma turnê em Nova York e várias remontagens sendo, em 1993, encenada por Raul Cortez, em um dos melhores papeis

de sua vida. Também no início dessa década, surgiu Dzi Croquetes, um grupo teatral *sui generis* que misturava os padrões de gênero, colocando nos palcos a ambiguidade identitária, o que foi um sucesso imediato para os jovens da época que ansiavam por liberdade de expressão. Para Trevisan (2018, p. 274) "graças a sua radicalidade [...], a intervenção dos Dzi Croquetes iniciou no Brasil um importante debate de política sexual, ao colocar em xeque os papeis instaurados e induzir a ambiguidade-bicha em contraposição à bicha-normalidade". Segundo Trevisan (2018, p. 278-280), embora tenham sido produzidas diversas peças teatrais com temas homossexuais – em 1978, 11 das 25 peças em cartaz em São Paulo tratavam do tema – o teatro nunca alcançou as grandes massas da população, pois o alto valor a ser pago para assistir uma peça fazia com que somente a classe burguesa tivesse acesso. O alcance a outras camadas da população, assim como o reconhecimento publico, só foi alcançado décadas mais tarde, após muita luta da comunidade LGBTQIA+.

Trevisan (2018, p. 543-544) observa que nas primeiras décadas do Século XXI, com a ebulição da comunidade LGBTQIA+, novas dramaturgias sobre os temas de interesse a essa população surgiram. Os temas antes discutidos somente nos guetos amadureceram e foram transferidos para os palcos. Autores como Caio Fernando Abreu, Marcelino Freire, Albano Martins Ribeiro, Mário de Andrade e Anita Malfatti, Luís Alberto Abreu, entre outros, tiveram textos adaptados para o teatro. Dentre as peças que foram montadas nesse período, ousamos destacar duas: primeiro, o musical *Madame Satã*, que nos traz a história da primeira travesti do Brasil. Prostituição, pobreza, homofobia, intolerância, racismo e homoafetividade são alguns dos temas abordados no musical que tem como inspiração a biografia de Madame Satã [10](ANDRADE, 2018, online). A segunda peça que merece um destaque, tanto pela qualidade da peça quanto pelas questões levantadas, é *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, original escrito pela escocesa transexual Jo Clifford. A montagem brasileira, dirigida por Natalia Mallo, tem a atriz transexual Renata Carvalho no papel de Jesus Cristo. A peça reflete sobre relações de empatia e levanta reflexões sobre os grupos historicamente oprimidos: mulheres, prostitutas, homossexuais, transexuais. A reflexão proposta por Clifford é que qualquer um ser humano pode assumir a posição de filho de Deus: Jesus pode ser qualquer uma pessoa na terra. Essa reflexão levantou a ira de grupos religiosos conservadores que não aceitam que o papel de Jesus Cristo seja interpretado por uma mulher transexual (MALUF, 2017, online).

10 Madame Satã era a alcunha de João Francisco dos Santos. Malandro, pai, lutador, excelente cozinheiro, foi a primeira travesti artista do Brasil, tendo sido amigo de Carmem Miranda. Viveu no Rio de Janeiro, onde fez fama nos Teatros da Praça Tiradentes e no bairro boêmio da Lapa, onde também exercia um papel de líder comunitário (DURT, 1985).

Embora o teatro tenha dado visibilidade aos temas homoeróticos, foi na televisão que essa visibilidade alcançou democraticamente todo o país. Antes de falarmos da inserção de personagens e casais homossexuais nas novelas da Rede Globo de Televisão a partir da década de 1980, faz-se necessário falarmos dos programas humorísticos que abordavam a temática já a partir da década de 1970, mesmo obedecendo a um rigoroso código de moral que vetava a apresentação de conteúdos que pudessem atentar contra a moral e os bons costumes da época ou promover "obscenidades" e formas de "perversão sexual". Conforme Trevisan (2018, p. 292-293), já na década de 1970, um dos personagens do humorístico *Os Trapalhões* arrancava risos com seus trejeitos e tiques afeminados. Anos mais tarde, foi a vez de Jorge Lafond, um ator negro de 1,98 de altura, se apresentar com o personagem homossexual Soldado Divino e, posteriormente, no Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, se eternizar no humorístico *A Praça é Nossa* com a personagem Vera Verão, uma "quase mulher". Em *Chico City* e, em seguida, no programa *Chico Anysio Show*, Chico Anysio eternizou o personagem Painho, um pai de santo homossexual que falava afetadamente, que desdenhava mulheres e que tinha "chiliques" ao ver homens bonitos.

Um dos personagens com maior grau de atrevimento para a época foi o Capitão Gay, interpretado por Jô Soares em seu humorístico *Viva o Gordo*. O personagem aparecia sempre acompanhado de seu assistente, um negro alto chamado Carlos Suely, que se definia como 20% Carlos e 80% Suely. O personagem ironizava tanto a direita quanto a esquerda política; o programa foi acusado de fazer "apologia ao homossexualismo" devido ao sucesso alcançado e pelo fato de crianças na época incorporarem o personagem às suas brincadeiras, cantando o "rock do Capitão Gay". Patrício Brito deu vida a um outro personagem cômico na televisão, a sexóloga russa Olga del Volga, que apareceu pela primeira vez na novela *Um sonho a mais*, de 1985, na Rede Globo de Televisão e, dois anos mais tarde, no *Programa Hebe*, onde a personagem interagia com Hebe e respondia cartas de telespectadoras com problemas sexuais. No ano de 2015, com um personagem que é um dos grandes sucessos do humorístico *Vai que Cola*, do canal de TV por assinatura Multishow, Marcus Majella ganhou um talk-show para Ferdinando Beyoncé Ramirez Travacius: o *Ferdinando Show*. No programa, o personagem, que faz uma linha que beira o caricato, realiza entrevistas com celebridades, promove concursos, brinca com o público e com os convidados (TREVISAN, 2018, p.293-294).

Em 2015, o ator e professor Guilherme Terreri Lima Pereira deu vida à *Drag Queen* e Professora de Literatura Rita Von Hunty, em seu canal "*Tempero Drag"*. Rita von Hunty é formada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e em Letras pela Universidade de São Paulo. Inicialmente, seu plano era falar sobre culinária vegana, mas

Rita von Hunty se viu obrigada a falar sobre temas complexos e também atuais, como discurso de ódio, “fake news”, política, luta de classes e sobre a conjuntura atual do Brasil e do mundo. Rita quebra alguns estereótipos cristalizados no imaginário cultural, dentre eles, o de que as *drag queens* só sabem falar de maquiagem, roupa e sexo. Por um outro prisma, também quebra o estereótipo de que todo o professor é homem, branco e pedante (LEMOS, 2019, online). Com mais de 400 mil seguidores no Instagram e com quase 600 mil inscritos no canal *Tempero Drag*, Rita von Hunty é um dos expoentes do pensamento LGBTQIA+ no Brasil, através de uma linguagem que a aproxima do público e cumpre sua missão de educar politicamente parte da sociedade (GREGÓRIO, 2020, online).

Figura 4 - Rita Von Hunty é uma referência intelectual na comunidade LGBTQIA+.

Foto: Rita Von Hunty/ Divulgação

Uma das responsáveis pela visibilidade da comunidade LGBTQIA+ dentro da sociedade brasileira é a telenovela produzida pela Rede Globo de Televisão que, segundo Trevisan (2018, p. 542-543), desde 1970, com *Assim na terra como no céu*, busca inserir personagens homossexuais em suas produções. Se em alguns personagens a homossexualidade fica subentendida, como o relacionamento de tia Iris e Alice, interpretadas pelas atrizes Eva Wilma e Thaís de Campos, respectivamente, em *Fina Estampa* (2012), em outros fica completamente visível e às vezes caricato, como o personagem Crodoaldo Valério, vivido pelo ator Marcelo Serrado no mesmo folhetim. Para Oliveira (2018, p. 23)

> Com a ficção televisiva, principalmente a telenovela, desmistifica-se a visão demoníaca e bestial da homoafetividade, seus sujeitos saem dos guetos, dos prostíbulos, dos infernos pornográficos, das clínicas e sanatórios, dos

> confessionários e do não lugar a que estavam relegados. O padrão de representação pode estar longe do que realmente sejam os homossexuais, restritos a condutas introspectivas, relacionamentos furtivos e sutis, tal como nas primeiras obras literárias de caráter homoerótico.

Em 1988, em *Vale Tudo,* Lala Deheinzelin e Christina Prochaska deram vida ao casal Cecília e Laís. Algumas falas das personagens sofreram censura, ainda vigente à época, por parte do Governo Brasileiro. A personagem Cecília morreu na trama, o que levantou uma grande discussão na novela e na vida real: quem fica com a herança no caso de falecimento de alguém que vivia um relacionamento homossexual? (CASTRO, 2018, online). Em *Pedra sobre pedra* (1992), Pedro Paulo Rangel deu vida a Adamastor, que nutria, desde criança, um amor platônico por seu amigo Carlão, personagem de Paulo Betti. Durante toda a trama, Adamastor se desdobra para ajudar Carlão a sair de suas enrascadas, mas nunca recebe o que almeja. Na reta final da novela, entra em cena o personagem vivido pelo ator Reinado Gonzaga: Paulo Henrique é um escrivão de polícia, homossexual assumido, que se aproxima de Adamastor e o encoraja a assumir seu amor por Carlão, o que esse faz sem que tenha o sentimento correspondido (LIMA, 2009, online). Em 1995, a novela *A próxima vítima* apresenta um casal de dois rapazes, Sandrinho e Jeferson, respectivamente vividos pelos atores André Gonçalves e Lui Mendes. Além de abordar a questão homossexual, a trama ainda envolvia a questão do relacionamento inter-racial. Neste folhetim, o preconceito foi para além das telas, visto que ambos os atores sofreram homofobia por causa dos personagens que interpretavam. Em 1997, na novela *Torre de Babel*, as personagens Leila e Rafaela, Silvia Pfeiffer e Christiane Torloni respectivamente, viviam um casal de lésbicas bem sucedidas e assumidas. O casal não foi aceito pelo público, o que fez com que o autor Silvio de Abreu matasse as duas personagens na explosão do shopping que dava o nome a novela. Em 2002 José Wilker e Otávio Müller deram vida ao casal Ariel e Tadeu na novela *Desejos de Mulher.* Os personagens eram casados desde o início da trama; mas o casal, assim como aquele formado por Leila e Rafaela de *Torre de Babel,* não caiu no gosto do público (CASTRO, 2018, online).

Em 2005, a Rede Globo de Televisão inovou ao mostrar, na novela *América*, a descoberta da homossexualidade por parte do personagem Junior, vivido por Bruno Gagliasso. Durante a trama, o jovem tímido se encanta pelo peão Zeca, personagem de Eron Cordeiro. Seria em *América* o primeiro beijo gay da teledramaturgia brasileira. Embora a cena do beijo entre Júnior e Zeca tivesse sido gravada sete vezes, a emissora vetou a exibição, o que deixou Bruno Gagliasso e a autora da novela, Glória Perez, frustrados. Em 2013 estreia a novela *Amor à Vida*, que traz Felix Khoury, homossexual vivido pelo ator Mateus Solano,

como antagonista da trama; na mesma novela, havia o casal formado por Niko e Eron, respectivamente vividos pelos atores Thiago Fragoso e Marcello Antony. No decorrer da trama são abordados diversos pontos referentes à homossexualidade, como o casamento, a paternidade, a "barriga de aluguel" e a aceitação pela família e sociedade. O personagem de Mateus Solano, inicialmente concebido como o grande vilão da novela, caiu no gosto do público, o que levou o autor a construir uma redenção para o personagem. Na trama, Eron se separa de Niko para ficar com Amarilys, personagem de Danielle Winits que fora a "barriga de aluguel" do casal. Após idas e vindas na trama, Niko e Felix ficam juntos e protagonizam o primeiro beijo homossexual da teledramaturgia brasileira, fato que foi notícia nos principais veículos de comunicação do país. Também é fato que o SBT exibiu, em 2011, um beijo entre as personagens Marcela e Marina, de Luciana Vendramini e Giselle Tigre, em *Amor e Revolução*, mas a emissora paulista não tem tradição em produção de telenovelas e a exibição do beijo entre as duas personagens não gerou o impacto do beijo entre Felix e Nico em *Amor a vida* (PEARSON, 2014, online).

Figura 5 - Beijo entre Felix e Niko em Amor à Vida

Foto: Divulgação Rede Globo de Televisão.

Giovanna Antonelli e Tainá Müller viveram o casal Clara e Marina na telenovela *Em Família*, exibida em 2014. Clara inicia a novela casada com Cadu, personagem de Reynaldo Gianecchini, mas durante o desenvolver da história, inicia um relacionamento com Marina. Embora não tenham caído no gosto do público, as duas tiveram uma sorte melhor do que as personagens de *Torre de Babel*, chegando a casar-se no final da trama, ambas vestidas como noivas (CASTRO, 2018, online). Também em 2014, a telenovela *Império* nos traz o

personagem Cláudio, vivido por José Mayer, empresário, casado, chefe de família e que mantêm um relacionamento amoroso com o jovem Leonardo, personagem vivido por Klebber Toledo. Sua esposa Beatriz, vivida pela atriz Suzy Rêgo, sabe do relacionamento e da vida passada de seu marido e, no momento em que o personagem Leonardo precisa de ajuda, essa pede ao marido que procure o então ex-namorado e lhe ofereça ajuda. Em outro núcleo da novela, o ator Ailton Graça interpreta Xana Summer (Adalberto da Silva) que, na realidade, não é uma transexual e tão pouco homossexual, mais sim um croosdresser[11]. No final da trama Xana/Adalberto da Silva se declara heterossexual e se casa com Naná, personagem de Vivane Araújo, adotam uma criança e formam um trisal com o personagem Antônio, vivido por Luci Ferreira. A novela causou impacto no ano de sua exibição, pois jogou luz sobre os relacionamentos extraconjugais homossexuais de homens casados que se intitulam heterossexuais e também por exibir um relacionamento triplo (MOREIRA, 2015, online)

Figura 6 - Trisal Antônio, Naná e Xana/Adalberto e o seu filho Luciano em "Império" (2014).

Foto: Divulgação Rede Globo de Televisão

Em *Babilônia*, exibida em 2015, dois ícones do teatro e da televisão brasileira, Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, deram vida ao casal Teresa e Estela, protagonizando um beijo que, para Trevisan (2018, p. 542-543) "marcou uma guinada quanto à visibilidade da população LGBT e a intensificação do debate sobre o seu modo de vida". Em 2016, na novela *Liberdade, Liberdade*, os personagens André e Tolentino, vividos por Caio Blat e Ricardo Pereira, protagonizaram a primeira cena de sexo homossexual na

[11] Pessoas que usam roupas associadas ao gênero oposto no dia a dia, por interesse ou fetiche, independente de sua identidade de gênero.

teledramaturgia brasileira. Se por um lado a cena decepcionou parte do público LGBTQIA+, que esperavam por cenas mais picantes, por outro quebrou um tabu de se mostrar dois homens praticando sexo em uma novela das onze horas (STIVALETTI, 2016, online). Em 2017, a novela *A força do querer*, escrita por Glória Perez, mostra a transição de gênero da personagem Ivana para Ivan, interpretados por Carol Duarte, e os conflitos gerados por esse processo tanto na personagem quanto no seu entorno, como família e amigos. Nesse transição de Ivana, a novela apresenta o caso real do jovem Tê, vivido pelo ator transexual Tarso Brant, que na trama ajuda Ivana em sua transição para Ivan. A força do querer nos traz, também, o ator Silvério Pereira interpretando a cantora e drag queen Elis Miranda. Como o trabalho de cantora não lhe proporciona meios financeiros de sustento, Elis Miranda cria o personagem José Nonato e se transveste de homem para conseguir o emprego de motorista na empresa da família de Ivana. Elis/Nonato tem papel fundamental durante o processo de transição e aceitação de Ivana. Ao final da trama, Ivan reencontra o ex-namorado da época em que ainda não tinha realizado sua transição e os dois iniciam um novo relacionamento. Em *O sétimo guardião*, novela exibida em 2018, o personagem Adamastor, vivido pelo ator Theodoro Cochrane, trabalha no hotel e na boate da cidade de Serro Azul, onde vive cercado de mulheres. Nega sua homossexualidade durante toda a trama; contudo, após doar esperma para que Stela, personagem de Vanessa Giácomo, engravide, se assume homossexual por medo da mesma se apaixonar por ele (PEREIRA, 2019, online).

Ícone na televisão, Rogéria se intitulava "o travesti da família brasileira". Trabalhou com grandes nomes da cultura nacional, como Fernanda Montenegro, Dalva de Oliveira, Carlos Machado e Bibi Ferreira, entre outros. Atriz, cantora, maquiadora, travesti e pioneira para todos LGBTQIA+. Em 1989, em *Tieta,* sua personagem Ninete era o braço direito da personagem Tieta, vivida por Beth Faria. Foi a primeira vez que uma atriz travesti ganhou papel de destaque em uma trama exibida às 21 horas [12](ARGEMON, 2019, online). Humorista, cantora, atriz e repórter, Nany People é uma das transexuais mais conhecidas do país. Em 2019, viveu o personagem Marcos Paulo que, na trama, também era uma mulher transexual que usava o nome de batismo por não querer ceder às convenções impostas pela sociedade. O personagem caiu no gosto do público, sendo dos grandes sucessos da novela (BANDEIRA, 2019, online).

Em 2019, a novela *A dona do pedaço* abordou vários temas ligados à comunidade LGBTQIA+: casamento homoafetivo, transexualidade, homofobia e transfobia. Agno,

12 O horário das 21:00h é o principal horário da teledramaturgia brasileira. A Rede Globo de Televisão adota o nome "novela das nove" para seus folhetins que são exibidos nesse horário.

personagem de Malvino Salvador, empresário bem sucedido, é casado com Lyris, vivida por Deborah Evelyn; é genro de Gladis (Nathalia Timberg); pai de Cássia (Mel Maia); e cunhado de Regis (Reynaldo Gianecchini), a quem sustenta durante anos no folhetim. Tem uma vida dupla, como chefe de família e homossexual; ama sua filha, tem desprezo pela sua esposa e costuma sair à noite, à procura de sexo com garotos de programa. Se apaixona por Rock, um jovem lutador de boxe vivido pelo ator Caio Castro, que tenta de todas as formas seduzir. Tenta esconder de todas as formas a sua sexualidade de sua família, mas essa é exposta após ele ser chantageado por Fabiana, personagem de Natalia Dill, que revela para Cássia, sua filha, a homossexualidade de Agno. Cássia manifesta homofobia durante boa parte do folhetim. No decorrer da novela, Rock lhe apresenta Leandro (Guilherme Leicam), um ex-pistoleiro que larga a vida de justiceiro e para ser faxineiro em uma academia – com quem, na reta final da trama, inicia um relacionamento amoroso. No desenvolver do drama, Cássia aceita o pai, que se casa com Leandro na última semana do folhetim. O personagem de Reinaldo Gianecchini, cúmplice da antagonista da novela e antes sustentado por Agno, se converte a uma Igreja Evangélica e condena o relacionamento do ex-cunhado (CASTRO, 2019, online). Em um outro núcleo da novela, a personagem transexual Britney, vivida pela atriz transexual Glamour Garcia, e o confeiteiro heterossexual Abel, personagem vivido pelo ator homossexual Pedro Carvalho, se apaixonam. No decorrer da novela, Abel tenta conquistar Britney a todo custo; ao descobrir que ela é transexual, pensa em desistir de seu amor, mas acaba aceitando sua transexualidade e se casam na última semana da novela. A novela exibiu o primeiro casamento e o primeiro beijo transexual do país (CASTRO, 2019, online).

Figura 7 - Casamento de Britney e Abel em “A Dona do Pedaço” (2019).

Foto: Divulgação Rede Globo de Televisão

A inserção de personagens LGBTQIA+ nas telenovelas e em outros produtos da Rede Globo de Televisão, juntamente com outras manifestações culturais e o trabalho promovido por lideranças LGBTQIA+, vem colaborando para a desmarginalização dessa população e abrindo caminhos para o debate público sobre essas questões. Trevisan (2018, p. 519) afirma que "[...] não se pode negar que, no Brasil do século XXI, a pauta de direitos LGBT avançou até um ponto sem retorno. Muitas podem ser as constatações. Basta conferir o crescimento das Paradas LGBT em número e prestígio [...]". Segundo o autor (2018, p 519-520). Em 21 edições, a Parada Gay de São Paulo se tornou um dos maiores eventos LGBTQIA+ do mundo, entrando em 2016 para o livro dos recordes (*Guinness Book*) como a maior parada gay do mundo, com a presença de 2,5 milhões de pessoas que lotaram a Avenida Paulista. Para fazer frente à diversidade da Parada Gay, as igrejas neopentecostais criaram a Marcha Para Jesus; o intuito desse segmento religioso era comparar a quantidade de pessoas que participariam de ambos os eventos; contudo, o Ministério Público Federal e a Prefeitura de São Paulo transferiram o local de realização do evento para evitar comparações. Por todo o Brasil, desde cidades pequenas e médias até as grandes capitais, as Paradas Gays se multiplicaram nos últimos anos; da mesma forma, a intolerância por parte dos membros de igrejas protestantes, em especial as neopentecostais, e de políticos membros das mesmas se multiplicaram. Em 2017, a 22ª Parada Gay do Rio de Janeiro aconteceu sem o apoio do governo municipal; usando como justificativa o corte orçamentário, a Prefeitura do Rio de Janeiro, comandada por Marcelo Crivella, ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, se negou a patrocinar o evento. Segundo Trevisan (2018, p. 352-353)

> O crescimento da Parada não foi um fato isolado. Antes, resultou da eclosão de uma nova geração mais pragmática dentro do movimento pelos direitos homossexuais. Assim, na última década do século XX, os grupos de ativistas multiplicaram-se significativamente em todo o país e passaram a atuar de forma mais direta, respondendo às tendências e necessidades diversificadas da comunidade homossexual. Fundou-se em 1995 a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), procurando implementar políticas de liberação e coordenar ações em todo o país. Em 1999, criou-se também o Fórum Paulista de Gays Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, voltado para atividades de direito homossexual no âmbito do estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, a pressão dos ativistas de direitos homossexuais levou a Secretaria de Segurança Pública a inaugurar um telefone Disque-Denúncia Homossexual e um Centro de Acompanhamento de Crimes e Discriminação contra Homossexual, em 1999. No mesmo ano, o Grupo Arco-Íris passou a coordenar cursos de reciclagem sobre homossexualidade para a Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Trevisan (2018, p. 347-348) revela que, a partir da década de 1990, o consumo de bens e serviços por parte da comunidade LGBTQIA+ cresceu vertiginosamente, o que revelou

à sociedade um novo nicho de consumidores até então inexplorado. Surgem de norte a sul do país publicações que mesclam conteúdos culturais e eróticos. Para fazer frente à carioca *Sui Generis*, surgiu a paulista *GMagazine*, que apresentava reportagens sobre direitos e atividades da comunidade LGBTQIA+ entre os ensaios fotográficos eróticos de personalidades nacionais, como jogadores de futebol, cantores e atores. Nas grandes livrarias, surgia a sessão com livros de temática homossexual, destacando-se a livraria Futuro Infinito, em São Paulo, e as Edições GLS, editora especializada em publicações de livros e ensaios para esse público. Parte do empresariado viu no poder de consumo da população LGBTQIA+ uma oportunidade de negócio e, nas últimas décadas, passou a investir pesado nesse mercado consumidor.

O poder econômico da comunidade LGBTQIA+, conhecido como "*Pink Money*" – dinheiro rosa –, tem sido visto como um grande aliado para essa população que, normalmente, tende a consumir bens e serviços de empresas que sejam engajadas ou simpatizantes de suas causas. Em 2011, foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, alguns dados sobre o Censo realizado em 2010. Os dados apurados naquele ano indicam que os casais homossexuais possuíam, proporcionalmente, renda média mensal maior do que a de casais heterossexuais. A pesquisa também revelou que quanto mais elevada a faixa salarial, menor a presença de heterossexuais no comando das famílias (SANTOS; NAION, 2011, online). Esse poder de consumo atrai cada vez mais marcas que querem sua fatia em um mercado que possui um potencial de consumo de mais de 302,58 bilhões de reais no Brasil (SILVA, 2019, p. 22). Para Oliveira (OLIVEIRA, 2018, p. 18)

> É com essa perspectiva que percebemos que a multiplicação dos discursos engendra, posiciona, marginaliza, mas, em outro sentido, também abre as portas para construir possibilidades e novos realocamentos de aceitação da condição homossexual, sobretudo a partir da literatura, da mídia e, mas recentemente, da publicidade.

No ano de 2020, por ocasião da passagem do dia 28 de junho, em que é comemorado o dia do Orgulho Gay e também o aniversário de 51 anos do Levante de Stonewall, várias empresas fizeram homenagens e demonstrações de apoio à comunidade LGBTQIA+. A Cervejaria Ambev reuniu suas marcas para apoiar o dia do Orgulho LGBTQIA+: no dia 21 de junho, caminhões da Cervejaria desfilaram pela Avenida Paulista formando a bandeira arco-íris que representa o movimento. Quando alinhados, de cima foi possível ler a frase "NADA PODE PARAR SEU ORGULHO #ORGULHONÃOPARA". Além do desfile dos caminhões, a empresa lançou uma campanha nas redes sociais: a cada compartilhamento da *hashtag* #OrgulhoNãoPara, a Ambev doará um real para ajudar a Casa 1, Casinha e Casarão Brasil, ONGs que desenvolvem trabalhos em favor da cidadania de população LGBTQIA+. Em

2016, a Cervejaria aderiu ao Fórum de Empresas e Direitos LGBTI+ e criou o grupo de funcionários Lager – Lesbian & Gay & Everyone Respected –, que se destina a propor e debater políticas internas de inclusão. Em 2017, a Skol, uma das marcas da cervejaria, já havia lançado uma edição limitada de latas com o logotipo da marca em arco-íris em homenagem ao Dia do Orgulho LGBTQIA+ (FILIPE, 2020, online).

Figura 8 - Caminhões da Cervejaria Ambev, na Av. Paulista, em apoio ao Dia do Orgulho LGBTQIA+ 2020

Foto: Ambev/Divulgação

Outra grande empresa brasileira que abraçou a bandeira arco-íris foi a Havaianas, que no mês do Orgulho LGBTQIA+ de 2020 lançou sua primeira linha *Pride*; 7% do valor líquido arrecadado com as vendas serão revertidos a projetos de combate à homofobia e apoio à comunidade. Para Fernando Romano, chefe de marketing da Alpargatas, dona da marca, "Como ação de marca atrelada a produto e parceria com ação social é a primeira vez que viemos a público com a causa LGBTI+. Mas é uma bandeira que já levantávamos. Em quase 60 anos de história, a Havaianas sempre calçou os pés de todo mundo". Em outra ação da marca, a empresa deixará de separar seus produtos nos sites por gênero (FILIPE, 2020, online). Além da Ambev e da Havaianas, dentre outras marcas mundiais que apoiam a causa pelos direitos LGBTQIA+, podemos citar: O Boticário, Natura, Apple, Microsoft, Google, Hp, Intel, Facebook, Twitter, Symantec, Ford, Coca-Cola, Pepsi, Absolut, Smirnoff, MacDonalds, Starbucks, Visa, Mastercard, American Express, Amazon, NetFlix, e-Bay, Jonhson & Jonhson, Procter & Gamble, Kimberly Clark, Colgate-Palmolive, Levi's, Nike, Adidas, United Airlines, American Airlines, Delta, Hilton, Marriott, Xerox, Disney dentre mais de 300 grandes empresas de grande porte e de alcance mundial (CIMINO, 2015, online).

Figura 9 - Propaganda da linha *Pride* da Havaianas, parte da campanha todo amor é bem-vindo. 2020.

Foto: Havaianas/Divulgação

Antes do advento da televisão, os dramas, sonhos e anseios dos homossexuais foram retratados na literatura homoerótica. Não temos a pretensão de listar, nesse subcapítulo, todos os autores e obras desse gênero escrito no país, tão pouco de fazer uma análise de suas obras; o intuito é apresentarmos alguns autores que abriram caminho para essa literatura e, também, alguns autores da virada do século XX para o XXI. A escolha desse recorte se faz necessária por entendermos a importância dos pioneiros nesse tipo de escrita, como Adolfo Caminha e João do Rio, e por considerarmos que a grande publicação de novas obras homoeróticas, e também o aumento de seu consumo, ocorreu a partir dos últimos anos do século XX e início do século XXI. Para Silva (2014, p. 66)

> "[...] a década de 1980 marca, no Brasil, uma espécie de *boom* da tematização da subcultura e do desejo gays na ficção brasileira. Quanto à década de 1990 e os primeiros anos do século XXI, vimos surgir e ir se solidificando, entre nós, essa literatura, firmando-se de forma bastante 'amadurecida', embora negada por uma parte de pesquisadores e desconhecida de outra."

A primeira obra a tratar do tema homoerotismo no Brasil foi publicada em 1895: *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, era centrado no romance entre Amaro, um ex-escravizado que prestava serviços à Marinha, e o jovem Aleixo, um rapaz branco de 15 anos. A história termina de forma trágica, com Amaro assassinando Aleixo após esse tê-lo traído com uma mulher. Para Trevisan (2018, p. 243), "Poucas vezes a literatura brasileira produziu uma obra tão corajosa e direita sobre amores proibidos. Num Brasil provinciano, recém-entrado na República, Caminha trata o amor homossexual com surpreendente naturalidade [...]". A obra

de Caminha foi perseguida desde sua publicação. Durante a ditadura de Getúlio Vargas, o livro foi recolhido sob a acusação de ser um livro comunista. Somente na década de 1980 novas edições da obra surgiram. Com a sua obra considerada por muito tempo como subliteratura, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Coelho Barreto, provocou escândalos ao publicar algumas de suas obras de nuances homoeróticas. Destacamos *Impotência* (1899), em que o personagem principal era um idoso que recordava de seus amores mal sucedidos com colegas de escola; e *Ódio* (1900), em que o personagem principal tem o prazer de espancar um colega, sendo esse o objeto de seu desejo. Em 1937, Jorge Amado nos apresenta a obra *Capitães da areia* (1937), onde adolescentes mantinham relações homossexuais entre si. A obra foi censurada pela ditadura de Getúlio Vargas e teve 800 exemplares queimados. Mencionamos ainda *Grande sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, em que o jagunço Riobaldo ama em segredo seu parceiro Diadorim e só vem a descobrir que esse era, na verdade, uma mulher ao desnudar seu corpo já falecido (TREVISAN, 2018, 250-254).

Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Rios, foi a primeira escritora a escrever sobre o lesboerotismo no Brasil. Escreveu mais de 40 romances e, em 1970, foi a primeira brasileira a alcançar a marca de um milhão de livros vendidos, sendo a primeira escritora a viver exclusivamente da venda de suas obras. A academia nunca lhe deu o valor que lhe era devido por ser um fenômeno de vendas e também devido às questões morais da época. A partir de 1964, com a ditadura militar, praticamente todas as suas obras foram censuradas. Em 1975, Aguinaldo Silva publica *Primeira Carta aos andróginos* (1975), em que, em plena sexta-feira santa, uma travesti e um marinheiro com o nome de Cristo se encontram e se amam até a morte, quando são arrebatados para os céus. Em 1985, Silvano Santiago escreveu um dos primeiros romances protagonizado por uma transexual: em *Stella Manhattan* (1985), a personagem principal tem um padrão de vida diferente das travestis no Brasil. *Passagem para um próximo sonho*, 1982, é um livro autobiográfico escrito por Hebert Daniel, que narra sua participação na guerrilha brasileira, seus dramas enquanto homossexual, seu exílio durante a ditadura militar de 1964 e sua vida como porteiro em uma sauna gay em Paris. Um dos expoentes de sua geração, Caio Fernando Abreu escreve, de uma forma curta e bem peculiar, sobre sexo, medo, morte e solidão. Com uma linguagem simples, coloquial, fluída e transgressora rompe com os padrões literários, deixando uma forte marca na literatura nacional. Sua primeira obra foi lançada em 1970: *Limite Branco* narra os dramas vividos por um jovem durante as transformações do país durante a ditadura militar. Considerada por muitos sua obra-prima, *Morangos Mofados* (1982), é o quarto livro de contos do autor e foi lançado em 1982. Nessa obra, o homoerotismo está presente de uma forma aberta em

Sargento Garcia, onde o autor narra o aliciamento e a iniciação homossexual de um jovem com o Sargento que lhe fizera o exame de admissão ao Exército. Também no conto *Aqueles dois*, fica subentendido durante todo o desenvolvimento do livro o interesse mútuo entre os protagonistas Saul e Raul e a dificuldade que ambos tinham de falar sobre sua sexualidade (TREVISAN, 2018, p.548-549).

Em 1998 foi lançado *O terceiro travesseiro*, de Nelson Luís de Carvalho, que se tornou um clássico da literatura LGBTQIA+. A obra narra a descoberta da sexualidade de dois jovens amigos de escola, Marcus e Renato. Após assumirem sua sexualidade, surge uma jovem garota que irá compor o triângulo poliamoroso ao qual nos remete o título do livro. Em 1999, Luís Capucho publica *Cinema Orly*, obra inspirada em uma antiga sala de cinema carioca, especializada em exibir filmes eróticos, que ficou conhecida como ponto de encontro de homossexuais para encontros furtivos. Em 2015, Diedra Roiz lança *O suave tom do abismo*, obra de ficção científica que transita pelo universo lésbico, cujo cenário é um futuro onde os costumes não dão espaço para quem queira viver fora das regras da sociedade. Em 2016, a escritora transexual Amara Moira publica *E se eu fosse puta*, obra que traz um relato autobiográfico sobre sua transição de gênero e suas experiências como profissional do sexo, abordando temas como o medo, angústias e o preconceito, revelando algumas verdades que a sociedade busca deixar escondidas (TREVISAN, 2018, p. 549-553).

Em seu artigo intitulado *A literatura de temática homoerótica e a* escrita *de si* (2014), Antônio de Pádua Dias da Silva faz menção a uma pesquisa financiada pelo CNPq em que mais de 200 títulos da literatura brasileira, de expressão homoerótica, foram catalogados até o ano de 2014. Isso evidencia tanto o crescimento do mercado editorial para a literatura homoerótica, como também o aumento significativo do número de autores a escrever sobre o tema e, consequentemente, o aumento do número de público leitor. Essa dinâmica é importante tanto para a visibilidade da população LGBTQIA+ quanto para a diminuição da homofobia vivida por essa população. Nesse contexto, encontramos *Águas Cálidas* (2011), de Kiko Riaze, que embora seja uma obra que trate sobre acerto de contas com o passado (RIAZE, 2020), trata também, através de uma abordagem não teórica, do deslocamento de identidade de gênero de um de seus personagens, o que nos permite lançarmos mãos da Teoria *Queer* para que possamos fazer a análise desse personagem.

2 TEORIA *QUEER* E DESLOCAMENTOS DE IDENTIDADE DE GÊNERO EM *ÁGUAS CÁLIDAS*

Conforme veremos no subcapítulo 2.1 deste trabalho, os primeiros estudos sobre questões de gênero nascem em meados da segunda metade do século XX, como uma reflexão sobre o feminismo e tudo aquilo que ele representa para os participantes, para a sociedade e para o próprio movimento. Já na década de 1980 surge, nos Estados Unidos, a Teoria *Queer*, que teria sua origem a partir dos estudos gays, lésbicos e feministas. Surge como um termo guarda-chuva que reuniria não só os homossexuais e lésbicas, mas todas demais categorias de gênero, sem distinções.

O termo *Queer* não possui tradução direta para a língua portuguesa; em inglês, possui uma conotação pejorativa, sendo imputado a todos os indivíduos que não se encaixam nas normas e regras estabelecidas culturalmente para o gênero de acordo com o binarismo heterossexual. Segundo Louro (2018, p. 83), podemos dizer que equivaleria a "sapatão", "bicha", "viado". Uma ofensa que de tanto ser repetida, acabou tendo o significado deslocado, sendo assumido afirmativamente por estudiosos e militantes LGBTQIA+. Para Louro (2018, p. 8)

> [...] *Queer* é estranho, raro esquisito. *Queer* é, também, o sujeito à sexualidade desviante homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e *drags*. É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares", do inexcedível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Louro (2018, p. 36) afirma que "a política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 1990, passam a utilizar esse termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica". O principal alvo desse grupo é a contestação de todo um conjunto de normas e padrões estabelecidos por uma sociedade heteronormativa patriarcal de base judaico-cristã, com um foco especial no combate à heteronormatividade compulsória impingida ao indivíduo por essa mesma sociedade.

No subcapítulo 2.2 faremos uma breve apresentação do autor de *Águas Cálidas*, Kiko Riaze, e em seguida, de uma forma sintética, apresentaremos os personagens principais do romance e o enredo da obra. No subcapítulo 2.3, abordaremos o deslocamento de identidade de gênero do personagem Daniel, um jovem rapaz que vive na pequena cidade de Armação

dos Ventos, onde se passa maior parte do romance. Heterossexual cisgênero[13], mantém uma relação heteroafetiva com a jovem Amanda, contudo, tem o seu descolamento de identidade de gênero iniciado ao encontrar Alex, um forasteiro que chega a Armação dos Ventos para tratar de assuntos de seu passado nesta cidade.

Utilizaremos a metáfora da viagem para podermos analisar o deslocamento de identidade de gênero de Daniel, onde o que mais importa não são somente o ponto de partida e o ponto de chegada, mas sim as transformações, descobertas e o amadurecimento adquirido durante o percurso. Para Louro (2018, p. 13)

> Na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. É possível pensar que esse sujeito também se lança uma viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar, e não o chegar. Não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto (LOURO, 2018, p. 13)

Para Hall (2003), dentro de cada um de nós existem inúmeras identidades, essas são contraditórias entre si e tentam, a todo instante, nos empurrar para as mais distintas direções, a tal ponto de que nossas identificações vão sendo contínua e constantemente deslocadas. Não há como possuirmos uma identidade única e latente que nos acompanhará do nascimento até a morte, caso isso ocorra é porque simplesmente não vivemos. Em certos momentos de nossas vidas, certo acontecimento, uma música, um toque, um olhar ou simplesmente um nada pode acionar um gatilho que disparará em cima de um alvo, e esse alvo é o despertar de uma identidade contida dentro de si.

2.1 **Teoria *Queer*: uma breve introdução**

As primeiras questões de gênero surgiram como uma reflexão sobre o feminismo, segundo Louro (2016), há mais de 50 anos. A filósofa francesa Simone de Beauvoir afirmou em seu livro *O Segundo Sexo*[14], originalmente publicado em 1949, que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher. Sua afirmação levanta uma contestação ao pensamento determinista que usava a biologia para explicar a inferiorização das mulheres e as

13 Pessoas que se reconhecem como pertencendo ao gênero que foram compulsoriamente designadas de acordo com o sexo biológico do nascimento.
14 BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo.* V. II. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967

desigualdades sociais entre os gêneros. Louro (2016, p. 18) continua ao afirmar que "fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente 'natural' e 'dado' em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura". Para Jimenez (2006, p. 69, tradução minha)

> Aceitamos, como sugere Foucault, que a sexualidade deve ser entendida não através do prisma tradicional de natureza univalente da teologia do Vaticano, mas sim através da dinâmica que ela estabelece com suas representações e discursos (loucura, punição, medicina, entre outros), dado que, a partir de seu ambiente sociocultural, estaríamos reconhecendo implicitamente que a dicotomia biológica secular entre homem e mulher tinha deve ser esquecida. O sexo, portanto, não seria apenas uma marca inata ou uma simples atividade, mas uma identidade em construção.[15]

O gênero, longe de ser um substantivo e muito menos ainda de ser um conjunto de atributos flutuantes, tem seu significado performativamente produzindo, sendo regido por um conjunto de práticas que visam regulá-lo de acordo com a coerência do gênero (BUTLER, 2018, p. 56). Nesse sentido, o gênero é a estilização reiterada continuamente do corpo, um conjunto de atos repetidos incessantemente no interior do indivíduo, o qual se cristaliza com o passar do tempo dando a esse corpo uma unidade, uma forma, uma classe "natural" de ser (BUTLER, 2018, p. 69).

Butler (2018) observa que as ambiguidades e incoerências nas práticas sexuais são suprimidas e reescritas, dentro da estrutura, pelo padrão imposto pela sociedade heteronormativa patriarcal, reforçando a ideia binária masculino/feminino; contudo, as mesmas operam como lugares de manifesto, intervenção, denúncia e deslocamento. Sendo os gêneros significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não podemos afirmar que eles sobrevenham de um sexo desta ou daquela forma. A diferenciação sexo/gênero nos sugere uma descontinuidade entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (BUTLER, 2018, p. 26). Para Butler (2018, p. 67)

> [...] a "unidade" do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de "heterossexualidade", "homossexualidade" e "bissexualidade", bem como os lugares subversivos de sua convergência e ressignificação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida – como se isso fosse possível.

15 *"si aceptamos, como sugiere Foucault, que la sexualidad debe entenderse no a través del prisma tradicional de la Naturaleza univalente de la teología vaticana, sino a través de la dinámica que establece con sus representaciones y discursos (locura, castigo, medicina, entre otros), a la vez que desde sus entornos socioculturales, estaríamos reconociendo implícitamente que la secular dicotomía biológica entre hombre y mujer debiera borrarse. El sexo, por consiguiente, no sería sólo un rasgo innato o una simple actividad, sino una identidad en construcción."*

Os primeiros estudos realizados sobre a Teoria *Queer* surgem no final do século XX, provenientes do encontro dos estudos culturais norte-americanos e do pós-estruturalismo francês, e possuem, como referenciais teóricos, os estudos de Foucault, Derrida e Judith Butler. Vale lembrar que o termo *queer* não possui uma tradução exata para a Língua Portuguesa; se traduzido literalmente, significará estranho, excêntrico, raro, o que nos remente a uma situação de questionamento, rebeldia, novidade e diversidade. Usado originalmente de forma pejorativa para com os homens e mulheres homossexuais, ao longo do tempo, o vocábulo passou a ser um termo que cobriria todas as categorias de gênero tidas como desviantes.

Para Louro (2018, p. 96), a teoria *queer* traz consigo um conceito inovador e perspicaz, que traz para o centro do discurso pensamentos e ideologias das mais diversas vertentes de gêneros e, por conseguinte, os problemas que carregam consigo. É uma representação de uma minoria que não deseja mais estar sob o julgo e domínio de uma sociedade heteronormativa patriarcal. Os teóricos enxergam na ressignificação do termo *queer* uma forma de transformação: o que antes era estranho, bizarro, hoje é libertador, diverso. Segundo Butler (2002, p. 58), "*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos". Mais do que lutar contra a heteronormatividade que relega à marginalização as categorias de gênero não binárias, "[...] ser *queer* é pensar na ambiguidade, na multiplicidade e na fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura" (MIRANDA; GARCIA, 2012, p. 1). Para Butler (2018, p. 27)

> [...] o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

O gênero está para a cultura de uma forma diversa, em que não importa se ele possui ou não correspondência com o sexo biológico. Segundo Salih (2018, p. 69), a sexualidade culturalmente construída jamais deve ser abandonada à margem, de uma maneira que às pessoas reste a função de como se reconhecer dentro de onde já se encontram inseridas e dar seguimento à construção já iniciada. É dentro desse processo de autorreconhecimento que, não raras vezes, o sujeito encontra sua sexualidade, mas prefere não expressá-la, pois uma vez que dê voz à sua sexualidade e a externalize, o sujeito estará quebrando os padrões instituídos

por uma sociedade heteronormativa e patriarcal, o que lhe poderá causar uma série de problemas a serem enfrentados em seu cotidiano.

Para Salih (2018, p. 71), "se aceitarmos que o gênero é construído e que não está, sob nenhuma forma, 'natural' ou inevitavelmente preso ao sexo, então a distinção entre sexo e gênero parecerá cada vez mais instável. Assim, o gênero é radicalmente independente do sexo." Butler (2018) descarta a ideia de que o sexo ou o gênero seriam uma substância permanente e imutável, argumentando que as coerências dessas categorias teriam sido construídas por uma cultura heterossexista, tendo como objetivo a perpetuação e manutenção de uma heterossexualidade compulsória, na qual ao ser humano seria imposto um comportamento heterossexual; independentemente de qual fosse o seu de gênero ou seus desejos, o indivíduo estaria fadado a se encaixar no que lhe fora atribuído. Para Butler (2018, p. 65) "o movimento pró-sexualidade no âmbito da teoria e da prática feministas tem efetivamente argumentado que a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos de convenções culturais heterossexuais e fálicas". Segundo Butler (2018, p. 65)

> Se a sexualidade é construída culturalmente no interior das relações de poder existentes, então a postulação de uma sexualidade normativa que esteja "antes", "fora" ou "além" do poder constitui uma impossibilidade cultural e um sonho politicamente impraticável, que adia a tarefa concreta e contemporânea de repensar as possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade nos próprios termos do poder.

Para além de uma crítica ao falocentrismo e à hegemonia heterossexual, Butler (2018) nos remete à ideia da problemática de se operar dentro da matriz cultural heteronormativa e da construção de identidades de gênero, sendo necessário lidar com as relações fálicas de poder. Essas mesmas relações usam de sua influência sobre os corpos para ditarem como devem se comportar para que se encaixem no que seria aceito pela sociedade em que estão inseridos. Para Butler (2018, p. 42), "[o] gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternadamente instituídas e abandonadas". O gênero seria uma sequência de ações, posturas, atitudes e procedimentos que ocorrem continuamente e infindavelmente, sendo inconcebível a existência de um indivíduo como agente social fora dos termos de gênero (SALIH, 2018, p. 68).

Butler (2018) nos fala da heterossexualização do desejo e da produção de oposições entre "feminino" e "masculino", e que os mesmos são compreendidos culturalmente com as características "macho" e "fêmea", sendo que as culturas com base em padrões patriarcais

heteronormativos buscam criar mecanismos de controle para que seja inibida a pluralidade de gênero, impedindo qualquer manifestação não binária de sexualidade, relegando-a à marginalidade. Segundo Louro (2018, p. 40), "a desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos". A partir dessa desconstrução, seria possível observar que cada um dos polos opostos carrega vestígios do outro e depende desse para que ~~se~~ possa criar um sentido próprio de si mesmo. A partir do momento que eu reconheço a identidade sexual do outro, eu me percebo como ser sexuado. Para Butler (2018, p. 47), "a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica".

O *queer* não busca somente quebrar todo um sistema de heterossexismo compulsório na sociedade contemporânea, mas visa trazer para o centro do discurso, abordado de maneira consciente, questões como o movimento social e a vida das minorias sexuais que por muito tempo vivem à sombra desta mesma sociedade. Fora do discurso da heteronormatividade, a teoria *queer* aponta para uma quebra do binarismo de gênero e aponta para uma proliferação e dispersão do mesmo. Para Seidman (1996, p. 13), a teoria *queer* manifesta-se como uma forma geral de teorização e classificação do corpo sexuado e de tudo o que está relacionado com este.

Louro (2017, p. 18-22) observa que, considerado a sexualidade como algo particular de cada indivíduo, algumas pessoas se permitem transitar entre as identidades ou práticas sexuais, desde que esse trânsito permaneça em segredo, sendo vivido quase que na clandestinidade. O que realmente preocupa esses indivíduos é a opinião pública, visto que, a manifestação afetiva de sujeitos e práticas não-heterossexuais em público tende a incomodar aqueles que ainda operam de acordo com os padrões impostos por uma sociedade patriarcal heteronormativa com bases na cultura judaico-cristã. Contudo, faz-se necessário a quebra de paradigmas para que se possa trazer à luz a todos os indivíduos que vivem nessas condições. Para Bourdieu (1979, p. 554)

> O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é.

Para Anjos (2000, p. 5), o gueto representaria um local onde seria possível o indivíduo viver sua sexualidade da maneira como bem entendesse, livre de todas as possíveis

condenações sociais e religiosas. A superação do gueto e, consequentemente, a conquista de novos espaços dentro da sociedade organizada, deram à comunidade *queer* a força necessária para superar o *status* de minoria marginal. Uma vez visíveis, suas reivindicações por liberdade e igualdades de direitos podem ser ouvidas por todos. Para Louro (2018, p. 28), alguns setores da sociedade passam a compreender a homossexualidade de uma forma transversal, que atravessaria dimensões de classe, etnia, nacionalidade, grau de instrução e etc. Assumindo um caráter libertador, as ações políticas de militantes da comunidade LGBTQI+ e de seus simpatizantes levam as questões relativas ao *queer* a terem maior visibilidade política e cultural dentro da sociedade, o que os leva a ocuparem novos espaços e, mesmo ainda estando à beira da marginalidade, os conduzem ao centro do discurso, seja de uma forma positiva ou negativa.

Para Louro (2018, p. 30), "para fazer parte da comunidade homossexual, seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se 'assumisse', isso é, revelasse seu 'segredo', tornando pública sua condição". Mais do que para fazer parte do grupo, assumir-se significa posicionar-se contra todo um sistema regido pelos padrões heteronormativos dentro de uma cultura judaico-cristã que visa, por meio da imposição quase que sumária, heterossexualizar a sexualidade alheia. Dentro desse contexto de resistência, a teoria *queer* alinha-se às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que durante o decorrer do século XX estudaram e problematizam as noções de sujeito e identidade.

Segundo Louro (2018, p. 85), "ao longo do século XX, teóricos de distintos campos ajudaram a descentralizar ou a perturbar o sujeito racional, coerente e unificado; o sujeito senhor de si, aparentemente livre e capaz de traçar, com suas próprias mãos, o seu destino". Um dos teóricos a seguir essa linha foi Foucault, que formulou novas questões a respeito da sexualidade e lançou dúvidas sobre a repressão que a mesma teria sofrido. Para ele, a sexualidade era construída discursivamente. Para Louro (2018, p. 85)

> O dispositivo da sexualidade vinha sendo construído pelos discursos da igreja, da psiquiatria, da sexologia, do direito, desde os finais do século XIX. Tais discursos produziam classificações, dividiram indivíduos e práticas, criaram "espécies" e "tipos" e, simultaneamente, modos de controlar a sexualidade.

Para Foucault (2005), o cristianismo desenvolveu mecanismos de controle e interdições morais universais centradas sobre o que seria a verdade sobre o sexo. Sob uma falsa figura moralista, o que o cristianismo pretendia era mostrar a todos o seu poder, convertendo em "pecado" aquilo que não poderia lhe trazer algum benefício. Nesse contexto, o objetivo seria a castração do prazer humano, conferindo ao sexo a única função de

reprodução; toda e qualquer prática sexual que não estivesse dentro dos planos cristãos estaria assumindo uma conduta desviante, sendo, de acordo com o cristianismo, passível de punições que poderiam chegar à pena de morte. Não somente a prática homossexual, mas também o sexo anal, o sexo oral e outras formas de prazer foram marginalizadas e assim continuam a ser até os dias atuais.

Spargo (2017, p. 24) nos relata que "Foucault não foi o primeiro a afirmar que a sexualidade é construída socialmente, mas é inegável que, a partir dos anos 1980, sua obra teve maior impacto e influência no avanço de estudos sobre gays e lésbicas, bem como nos estudos culturais sobre a sexualidade." Os estudos foucaultianos têm recebido algumas críticas devido, dentre outras coisas, ao seu eurocentrismo como perspectiva histórica e sua larga atenção dispensada para a história da sexualidade masculina. Contudo, suas ideias abrem caminho para o surgimento de uma nova abordagem para a produção do conhecimento sobre a sexualidade, sexo e poder, integrando, juntamente com as políticas sexuais dos anos 1970 e 1980, as bases para o nascimento da teoria *queer* (SPARGO, 2017).

Quando Foucault ainda trabalhava em sua obra *História da Sexualidade*, o vocábulo "homossexual" figurava no léxico médico e jurídico, contudo, o termo era evitado pelas pessoas que preferiam se audefinirem como "lésbicas" e "gays" (SPARGO, 2017). Segundo Spargo (2017, p. 24), "o termo "gay", usado no século XIX para designar mulheres de reputação duvidosa, foi adotado como alternativa a 'homossexual' nos anos 1960, para horror de algumas pessoas que lamentaram a corruptela de uma palavra inocente". Os sujeitos que se identificaram com esses termos estavam optando por se posicionarem perante a sociedade: "ser gay ou lésbica era uma questão de orgulho, não de patologia; uma questão de resistência, não de discrição" (SPARGO, 2017, p. 25). Assim como o feminismo desafiou a sociedade heteronormativa patriarcal em reação à condição da mulher, a libertação gay contestou a representação do desejo e discriminação, por parte da sociedade, das relações entre pessoas do mesmo sexo, abrindo espaço para manifestações, reivindicações, para o discurso sobre o tema e para o reconhecimento dos direitos dos mesmos (SPARGO, 2017).

Dentro desse contexto de libertação, protesto e afirmação, a Teoria *Queer* nasce como um movimento que abarca todos os gêneros. Atualmente, o termo *"queer"*, além do heterossexual e do homossexual, abarca todas as sexualidades que não se encaixam no binarismo masculino/feminino. Para Prieto (2015), em 1990 com a publicação do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler revolucionou a forma de conceber a identidade de gênero ao propor a desnaturalização dos conceitos de sexo, gênero e desejo para que fossem entendidos como construções que estabelecem normas culturais que

violariam a vontade de todos os outros indivíduos que não se ajustassem a eles, amadurecendo, assim, o trabalhado de Foucault sobre as teorias femininas de gênero. Para Spargo (2017, p.41), Butler

> [...] apresenta o gênero como um *efeito performativo* experimentado pelo indivíduo como uma identidade natural, e argumenta contra a suposição de que a categoria de identidade de gênero "mulher" possa ser a base de uma política feminina, afirmando que as tentativas de empregar qualquer identidade como base sustentarão de forma inevitável, embora inadvertida, as estruturas binárias das atuais relações de sexo, gênero e libidinais.

Para Butler (2018), o gênero é uma prática discursiva em andamento que, atualmente, está estruturada torno de pensamentos e comportamentos de matriz heterossexual, como se esse fosse o padrão do comportamento humano. O não nomear uma determinada identidade como base de sustentação de uma política de gênero significa colocar em pé de igualdade todos os gêneros. O *queer,* que fora concebido originalmente para contestar a oposição gênero / sexo biológico, assume um papel político dentro da sociedade, lutando contra a repressão e abrindo novos espaços para todos os gêneros. Na atualidade, o que assistimos são quebras de paradigmas que levam a cultura *queer* para a literatura, artes, mídia, política, publicidade e para tantos outros campos de atuação. Para Foucault (2005, p.48)

> Não somente assistimos a uma explosão visível de sexualidades heréticas, mas, sobretudo – esse é o ponto mais importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que ele se apoie em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos a multiplicação de sexualidades disparadas.

Tomando o sexo como uma identidade em construção (LOURO, 2016), não permitir que o indivíduo construa sua sexualidade é um ato de repressão que o põe à margem da sociedade. Para Louro (2016, p. 21) "hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas". Os comportamentos que não estão dentro dos padrões heteronormativos da sociedade acabam por serem reprimidos, lançados às margens da sociedade que, prefere, não raras vezes, vivenciar uma farsa. Para Amorós (1991, p.72):

> O oprimido parece estar condenado a não saber de si mesmo senão sob a forma de falsa consciência. Por sua vez, a falsa consciência, em qualquer de suas formas - mistificação, ambigüidade, reconciliações ilusórias, autocomplacência narcisista - é a cumplicidade mais eficaz e profunda que pode encontrar um sistema de dominação. Todo sistema de dominação sabe bem como formular os termos do insolúvel dilema do oprimido: suas reivindicações de igualdade serão

> irremissivelmente reconduzidas à integração no sistema; suas reivindicações radicais de diferença a condenarão à irremissível marginalização.

Hoje, a visibilidade alcançada por meio de décadas de luta das chamadas minorias sexuais é muito maior do que no final do século passado. Consequentemente, sua luta contra os grupos conservadores que as oprime torna-se maior e mais acirrada, ganhado proporções cada vez mais políticas. Para Louro (2006) "as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero". Para Butler (2018), a principal tarefa do feminismo e da teoria *queer* é tornar o mundo um lugar mais fácil para se viver, derrubando as barreiras que tornam o ser humano uma criatura infeliz.

Um dos grandes problemas enfrentados pelo indivíduo *queer* diante da sociedade é que, ao assumirem sua identidade de gênero, eles acabam por atravessar a fronteira levantada pela sociedade heteronormativa patriarcal, despertando a ira dos grupos conservadores que veem nesse deslocamento de identidade de gênero uma afronta às suas tradições. Louro (2004) afirma que o grande desafio da sociedade contemporânea é admitir que as barreiras estão sendo rompidas e que as fronteiras sexuais e de gênero estão sendo atravessadas e, para alguns, o seu lugar sexual é exatamente essa fronteira, sendo a ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexual o lugar que alguns indivíduos escolheram como seu habitat natural.

2.2 **O romance *Águas Cálidas*, de Kiko Riaze**

Antes de apresentarmos os personagens e o enredo de *Águas Cálidas* (2011), é necessário apresentarmos o autor, Kiko Riaze, e seus outros dois romances. Nascido no Rio de Janeiro em 1979, Kiko Riaze, homossexual, casado, faz parte da geração de escritores de literatura homoerótica que surgiu no início do século XXI e que busca, através da literatura, contribuir para a visibilidade da comunidade LGBTQIA+. Seu primeiro romance, *Depois de sábado à noite*, foi publicado em 2008 e narra a história de Cadu, um jovem homossexual em busca da felicidade amorosa. Com uma linguagem de fácil entendimento, o autor faz um retrato do comportamento da vida homossexual da zona sul do Rio de Janeiro do início dos anos 2000, trazendo passagens que buscam desmitificar certos tabus em relação a homossexualidade, como as gírias do "gueto" e o sexo homossexual explícito (RIAZE, 2018).

Em 2018 Kiko Riaze publica *Garotos do Beco,* que retrata a vida de jovens heterossexuais cisgêneros que, impulsionados pela possibilidade de ganhos financeiros rápidos, entram para a indústria pornográfica homoerótica, um tema que, para muitos, é considerado tabu e que passa por um apagamento dentro dos movimentos LGBTQIA+. Kiko Riaze (2018) faz uma reflexão sobre as identidades dos personagens que, por muitas vezes, escondem da família e da sociedade sua vida dupla para não serem julgados pelos mesmos e que, quando revelam ou tem suas vidas secretas reveladas, são discriminados. Homoerotismo, amizades masculinas, descobrimento do prazer, homofobia e relações de poder são alguns elementos que compõem a obra (RIAZE, 2018).

Kiko Riaze considera *Águas Cálidas* (2011), seu segundo romance, como sendo sua obra prima. Embora o romance aborde bastante o amor e a descoberta da sexualidade, o cerne da trama é o acerto de contas com o passado, por isso a construção dos personagens teve que ser muito bem elaborada. As revelações que causarão impacto ao público leitor dependem diretamente disso. Para o autor, a maior dificuldade para construir os personagens principais de *Águas Cálidas* (2011) foi o desafio de entrelaçar o seu passado. Para Cândido (2017, p. 55)

> A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De Fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através do personagem, que é a concretização deste.

Daniel é um jovem surfista que divide seus dias entre ajudar o seu pai no transporte do pescado e em passar horas com sua prancha “sereia” quebrando as ondas que chegam a Armação. Daniel tem os olhos verdes, cabelos loiros, corpo atlético, pele dourada em contraste com seus pelos da cor de ouro, um rapaz bonito e que chamava a atenção dentre os outros jovens do vilarejo. Daniel é o melhor surfista do local, seu sonho é sair de Armação para surfar no Havaí (RIAZE, 2011, p.13-19; 42).

Alex é um forasteiro de aproximadamente 40 anos, de aspecto jovial, com porte atlético, braços malhados, peito estufado, rosto de traços retos, olhos negros expressivos, cabelos curtos, sorriso largo e dono de um carisma e charme que chama a atenção de todos. Misterioso, chegou ao vilarejo de Armação dos Ventos para cuidar de assuntos que ficaram pendentes em seu passado (RIAZE, 2011, p. 22).

Amanda é uma jovem caiçara que vive no Grotão, uma das partes mais pobres da Armação dos Ventos. Amanda tem os olhos da cor de mel, cabelos castanhos cacheados, pele morena. Amanda não tem grandes ambições e seu maior desejo é casar com Daniel, seu namorado, e continuar levando sua vida como as pessoas do vilarejo. Seu maior medo é perder o amor do jovem rapaz e ter o mesmo destino de sua falecida mãe, que fora abandonada pelo grande amor de sua vida, sendo deixada com um filho de cinco anos, Jonatas, enquanto gestava Amanda (RIAZE, 2011, p.14; 19).

Jonatas é o irmão mais velho de Amanda, um pescador com fama de brigão. Homem com um "rosto de traços firmes e retos e corpo de linhas bem definidas, de músculos bem torneados. Tinha o cabelo raspado a máquina, a boca grande e volumosa e os olhos negros bem aberto, inquietos como os de uma ave de rapina [...]" (RIAZE, 2011, p. 30), dono de um comportamento rude, grosseiro, coleciona desamores ao longo da vida, não mantendo nenhum relacionamento amoroso por longo tempo. Desde que seu pai foi embora, abandonando sua mãe Mariana ainda grávida de Amanda, que se fechou, até tornasse um adulto amargurado e desconfiado de tudo e de todos (RIAZE, 2011, p. 19)

Seu Antenor e dona Lurdes são os pais de Daniel. Dona Lurdes tinha olhos verdes, cabelos dourados como ouro, de estatura mediana, corpulenta e de curvas generosas. Sua pele já apresentava algumas marcas pela ação do sol. Quando mais jovem era hippie e chegara a Armação dos Ventos juntos com outros forasteiros em busca de uma vida alternativa e mais pacata. Conheceu seu Antenor enquanto jovens, se apaixonaram, se casaram e tiveram um único filho, Daniel (RIAZE, 2011, p. 34). Seu Antenor possui uma caminhonete velha na qual distribui o pescado na Armação, tem somente um cliente, frequentemente tosse e acha que é por causa do cigarro que fuma (RIAZE, 2011, p. 30-32).

Manoel é o melhor amigo de Jonatas e seu ajudante no Aiocá, homem negro, magro, tem uma grande amizade, cumplicidade e devoção por Jonatas. Manoel é marido de Rita, uma negra alta, de tranças compridas decoradas com simpáticos *dreads* coloridos, extrovertida e dona de um sorriso largo. Junto com Manoel formam um casal e simpático e apaixonado (RIAZE, 2011, p. p. 29-30).

Clarisse, 50 anos, é uma mulher de muitas carnes. "Rosto arredondado e lábios grossos sempre pintados de vermelho intenso [...]. Seus cinquenta anos de idade haviam lhe roubado a firmeza de sua pele parda, mas em nada haviam comprometido sua sensualidade" (RIAZE, 2011, P.23), é esposa de Babú, um homem "feio, de cabelos grisalhos compridos e maltratados, tatuagens esverdeadas, envelhecidas no braço flácido; rosto largo, nariz adunco e

pequeno que o fazia parecer uma coruja velha" (RIAZE, 2011, p. 21). Possuem uma loja de artigos esportivos na Armação dos Ventos e são pais do pequeno Bruninho.

O romance possui alguns personagens secundários e terciários que, por terem participação direta ou indiretamente na trama principal, merecem ser apresentados: Mariana, mãe de Amanda e Jonatas, foi abandonada pelo marido quando Jonatas tinha cinco anos e ela estava grávida de Amanda; Valmir, um homem mais velho, que aliciava jovens rapazes dando-lhes presentes em troca de favores sexuais; Renato, primeiro namorado de Alex; Sogro de Alex, que não é nomeado no romance, somente os atos que ele pratica com seus comparsas (RIAZE, 2011, p. 19; 103; 107-108).

No romance *Águas Cálidas*, os personagens são apresentados à medida que vão surgindo na trama; não há uma apresentação única no início da obra e existe uma preocupação do autor em deixar bem amarrado as características e o passado dos mesmos, de forma coerente para que seja o mais próximo a realidade fora do mundo imaginário. Para Cândido (2014, p. 53)

> Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem esses fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam

A pequena Armação dos Ventos, um vilarejo de pescadores à beira mar, é o palco das histórias que se cruzam para formar o romance *Águas Cálidas*. O romance tem início com Daniel pegando sua prancha, "sereia", e indo surfar em um final de tarde. Ao longe, Amanda o observa. Após quebrar algumas ondas, Daniel e Amanda se encontram na praia e, após algumas carícias e provocações, vão em direção ao costão onde, protegidos pelas matas, se entregaram aos prazeres do sexo na Pedra do Índio. Já no início da trama, Amanda revela o desejo de estar sempre ao lado de Daniel, algo que o irmão Jonatas jamais aprovaria. Amanda revela, também, que não gostaria de perdê-lo, e tampouco gostaria de ter o mesmo destino de sua mãe Mariana, que fora abandonada quando ainda estava grávida de Amanda e tendo Jonatas, na época, apenas cinco anos de idade. Mesmo Daniel afirmando que sempre estaria ao seu lado, Amanda pressentia que o vilarejo de Armação dos Ventos era pequeno demais para os sonhos de seu amado (RIAZE, 2011, p. 13- 20).

No amanhecer do outro lado, Clarisse ajeita seu decote para atender o forasteiro que chega à sua loja e de Babú. Trata-se de Alex que, antes mesmo de entrar na loja, já despertara

o apetite sexual de Clarisse. Ao demonstrar que era conhecedor de pranchas, chamou a atenção de Babú que, ao descobrir que tiveram um amigo em comum no passado, o Mestre Catatau que fora *shaper*[16] na Armação dos ventos, se interessou pelo forasteiro. Após escolher uma prancha, Alex é convidado por Babú a trabalhar como *shaper* em sua loja, já que esse precisaria de um trabalho temporário para permanecer em Armação dos Ventos (RIAZE, 2011, p. 21 - 27).

Na tarde daquele dia, Rita e Amanda levam as marmitas de Jonatas e Manoel, pois eles embarcariam no Aiocá e sairiam para a pesca noturna. Uma namorada de Jonatas também leva uma marmita para ele, mas ela é dispensada, como o jovem já fizera com diversas outras mulheres. Seu Antenor, ao perceber que o filho olhava para Amanda, o adverte, dizendo que seu irmão era perigoso e que ficou sabendo que ele estava envolvido em uma briga pelas redondezas do cais de Ponta Azul na qual um homem havia morrido esfaqueado. À noite, enquanto a tempestade caía no vilarejo, Daniel pulou a janela e seguiu, sob a chuva, para o Grotão, a parte mais pobre de Armação dos Ventos, onde vive Amanda. Daniel não reparou que seu pai o espreitava da janela (RIAZE, 2011, p. 28-32).

Enquanto iniciava o ato sexual com Amanda, ouviram um raio cair bem próximo à casa e, logo em seguida, passos do lado de fora. Daniel pega suas roupas e, nu, se espreita na escuridão, onde encontra Manoel, que o ajuda a fugir. Jonatas já estava dentro de casa, bêbado, na sala. Daniel foge, no meio da tempestade, correndo nu pelas ruas do Grotão indo em direção a Armação dos Ventos. Na fuga, Daniel entra em um casarão abandonado, onde Alex se hospedara, e o encontra pela primeira vez (RIAZE, 2011, p. 33-38).

Daniel adentrou a sala, completamente nu. Ao se verem ficaram mudos, como se um medisse o outro; após Alex quebrar o gelo iniciando uma conversa, o mesmo deu toalha e roupas para Daniel se recompor. Daniel explicara que estava ali fugindo da chuva. Jantaram e começaram a conversar sobre *surf*, Babú, mestre Catatau, Havaí. Daniel ficou encantado com tudo o que ouvira e revelou a Alex que seu sonho era se tornar um grande campeão e surfar no Havaí, mas que não podia porque tinha algumas coisas que o prendiam ao vilarejo. Alex o incentiva a conquistar seus sonhos e a não desistir seja por quem quer que fosse (RIAZE, 2011, p. 39 - 48).

Na manhã do dia seguinte, Amanda fica preocupada ao descobrir que ocorrerá o "1ª Campeonato de Surf de Ponta Azul" e o primeiro prêmio é uma viagem para o Havaí. Amanda amassa o panfleto que ganhara das promotoras do evento; com lágrimas nos olhos,

16 Shaper, do Inglês: Modelador (tradução própria)

sabia que Daniel era o melhor surfista da Armação e que se ele se inscrevesse a vitória era certa e ela o perderia para o Havaí, cumprindo-se a sina de ser abandonada, como fora sua mãe no passado. Ao encontrar com Daniel, Amanda pensa em entregar o panfleto para o jovem, mas desiste. Após chegar em casa, Daniel colocou as roupas de Alex na sacola, pegou a "sereia" e saiu em direção a praia (RIAZE, 2011, p. 49 - 53).

Enquanto isso, na loja de Babú, Clarisse não poupa esforços para tentar seduzir Alex, que se esquiva o quanto pode. No final da tarde, Alex e Daniel se encontram na praia, conversam, surfam juntos e se abraçam forte após Daniel percorrer um tubo d'água com precisão e habilidade de um campeão. Daniel se sente estranhamente confortável com o abraço. Ao chegarem à casa abandonada em que Alex estava vivendo, este entrega a Daniel um panfleto com a propaganda do campeonato de surf de Ponta Azul e revela a Daniel que um dos motivos que o levara a Armação dos Ventos fora encontrar com um dos empresários que patrocina o evento, que o levará de volta para o Havaí para trabalhar com a produção de pranchas. Ele conversa com Daniel sobre a competição e o prêmio. Após essa conversa, Alex ficou nu em frente a Daniel, e foi tomar banho. Daniel nem espera o jantar, sai correndo da casa de Alex e vai pra casa tentando entender o que estava sentido, pensando que estava confundindo os pensamentos e sentimentos. Chegou em casa e logo adormeceu. Sonhou que beijava Alex e acordou ofegante, não acreditava no que estava acontecendo, pois acabara de ejacular enquanto sonhava (RIAZE, 2011, p. 54-59).

No dia seguinte, Daniel encontra Amanda no píer, a beija sem medo de que alguém os veja e a conduz, novamente, até a Pedra do Índio, onde fazem sexo, como no outro dia. Após se despedir de Amanda, no caminho de casa era a imagem de Alex que vinha à sua mente, e isso era tudo de que ele queria se livrar (RIAZE, 2011, p. 60 - 69).

Dona Lurdes conversa com Daniel por achar que o filho estava passando por algum problema. Ela logo deduzira que era sobre o relacionamento do jovem com Amanda. Conversaram sobre os dois, o que deixou Daniel ainda mais pensativo. Daniel tentou dormir, não conseguiu e seguiu para a praia com "sereia". Não demorou muito para Alex o encontrar dentro d'água. Conversaram sobre a noite anterior, sobre o campeonato e logo em seguida quebraram as ondas. Já na areia, ao observarem alguns meninos brincando de luta. Alex provoca Daniel e os dois começam a brincar, como os meninos da Armação. O cheiro de Alex impregnou o olfato de Daniel, os corpos suados se tocavam, calor e excitação se alternavam e Daniel ficava amolecido e deliberadamente entregue nas mãos de Alex. Ao sentir o membro de Alex, Daniel sentiu que o seu membro se alterou ligeiramente. Quando percebeu que a excitação já era visível, Daniel fugiu em direção à sua casa, deixando Alex na praia. Entrou às

pressas no banheiro, tentando entender o que estava acontecendo consigo; ainda sentia o calor e o gosto do suor de Alex. Daniel gozou novamente. Pensou que com um pouco de sorte, sonharia com Alex novamente (RIAZE, 2011, p. 71 - 74).

Na loja de Babú, um senhor entra para comprar uma bermuda; ao cruzar o olhar com Alex, ambos tiveram a impressão de já se conhecerem. Driblando Clarisse, o senhor fez questão de ser atendido por Alex, que fez de tudo para falar o menos possível durante o atendimento. O senhor dissera que a bermuda era para um sobrinho. Alex se manteve frio para não ser reconhecido e seus planos não serem descobertos. Clarisse tentou, sem sucesso, averiguar com o Alex o teor da conversa; esse deu uma desculpa qualquer, contudo não convenceu a esposa de Babú (RIAZE, 2011, p. 75-81).

Daniel se corrói em seus próprios pensamentos. Não sabia mais quem era e não conseguia entender o que estava acontecendo; todo o modelo no qual tinha baseado a sua masculinidade caíra por terra com apenas um olhar de Alex e colocado à prova com uma ereção. Procurava respostas, se sentia impuro, transgressor, uma aberração. Em meio a seus questionamentos, à noite, Daniel pega "sereia" e parte para a praia, onde fica a se questionar e acaba adormecendo. Ao acordar percebe que a maré tinha subido e levado "sereia"; Daniel se joga ao mar para buscar sua prancha, que está cada vez mais longe. Já não conseguia firmar os pés dentro d'água e tão pouco alcançar "sereia", quando começa a se afogar e a gritar por socorro. Quando começa a perder os sentidos, Alex o resgata e o reanima com uma respiração boca a boca (RIAZE, 2011, p. 82 - 87).

Já no casarão abandonado, Alex e Daniel conversam. Daniel, já sem pressa, aceita uma taça de vinho e o silêncio paira entre os dois, enquanto os corpos se aproximam, se beijam e se possuem mutuamente. Ao amanhecer, conversam sobre sentimentos e sobre o passado de ambos. Alex lhe conta sobre o despertar de sua sexualidade quando era adolescente e conhecera Renato, provocando ciúmes em Daniel (RIAZE, 2011, p. 88-92).

Alex contou a Daniel que começou a namorar Renato em segredo, pois tinham medo das reações da sociedade. Renato tinha uma namorada, que manteve durante um certo tempo; depois, terminou com a menina. A felicidade durou pouco, pois o pai de Renato era oficial da Marinha e seria transferido para outro Estado. Para tentar conseguir dinheiro para manter Renato onde moravam, Alex engoliu toda sua dignidade e foi procurar Valmir, que aliciava os jovens pobres com promessas de presentes para sua alcova. Alguns jovens o procurava por interesses financeiros, e foi o que Alex tentou fazer, mas acabou desistindo (RIAZE, 2011, p. 93-96).

Valmir, visivelmente revoltado, vai à sua procura. Ao conversarem em um bar, Valmir humilha Alex e Renato chega para defendê-lo. Após um tumulto no bar, Alex e Renato vão para casa daquele, onde recebem o apoio da mãe de Alex, que convida Renato a morar com eles. Contudo, dois após, Renato se muda sem sequer se despedir de Alex. Alguns anos depois, Renato volta, mas Alex já estava casado e sua esposa grávida do segundo filho. Alex sempre manteve uma vida dupla, indo buscar o que não tinha em casa nos braços de garotos de programa (RIAZE, 2011, p. 97 - 101).

Alex e Renato reatam o romance, às escondidas. Seu sogro percebe que o casamento da filha estava naufragando e persegue Alex, dando o fragrante nele e Renato durante o ato sexual. Renato foge. Alex é espancado e abandonado em um terreno baldio para que morresse, contudo foi socorrido por um morador de rua. Quando saiu do Hospital, voltou à casa de sua mãe no meio de uma noite e fugiu para não morrer. Daniel escutara tudo com atenção e com medo de que ocorresse o mesmo consigo; Alex o incentiva a ganhar a competição e se mudarem para o Havaí. Daniel decide ir para o Havaí com Alex (RIAZE, 2011, p. 102 - 108).

Amanda desperta de uma noite mal dormida em que Daniel não aparecera para lhe visitar. Jonatas e Manoel chegam em casa acompanhados por uma prostituta. Amanda discute com Jonatas e a prostituta, que a acusa de estar se deitando com Daniel no costão. Jonatas tenta enforcar a irmã, enquanto Manoel tenta dissuadí-lo. Após soltá-la, Jonatas permite o namoro, com a ameaça de matar os dois, caso sujem o nome da família (RIAZE, 2011, p. 109 - 113).

Valmir volta à loja de Babú com a desculpa de trocar a bermuda que comprara para o sobrinho. Pede para ser atendido por Alex. Clarisse tenta ouvir a conversa dos dois. Valmir revela que a troca era só uma desculpa para que ele pudesse conversar com Alex. Valmir começa a fazer cobranças a Alex que tenta, de todas as formas, fazer com que o mesmo fale mais baixo para que Clarisse não ouça. Valmir acusa Alex de tê-lo usado; Alex acusa Valmir de continuar aliciando jovens pobres e aponta para a bermuda. Valmir sai da loja, em lágrimas, antes que Clarisse presenciasse a cena. Alex pensa na família que abandonara no passado, nos filhos e decide sair em busca de seu passado. Foi buscar Mariana e seus filhos na casa onde moravam, mas descobriu que tinham se mudado para o Grotão. Ao procurar a nova moradia dos mesmos, avista ao longe Mariana, rejuvenescida 20 anos. Cruzaram os olhares, não foi reconhecido pela mulher, que seguira seu caminho. Alex a perseguiu e a viu entrar em uma casa humilde de madeira (RIAZE, 2011, p. 114 - 121).

Amanda entra em casa nervosa, dizendo a Jonatas que alguém a perseguira. Jonatas, com uma faca em mãos, se levanta para ir atrás do perseguidor, mas é impedido pelas súplicas de Amanda. Amanda vai ao encontro de Daniel no píer; embora o amasse, decidiu não falar sobre o campeonato, deixando o panfleto em seu bolso. Imaginou que, se não falasse nada, talvez quando Daniel soubesse do evento já fosse tarde para sua inscrição e assim ela não correria perigo de perdê-lo. Amanda esperou que Daniel a arrastasse para o Grotão, mas isso dessa vez não ocorreu. Daniel estava de corpo presente, mas com os pensamentos e coração em outro lugar. Conversaram um pouco e Amanda revela, novamente, o medo de perdê-lo e deixa transparecer ciúmes do novo amigo de Daniel. Daniel a deixa no píer e sai caminhando (RIAZE, 2011, p. 122-128).

Daniel pensa em seu relacionamento com Amanda; não conseguia mais enganar a jovem. Amanda queria se casar, mas não estava mais nos planos de Daniel. Ela decidira, de forma unilateral, que os dois se casariam e levou Daniel para conversar com Jonatas. Daniel não queria magoá-la, tão pouco queria sentir a lâmina de Jonatas em seu corpo. Decidiu que o melhor seria realmente competir, ganhar e ir para o Havaí. Daniel se encontra com Alex no casarão e o leva para a Pedra do Índio; fazem sexo e trocam juras de amor (RIAZE, 2011, p. 129 - 133).

Seu Antenor avistou seu filho pulando o portão à noite e seguindo por um caminho que não era o do Grotão. Pensativo, voltou para seu quarto para conversar com Dona Lurdes. Não conseguiu verbalizar para sua esposa suas desconfianças. Somente que o povo estava dizendo que Daniel estava se encontrando com um forasteiro. Dona Lurdes deu de ombros e jogou a responsabilidade para cima de Seu Antenor. Esse tentava conversar com Daniel, tentando descobrir algo, em vão. Daniel se fechara. Naquela noite, fugira novamente para estar com Alex. As desconfianças de Seu Antenor só aumentavam (RIAZE, 2011, p. 134 - 138).

Daniel beija Alex na praia. Estava feliz por suas decisões. Novamente foram para a Pedra do Índio, onde declararam amor um pelo outro. Na manhã seguinte, ao voltar pra casa, Daniel é sabatinado pelo seu pai e por dona Lurdes, essa lhe pede que não vá embora, pois seu pai estava com câncer. Daniel pensa no Havaí (RIAZE, 2011, p. 139-145).

Um homem desconhecido interpela Manoel na beira do caís. Jonatas observa do Aiocá. Manoel conta para Jonatas que estão fazendo perguntas sobre o ocorrido em Ponta Azul. Jonatas recordou do homem que matou esfaqueado em uma briga de bar. Manoel tentou contê-lo, mas Jonatas saiu atrás do desconhecido que interrogara Manoel, em vão. No dia

seguinte, Amanda mostra para Jonatas que todos os impostos atrasados de sua casa tinham sido pagos a Prefeitura (RIAZE, 2011, p. 146-150).

Após uma passagem de tempo de alguns meses, o verão chega a Armação dos Ventos, estação que além do calor também traz os veranistas que procuram o vilarejo para descanso e lazer. Naquele verão, o vilarejo também estaria agitado por causa do campeonato de surf. Babú conseguiu, com a organização do evento, que a praia da Armação dos Ventos fosse a escolhida para sediar o campeonato. Babú indaga a Alex sobre sua ida pro Havaí, já que um dos patrocinadores citara seu nome durante as negociações com Babú. Alex confirma a informação, para tristeza de Clarisse e de Bruninho. Alex percebe o aceno de Daniel vindo do outro lado da rua, pede licença a Clarisse e essa concede. Alex vai conversar na rua, com Daniel, sem perceber que a esposa de Babú se colocara entre os manequins escondida, tentando ver onde o empregado fora. Alex fala para Daniel que a praia escolhida para competição foi a da Armação dos Ventos, o que dava grande vantagem para o jovem. Daniel informa que não competirá e que Alex terá que ir sozinho para o Havaí. Daniel chora e diz que a família precisa dele e que o pai está com câncer. Daniel e Alex se abraçam; Daniel não quer perder nem Alex e nem o pai. Alex não sabia o que dizer, que caminho tomar e beijou Daniel suavemente. Do outro lado da rua, Clarisse observava tudo; a repulsa foi instantânea. Ao voltar para a loja, Alex percebeu a frieza de Clarisse, quando Bruninho abraçou o vendedor, Clarisse disparou um grito chamando-o de pervertido e dando ordem para ele se afastar de seu filho (RIAZE, 2011, p.151-157).

Ao chegar em casa, Daniel percebeu que sua mãe não estava bem. Dona Lurdes indaga o filho sobre o casamento com Amanda e diz que, naquele momento, era o melhor a se fazer. Começam a discutir. Daniel confessou que está envolvido e amando outra pessoa. Aos gritos, dona Lurdes fala para Daniel que Clarisse já tinha contado para todo o vilarejo sobre o beijo que ele recebera de Alex (RIAZE, 2011, p. 159-163).

Daniel percebeu que as pessoas olhavam de maneira diferente para ele na Armação dos Ventos. Sem tirar os olhos do chão, foi em direção a água. Naquela noite Daniel ouviu uma conversa entre seus pais, Dona Lurdes muito revoltada com toda a situação. Daniel estava sentado na areia quando foi abordado por três figuras robustas. Um deles é um surfista, filho de militar, que morava do outro lado da praia; ele provocou Daniel e começaram a brigar; após Daniel cair no chão, os outros dois rapazes também o agrediram (RIAZE, 2011, p. 164-169).

Ao abrir os olhos no Hospital de Ponta Azul, Daniel reconheceu Seu Antenor. A enfermeira informou que foram apenas alguns cortes e arranhões, mas que ele ficaria bem.

Daniel informou ao seu pai que eram jovens da própria Armação. Ao voltarem pra casa, Seu Antenor falou para o filho sobre o sonho de ser avô, e que essa alegria Daniel não poderia lhe dar. Daniel tentou interpelar o pai, mas esse saiu pela tangente. Ao chegar em casa, olhou a "sereia" pendurada na parede, sendo repreendido pelo pai, pois não poderia surfar com os ferimentos que tinha; mas ele convence o pai, que resolve ir ver o filho surfar. E foram juntos para a praia. Seu Antenor ficou parado na areia, sentindo a brisa bater em seu rosto, enquanto Daniel se jogava no mar com sereia. De onde estava, admirou seu filho deslizando pelas águas e se lembrou de quando era jovem e que fora ali que viu Lurdinha pela primeira vez. Quando Daniel chegou à areia, seu Antenor o abraçou e o parabenizou como o melhor surfista da Armação. Seu Antenor disse que ali era pequeno para seu filho e que Daniel deveria se inscrever e ganhar o campeonato, deveria ter uma vida melhor do que ele e sua mãe. Seu Antenor disse a Daniel que sabia os motivos que o levaram a ser agredido naquela noite na praia e que, se pudesse, ele mesmo daria uma lição aos agressores. Seu Antenor manifestou todo seu amor, carinho, compreensão para com Daniel e o encorajou a seguir seu caminho, ainda mais a partir daquele momento em que seu coração já pertencia a outra pessoa (RIAZE, 2011, p. 170-179).

Naquela noite, uma pedra estilhaçou uma das janelas do velho casarão abandonado, acordando Alex não só de seu sono físico, mas também da tranquilidade que tivera até ali. Já estava na hora de executar seu plano e o detetive de Ponta Azul lhe dissera que tinha novidades a respeito do assassino que ele procurava. Alex saiu andando pela rua e se dirigiu para o Grotão, parando em frente à casa humilde; entrando na casa, encontrou Amanda, com quem comparou com a mãe, tão grande a semelhança. Se identificou como sendo o pai da menina e essa entrou em prantos e o abraçou. Conversaram sobre o passado, sobre Jonatas, Mariana e sobre a vida de Amanda. Ao falar para a filha que estava de partida para o Havaí, essa reclama dizendo que também era desejo de seu namorado ir para aquele lugar, mas se dependesse dela ele jamais iria. Ao ser indagada, responde ao seu pai que seu namorado se chama Daniel e que ela estava grávida, fato que o jovem não sabia. Isso cortou de vez o coração de Alex. Amanda adormece no colo do pai (RIAZE, 2011, p. 180 -187).

No bordel, Jonatas é avisado pela prostituta que o estão buscando e que ele estava encrencado, já que o homem que ele matara era filho de um militar. Jonatas se descontrola e agride a mulher, que sai correndo pelo bordel enrolada em um lençol. A confusão se instalou no bordel, homens saíram armados a procura de Jonatas, mas esse conseguiu fugir pelas vielas locais, até chegar no ancoradouro onde estava Manoel e o Aiocá. Era chegada a hora de partirem (RIAZE, 2011, p. 188-191).

Naquela noite, Daniel saiu no meio da chuva para ir ao encontro de Alex; Dona Lordes o repreendera, dizendo ser impossível um homem amar outro homem. Alega que o filho precisava de um psicólogo, que era algo anormal, errado e que o correto seria ele se casar com Amanda. Nisso, Seu Antenor grita com Lordes, dizendo que já sabia e que dava todo apoio ao filho, que era a obrigação deles como pais apoiarem as decisões de Daniel. Durante a discussão com Lurdes, Seu Antenor recorda a tragédia ocorrida com Alex. Daniel o questiona sobre quem era Alex; Seu Antenor lhe diz que era o pai de Amanda e de Jonatas, que teve que abandonar a Armação por ser homossexual; que era um rapaz bom, mas quando o pai de Mariana descobriu a traição do genro, providenciou o desaparecimento de Alex. Percebendo o perigo iminente, Daniel se desvencilhou de seus pais e saiu à procura de Alex, temendo o banho de sangue que poderia ocorrer. Não encontrou Alex no velho casarão, que estava todo pichado com palavras ofensivas e manifestações de ódio e homofobia (RIAZE, 2011, p.192-196).

No meio da tempestade, Alex tentava chegar a Ponta Azul, mas as más condições do tempo e da estrada o impediam. O detetive já sabia quem era o assassino e já tinha avisado à polícia; Alex não queria perder a prisão do bandido. Alex ainda não sabia o nome do bandido, pensava em Daniel e que teria que deixá-lo pra trás, pois Amanda também o amava e não queria que a filha passasse pelo mesmo que a mãe. Alex se dirigiu ao cais, na esperança de fazer a travessia para Ponta Azul de barco (RIAZE, 2011, p. 197-200).

Amanda desperta no meio da noite, busca pelo seu pai, mas não o encontra. No meio da tempestade, chega Rita; Amanda lhe conta que seu pai tinha voltado, que tinha quitado os impostos atrasados da casa e que estava de partida para o Havai. Jonatas e Manoel escutavam do quarto ao lado, onde tinham entrado escondidos para buscar dinheiro para sua fuga. Rita lhe disse que precisava dar uma noticia que a cidade inteira já sabia, que Daniel estava traindo-a com um homem. Jonatas fica furioso (RIAZE, 2011, p. 201-206).

A tempestade inundara as ruas do Grotão, Daniel teve que passar com água na cintura para chegar a casa de Amanda. Lá chegando, encontrou-a sendo consolada por Rita. Jonatas saiu do quarto e espancou Daniel, colocou-o em seu ombro e seguiu para o Aiocá junto com Manoel; antes, deu ordem para que as mulheres não contassem nada a ninguém. Jonatas decidiu manter Daniel como refém para conseguir fugir, mas antes de embarcarem Daniel no Aiocá, ouviram o grito de Alex, que procurava uma carona para Ponta Azul. Buscando manter Alex longe para que Manoel escondesse Daniel, Jonatas se atraca com Alex. Jonatas pergunta qual era motivo para poder atravessar no meio daquela tempestade, e Alex disse que estava indo para ajudar na prisão de um assassino em Ponta Azul e que ele armara uma emboscada

no bordel. Nesse momento Jonatas se desvencilha de Alex e começam a lutar. Na primeira parte Alex leva a melhor, mas em um descuido, Jonatas reage e, quando está prestes a matar Alex, Daniel grita para impedi-lo, dizendo que Alex era seu pai. Jonatas parou no mesmo instante. Daniel consegue se livrar de Manoel e vai socorrer Alex. Jonatas e Manoel fogem juntos no Aiocá, no meio da tempestade (RIAZE, 2011, p. 207-214).

Era missão do mar trazer os destroços de barcos e os corpos que não resistiram a uma tempestade. O que não ocorreu naquela manhã, em que Amanda e Rita estavam à beira mar esperando notícias. Já se sabia que o Aiocá não aportara em Ponta Azul. Amanda guardava a esperança de voltarem enquanto Rita ficava imóvel em frente ao mar, esperando pelo seu amado, e ali ficaria por dias a fio. Ao perambular pelas ruas, Amanda chega ao casarão, entra e encontra Daniel dormindo ao lado de Alex. Sem despertá-los, sai em direção ao mar, correndo e chorando (RIAZE, 2011, p. 215-219).

Alex despertou ao lado de Daniel, vira que o jovem lhe havia feito curativos. Angustiado, caiu em si que fora seu filho que matara Renato. Alex se lamentou por tudo o que aconteceu e Daniel lhe dá o conforto que necessita. Conversam sobre a intolerância das pessoas em relação ao amor de dois homens, sobre o preconceito e sobre verdades. Enquanto Daniel o beijava, Alex se lembrou da encruzilhada ao qual se encontrava naquele momento, e que as águas cálidas inundaram suas vidas dispostas a não deixar nada no lugar. Alex revela a Daniel que Amanda está grávida. Daniel corre ao encontro de Seu Antenor para lhe dar a notícia, mas não os encontra em casa. Uma vizinha lhe informa que eles tinham ido cedo para o Hospital de Ponta Azul. Ao chegar ao Hospital, Daniel é informado que seu pai está em coma. Ao ver o estado de seu pai, Daniel entra em desespero. Daniel queria que o pai soubesse que seria avô, para que ele sentisse orgulho do filho. Dona Lurdes, abraçada a Daniel, tira do bolso a ficha de inscrição do campeonato que Seu Antenor fizera em nome de Daniel e manteve segredo. A ultima coisa que Seu Antenor disse para Dona Lordes era que Daniel não desistisse de seus sonhos (RIAZE, 2011, p. 220-229).

Em um dia ensolarado de uma tarde de verão, Daniel encara ondas gigantes, dominado todas e da areia uma voz apaixonada gritava “você é o melhor”. Um fotógrafo registava tudo de uma prancha no canal, eufórico, eternizara uma das melhores manobras já vistas em sua vida. Ao chegar a praia, elogios, abraço e afagos. Os dois caminhando pela areia formava uma linda pintura tendo o Havaí como pano de fundo. Em Armação dos Ventos, Dona Lurdes abre um envelope, era uma revista que trazia Daniel na capa. Logo ela chama Amanda e o seu neto, que também se chama Daniel. Ao ser questionada pelo filho sobre ter deixado o Daniel (pai) partir, ela afirma que algumas perdas se compensam com outras buscas

(RIAZE, 2011, p. 230-233).

2.3 **Deslocamentos de identidade de gênero em *Águas Cálidas***

Para Cândido (2014, p.54), o personagem é o que existe de mais vivo dentro do romance; a sua leitura e compreensão por parte do leitor dependem de este aceitar a verdade do personagem inserido na obra. Contudo, o personagem "só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim das contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance". Assim, embora Kiko Riaze tenha se preocupado em dar profundidade e um passado a seus personagens em *Águas Cálidas* (2011), é a partir do desenvolvimento do enredo que os mesmos ganham vida e significado para o leitor. Para Cândido (2014), a partir da relação criada entre o ser vivo e o ser fictício surge o sentido da obra; as ideias postas em letras pelo autor se tornam, para o leitor, a verdade do personagem e, com o desdobramento do enredo, surge a identificação da vida ficcional com a vida real.

No romance *Águas Cálidas* temos quatro personagens homossexuais: Daniel e Alex, que são os protagonistas da trama; Renato, ex-namorado de Alex; e Valmir, que é um homossexual mais velho que alicia jovens em troca de favores sexuais. Embora não seja mencionado na obra, a amizade devocional existente de Manoel para com Jonatas possibilita imaginarmos um possível caráter homoafetivo, mas como se trata de uma conjectura, não trataremos os dois personagens por esse prisma.

O personagem principal, Daniel, passa por um deslocamento de identidade de gênero no decorrer na obra. Para Riaze (2020), o maior problema para esse personagem foi justamente o que esse deslocamento, a descoberta de sua homossexualidade, poderia acarretar em suas relações interpessoais em seu cotidiano. Como serão as reações dos pais, amigos, parentes, vizinhos? Como será daqui para a frente? São questionamentos reais que a maioria dos jovens se faz ao se descobrirem homossexuais.

Alex tem aproximadamente 40 anos e descobriu sua homossexualidade ainda na adolescência, quando viu sua amizade por Renato se transformar em amor. Manteve relações sexuais com Valmir para conseguir dinheiro, a fim de manter Renato ao seu lado e obteve o apoio de sua mãe para seguir o namoro. Contudo, Renato o abandona. Alex fica em Armação dos Ventos e constitui família, mantendo uma vida dupla. Não deixou de ser homossexual, mas as circunstâncias provavelmente fizeram com que ele seguisse por esse caminho. Com o

retorno de Renato, Alex pensa em reviver o passado; mas, conforme o exposto no enredo, acaba fugindo de Armação dos Ventos após ser quase assassinado. Com Daniel, percebemos que Alex exerce o certo controle sobre o relacionamento, influenciando as decisões de Alex, em uma nítida relação de poder. Conforme afirma Riaze (2020), "Alex é como um espelho daquilo que Daniel gostaria de ser".

Renato, primeiro namorado de Alex, é construído como uma personalidade frágil e de índole um pouco duvidosa, pois por duas vezes traiu a confiança de Alex. Primeiro, na adolescência, quando se mudou sem despedir do rapaz, mesmo após a mãe dele convidá-lo para viver com eles. Após a passagem de tempo, quando se reencontram, Renato foge quando o sogro de Alex os encontra e, juntamente com capangas, espanca Alex até quase a morte. Aliado ao fato dele ter permitido que Alex se prostituísse para mantê-lo em Armação dos Ventos, concluímos que é um homem fraco e que não assume seus atos.

O personagem de Valmir é construído com base na figura, quase folclórica, do homossexual mais velho que alicia jovens com presentes e dinheiro em troca de favores sexuais. Existe uma relação de poder financeiro de Valmir para com Alex em sua juventude; contudo, existia também uma relação de poder de sedução de Alex para com Valmir, lembrando que fora Alex quem procurou o ex-cantor primeiro. Ocorre, nessa relação, um mútuo jogo de poder.

Ao ser indagado se havia se inspirado em algum fato real para criar os personagens Alex e Daniel, Riaze (2020) respondeu que não especificamente. Em realidade, baseou-se em situações cotidianas que vão se amontoando e se adaptando, como uma concha de retalhos. Muito observador, quis inserir na obra questões cotidianas, comportamentos e reações autênticas das pessoas, considerando essas suas melhores inspirações.

Na busca pela construção de nossa identidade, estamos a cada segundo em um processo de deslocamento, de autoconhecimento e adaptação ao meio no qual estamos inseridos, seja físico ou temporal, e também aos seres que habitam esse meio. Durante essa jornada conhecemos diversas pessoas, protagonizamos diversos acontecimentos, vivenciamos experiências e, no final desse deslocamento, já não somos os mesmos que éramos no início dessa caminhada.

Para Hall (2005), vivemos em um período de plena desconstrução das perspectivas identitárias em várias áreas disciplinares em que, de uma forma ou de outra, a principal crítica é a respeito a uma identidade integral, originária e unificada. Neste constante deslocamento, ninguém chega sem bagagem e tampouco segue a viagem sem sofrer alguma modificação, alguma perda ou evolução. O autor afirma que

> as perspectivas que teorizam o pós-modernismo têm celebrado, por sua vez, a existência de um 'eu' inevitavelmente performativo. Têm-se delineado em suma, no contexto da crítica antiessencialista das concepções teóricas mas imaginativas e radicais sobre a questão da subjetividade e da identidade. (HALL, 2005, p. 103)

Neste deslocamento, a passagem pelos caminhos contribui para a construção não somente da identidade do indivíduo, como também de seu lugar no mundo. Todo o conhecimento que o sujeito traz consigo, ao chegar ao local de destino, encontra-se com um novo conhecimento e, da junção desses dois, cria-se um novo lugar. Para Hall (2014, p.110) e também para outros pensadores, tais como Derrida (2001) e Butler (2018), é através da diferença que as identidades são construídas. É estando em contato com o outro, com aquilo que podemos chamar de "exterior constitutivo", que podemos olhar para nós mesmos, nos reconhecermos e, assim, construirmos nossa identidade.

Em *Águas Cálidas,* o mundo de Daniel era limitado, pois vivia em uma aldeia de pescadores onde todos se conheciam. Sua vida girava em torno de trabalho, com seu pai; de seu relacionamento afetivo com a jovem Amanda; e de sua maior paixão, o surf. O exterior constitutivo ao qual Daniel tinha acesso não dava margens para ele se descobrir, pois vivia em um ambiente rústico e completamente heteronormativo; sua vida estava fadada a ser como de qualquer outro jovem de Armação dos Ventos: constituiria família com Amanda e trabalharia, para todo o sempre, no transporte dos pescados para o entreposto da aldeia.

A única pretensão de Amanda (RIAZE, 2011, p. 19) era a de não passar pelo mesmo que destino de sua mãe, que fora abandonada à sorte por seu pai quando essa ainda estava sendo gestada. Essa era a sina de boa parte das mulheres de Armação dos Ventos. Essa pretensão lhe dava forças para lutar e conquistar Daniel de todas as formas. Possuidora de uma paixão insaciável pelo jovem, sabia como conduzir Daniel pelo único caminho que até então ele conhecia:

> Beijo-a intensamente. Sua língua voraz explorou a boca quente e úmida de Amanda a ponto de fazê-la amolecer em seus braços, tanto que Daniel ergueu-a com facilidade e carregou-a no colo até o seu ninho proibido de amor. Apenas seus gemidos eram ouvidos além do barulho incessante da chuva forte que desabava lá fora. Estavam encharcados novamente, mas agora pelos seus suores, que se misturavam, confundiam-se e eram saboreados por suas bocas ávidas e sem pudores. Estavam fervendo. Os cabelos cacheados de Amanda penderam como uma cortina quando ela jogou o corpo para trás, os mamilos eriçados apontando para o alto, as mãos másculas sobre o quadril, as pernas abertas clamando por uma invasão. As silhuetas na penumbra fundiam-se em um único corpo sobre a cama. E gozo final veio seguindo por um forte trovão. (RIAZE, 2011, p. 36)

Daniel opera de acordo com a cultura heteronormativa que lhe serve de modelo dentro da pequena sociedade interiorana em qual ele está inserido. Em Armação dos Ventos, a única possibilidade de relacionamento aceitável seria a entre um homem e uma mulher, não existindo outros modelos. Até essa parte do romance, poderíamos afirmar que, se nenhum acontecimento ocorresse na vida de Daniel, sua identidade de gênero já estaria definida. Para Nicholson (2000, p. 2), "o 'gênero' tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano".

Woordward (2018, p. 31-31) nos informa que, em nosso cotidiano, podemos viver tensões entre nossas diferentes identidades quando as exigências de uma interferem na de outra. Nesse momento, faz-se necessário uma negociação entre as identidades para que se possam chegar a um denominador comum ou a um novo lugar onde, por algum tempo, não hajam tensões. Contudo, mesmo havendo uma negociação entre tais identidades que carregamos, não raras vezes pode ocorrer a sobreposição de uma identidade em detrimento da outra, fazendo com que a sobreposta se torne a dominante, deixando o que fora acordado anteriormente por terra e fazendo com que o indivíduo atravesse as fronteiras de sua identidade de gênero.

Para Louro (2018, p. 18), "os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade talvez não 'escolham' livremente essa travessia, podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados". Nenhum ser humano acorda pela manhã, se olha no espelho e faz e escolha a sexualidade com qual irá passar o dia. Podemos afirmar que para certos indivíduos, em um dado momento de suas vidas, esse cruzamento de fronteiras simplesmente ocorre, como o apertar de um gatilho que faz com que se desperte, fazendo com que tenham novas perspectivas e dando novos rumos em suas vidas.

Certa noite, em meio a uma tempestade, após ter relações sexuais com Amanda, Daniel sequer teve tempo de se vestir e foi obrigado a fugir nu da casa de sua namorada para que seu cunhado Jonatas não o encontrasse, o que poderia causar uma tragédia, visto que este não aceitava o relacionamento dos dois jovens (RIAZE, 2011, p. 37). Daniel foi obrigado a correr pelo vilarejo, mas não poderia chegar em sua casa naquele estado; deveria procurar um abrigo até que cessasse a tempestade. Foi neste momento que avistou o velho casarão em ruínas e o adentrou (RIAZE, 2011, p. 41), mal sabendo ele que estavas prestes a, mesmo que inconscientemente, apertar o gatilho que mudaria para sempre sua vida e de todos a sua volta.

> Ficaram mudos. Alex, com o lampião na mão observava-o curioso dos pés à cabeça. Daniel, com a genitália nas mãos, mantinha-se na retaguarda, constrangido. Precisava livrar-se do embaraço. E não havia outra maneira senão vestindo-se.
> Torceu as roupas molhadas. Uma poça razoável formou-se aos seus pés. Inevitavelmente, seu sexo tornou-se exposto. Encabulou-se. Em circunstancias normais, não deveria reagir daquela forma, afinal, estava diante de outro homem, mas havia algo na presença daquele desconhecido que o tirava do tino. Talvez fosse aquele olhar fixo, penetrante e absolutamente constrangedor. (RIAZE, 2011, p. 42)

Daniel não entendia como poderia estar encabulado por ficar nu frente a outro homem, situação que para ele era comum entre os jovens surfistas de Armação dos Ventos. Alex, com um pouco mais de experiência, conduziu a situação inusitada com naturalidade, iniciando uma conversa com o jovem rapaz que perdurou durante toda a noite (RIAZE, 2011, p. 42). Louro (2018, p. 17) nos mostra que "uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões". No final da tarde do dia seguinte, após Daniel quebrar algumas ondas com sua prancha, bastou um abraço apertado de Alex, que o observava desde a praia, para que ele se sentisse diferente, sentimento esse que ele levaria para seus sonhos ao adormecer naquela noite (RIAZE, 2011, p. 62).

Para Scott (1994, p. 13), "Gênero é a organização social da diferença sexual", sendo o conhecimento que estabelece significados para as diferenças corporais, não se limitando somente a diferenças físicas fixas biologicamente inscritas no corpo. Daniel ficara perturbado com a nudez de Alex quando esse se despiu para ir tomar banho, mas não conseguia entender quais eram os motivos que o deixavam daquela forma. De forma impulsiva, pegou sua prancha, despediu-se e voltou para sua casa com os questionamentos sobre o que ele estava sentindo (RIAZE, 2011, p. 67).

O deslocamento de identidade de gênero de Daniel, doravante já iniciado, se intensifica. Mesmo não entendendo como ou o porquê, Amanda já não é a única destinatária de seus desejos. Com esse migrar, o corpo de Daniel vai se tornando um cabide que começara a receber uma nova roupagem, novas informações, personalidade, desejos e comportamentos que antes ele nem imaginara poder conhecer. Esse deslocamento de identidade de gênero de Daniel e as experiências que ele adquire durante esse percurso faz com ele se questione sobre os seus desejos, sua sexualidade e sua vida.

> O que estava havendo afinal? Por que suas emoções naquele exato momento fervilhavam como um liquido borbulhante a ponto de transbordar? Daniel gostaria de saber, mas andava confuso. Com a vida, consigo mesmo. Queria se achar, encontrar um sentido, um caminho. E Alex... Quem era aquele misterioso

> homem? De onde viera? Por que surgira em sua vida? Sempre tão prestimoso, tão simpático e educado. Sempre tão cheio de palavras estimulantes e elogios despretensiosos que Daniel nunca antes ouvira nem mesmo dos lábios de Amanda, o que dirá de outro homem. Era estranho, muito estranho. (RIAZE, 2011, p. 67-68)

Para Nicholson (2018, p. 4), ao pensarmos no corpo como um cabide no qual aspectos de personalidade e comportamentos são depositados como se fossem roupas, devemos pensar no relacionamento entre as informações anteriormente construídas e pertencentes ao "cabide" e o que nele é jogado como objetos mais fracos do que deterministas, contudo, mais fortes do que acidentais. Cada nova experiência, cada novo dado assimilado – ou não – por Daniel, faz com que seu deslocamento de gênero continue e, com esse deslocamento, o aumento de seus questionamentos identitários.

Woordward (2018, p. 32) assinala que "as identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações que podem ser descritas em termos de uma crise de identidade". É uma crise desse tipo o que leva nosso personagem a se questionar sobre seus desejos. O encontro que tivera com Alex na praia naquele entardecer e a visão do corpo deste nu no casarão o perturbou tanto que fez com que ele sonhasse com o objeto de seu desejo, o que o fez despertar no meio da noite, desesperado e excitado. Enquanto se questionava, não conseguiu segurar sua excitação, e o seu desejo fez com o que o seu corpo reagisse, instintivamente (RIAZE, 2011, p. 68-69):

> – O que está acontecendo comigo? – perguntou em desespero.
> Ainda podia sentir o gosto molhado do beijo de Alex em seus lábios. Um beijo real e perturbador. O beijo de um homem.
> Uma sensação de calor fez seu sangue circular por suas entranhas, preenchendo cada espaço de seu corpo, e tornando firme e dilatado o membro que antes adormecia entre suas pernas, sob os lençóis.
> Isso não pode acontecer, isso não pode acontecer!
> Sacudiu a cabeça, aflito. Seu coração batia forte e uma voz inconveniente dentro de si sussurrou que era tarde demais. Já havia acontecido. Agora, Daniel precisava se limpar.

Para Hall (2008, p. 2), é a interação entre o "eu" e a sociedade que forma a identidade do indivíduo. Esse ainda possui um núcleo ou essência interior, que se forma e se modifica durante o curso de seu deslocamento em um diálogo constante com o exterior e as identidades que o mundo oferece, tal qual como na metáfora do cabide no qual esse objeto é o próprio homem e as peças de roupas todas identidades que são jogadas, adquiridas e/ou assimiladas por ele e que podem ser trocadas a qualquer instante.

Daniel já tinha ido longe demais em sua travessia; por mais que tentasse, suas questões internas o estavam consumindo. Tentava buscar respostas dentro e fora de si, mas tudo o que encontrava era contrário a tudo que aprendera como correto até aquele momento. Seus desejos sexuais sempre pertenceram a Amanda; Daniel não entendia como poderia estar desejando Alex a ponto de gozar somente por sonhar com este. Esses fatos o deixavam cada vez mais confuso na ânsia de saber se era somente sua imaginação ou se simplesmente era a evidenciação do que ele gostaria que fosse real (RIAZE, 2011, p. 68). Na tentativa de fugir de si mesmo, de seus desejos e do sonho perturbador, ao encontrar Amanda, Daniel não pensa duas vezes: a pega pelas mãos e a guia por dentro da mata costeira de Armação dos Ventos (RIAZE, 2011, p. 71)

> Daniel cerrou os olhos com força na tentativa desesperada de apagar os pensamentos tortos e beijou Amanda mais uma vez. Porém, desta vez o beijo teve um gosto amargo. O sorriso entregue de Amanda cortou-lhe o coração. Ela estava sendo usada simplesmente para fundamentar uma convicção. Sim, foi por isso que Daniel a cercara no cais e a convocara às pressas naquela tarde quente. E ela foi, coitada, cheia de amor para dar.

Daniel já não se reconhecia mais. Era como se uma outra pessoa tivesse emergido de algum lugar desconhecido de dentro de si mesmo para tomar posse de seu corpo, revirar sua identidade, desfazer suas verdades e construir um outro Daniel que ele jamais conhecera. Ter encontrado com Alex naquela noite na cabana foi o gatilho na vida de Daniel para que ele pudesse dar início ao seu deslocamento de sua identidade de gênero. Sua performance com Amanda não apagou seus desejos pelo outro homem, ao contrário, confirmaram onde estava o seu desejo sexual, e isso o deixava cada vez mais perturbado; a razão lhe dizia uma coisa e o corpo, outra.

Louro (2018, p. 19), classifica a fronteira como lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Em sua busca por respostas, tentando entender o que está acontecendo com seu corpo e com seus desejos, é por essa fronteira que Daniel está cruzando neste momento. Nesse deslocamento de gênero, Daniel busca respostas para sua reconstrução como homem, para tentar ocupar o seu espaço nesse entre-lugar enquanto caminha em direção, mesmo sem saber, à nova identidade que mudaria não só a sua vida, mas também a de sua família e das pessoas ao seu redor.

O modelo heteronormativo em que ele se pautara para construir sua identidade fora abalado pelo olhar de outro homem, pelo contato corporal em uma brincadeira de amigos na praia e pelo desejo e pela ereção que tivera ao pensar em Alex (RIAZE, 2011). Butler (2018, p. 57) nos fala que “operar de acordo com os ditames da heterossexualidade compulsória, o

surgimento do desejo homossexual transcende as categorias de sexo: Se o desejo pudesse libertar a si mesmo, nada teria a ver com a marcação preliminar pelos sexos". Encontrando o seu lugar, Daniel admite pela primeira vez

> Alex era um homem também, como todos aqueles que Daniel conhecia, mas diferente de todos os outros, Daniel desejava intensamente possuí-lo. Tinha verdadeira ânsia de vê-lo, de senti-lo bem próximo de seu corpo e de receber, nem que fosse sem proposto, um único toque capaz de levá-lo a sensações indescritíveis e inimagináveis. Era estranho admitir, mas Alex provocava emoções que Amanda nunca conseguira provocar, nem quando ambos degustaram juntos o prazer do sexo pela primeira vez. Com Alex as emoções eram diferentes, eram fortes e avassaladoras. (RIAZE, 2011, p. 89).

Para Femenías, (2007, p. 23, tradução minha), "As identidades são, então, um conceito estabilizador: a partir do qual apenas a troca é gerada como um dispositivo normalizador que resume as diferenças e cria a fantasia da unidade"[17]. É a descoberta de sua identidade, de seu lugar que faz com que o indivíduo se encontre, se compreenda e também compreenda o outro. Descobrir e aceitar sua condição é um dos fatores que corroboram para uma vida em paz – e feliz – consigo mesmo.

Para Varella (2013, online) "A sexualidade não admite opções, simplesmente é. Podemos controlar nosso comportamento; o desejo, jamais. O desejo brota da alma humana, indomável como a água que despenca da cachoeira". Não há limites para o desejo, para a vontade que surge arrebatadora, suprimindo a razão, as regras e tudo mais o que você acreditava ser o correto até ali. Após ser salvo por Alex de um quase afogamento em uma praia da Armação dos Ventos (RIAZE, 2011, p. 91), Daniel foi conduzido por Alex até o casarão para poder se recompor. Todas as suas inquietações e questionamentos já não existiam mais. Pouco lhe importava os padrões heteronormativos impostos pela sociedade, Daniel se sentiu liberto, se entregou ao desejo e teve seu primeiro ato sexual com Alex (RIAZE, 2011, p. 95),

> Queria ser o seu homem, ainda que ele fosse outro igual. Mas ali não havia barreiras. O mundo se reduzia àquelas ruínas, àquele fogo crepitante e àqueles dois amantes que se desejavam totalmente alheios às convenções. Eles apenas queriam um ao outro. Nada mais. E assim se completaram e se preencheram até o ápice, quando então, deitaram-se ofegantes, um sobre o peito do outro e sem dizer uma só palavra, beijaram-se apaixonadamente. (RIAZE, 2011, p. 95)

É claramente visível em *Águas Cálidas* (RIAZE, 2011) o início do deslocamento de gênero de Daniel, sua permanência na fronteira de gêneros e sua tentativa de voltar atrás até

17 *"Las identidades son entonces un concepto estabilizador: desde donde solo se genera el intercambio como un dispositivo normalizador que subsume las diferencias y crea la fantasía de la unidad."*

seu ponto de partida e a conclusão de seu deslocamento até alcançar sua identidade de gênero. Em Riaze (2011, p. 133), a externalização dos sentimentos de Daniel a Alex simboliza o término do deslocamento de gênero de Daniel e a entrada desse em um novo mundo, em um terceiro lugar construído a partir da junção de suas experiências primárias com as adquiridas durante seus movimentos migratórios. Essa evolução do personagem é narrada por Alex nas últimas páginas do romance.

> – É... Eu fiz... E por isso eu continuo a acreditar que não há destinos traçados. Somos nós que construímos a nossa estrada. Ainda acredita nisso? – Sinceramente, não sei.
> – Como você mudou!
> – É verdade... E sabe de uma coisa? ... Fico feliz por isso. Mas quanto ao destino não me importo se ele existe ou não. Não faz diferença para mim, já que o que eu mais queria era ter você ao meu lado. E a vida me deu este presente. Ou melhor, você me deu este presente... Aloha! (RIAZE, 2011, p. 232)

Louro (2018) nos diz que a viagem transforma não só o corpo, mas também o caráter, a identidade e o modo de ser e estar do indivíduo. É um dos mais arrebatadores acontecimentos que podem ocorrer com o ser humano e suas transformações vão além de qualquer alteração na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de olhar o mundo, as pessoas e as coisas. Marca o surgimento de um novo ser, livre das amarras do passado, sendo esse passado fator relevante na construção do presente. Para Louro (2018, p. 15), "as mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele)".

Os acontecimentos durante a trajetória de Daniel fizeram com que ele, além de amadurecer, também construísse e assumisse sua nova identidade. Ao libertar-se das amarras construídas pela sociedade patriarcal e heteronormativa na qual estava inserido, Daniel termina a travessia de sua fronteira de identidade de gênero, se encontra, se re-conhece sexualmente e se torna uma pessoa capaz de lutar por seus direitos, por sua vida e pela vida de quem está ao seu lado, tornando-se uma pessoa melhor. A heterossexualidade compulsória tende a criar obstáculos para que o indivíduo encontre sua identidade de gênero, pois essa tem como objetivo padronizar os atos e as relações de acordo com a sua cultura heteronormativa patriarcal. Contudo, esquece-se que, conforme Butler (2018), a sexualidade é construída diariamente, culturalmente, do nascimento à morte do ser humano, infindavelmente.

CONCLUSÃO

Segundo Oliveira (2018, p. 13), nos registros do hinduísmo encontramos passagens em que nos revelam que algumas de suas divindades tinham relações sexuais com numerosos indivíduos de ambos os sexos, simplesmente por prazer, assim como na cultura chinesa, em que as relações sexuais não estavam associadas somente com fins reprodutivos. Já na Grécia, Sócrates (439-399) pregava que o sexo heterossexual tinha única e exclusiva função de procriação, sendo as relações homossexuais a melhor forma de inspiração, devendo ser preservadas na cultura grega (OLIVEIRA, 2018, p. 13).

A matriz judaico-cristã da civilização ocidental forjou uma visão normatizada sobre a sexualidade humana, ditando o que seria moralmente correto e aceitável para a convivência e expressão da sexualidade, relegando ao silêncio e à condenação a homoafetividade (OLIVEIRA, 2018, p. 13). O mesmo ocorreu, a partir do século VII, com o nascimento e a expansão da matriz islâmica. Juntas, reforçaram a ideia de que o sexo tinha como única finalidade a reprodução, o que tornou a prática homossexual algo antinatural e, em certos momentos históricos, passível de condenação à morte Essa desnaturalização da prática homossexual perpetuou-se durante séculos, sempre sob influência religiosa, exercendo o controle sobre os membros da sociedade e, consequentemente, seus corpos, fossem eles praticantes de tais credos ou não. Para Butler (2018, p.233)

> É “corpo” ou “corpo sexuado” a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? Ou será que o “o corpo” em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais? (BUTLER, 2018, p.223

Naphy (2006, p.75) nos fala sobre o apagamento da homossexualidade ao longo da história ocidental promovida pela Igreja que condenava e classificava qualquer prática sexual não reprodutiva como “comportamento animal”. Em pleno século XX e início do século XXI, ainda se faz presente a opressão de setores religiosos sobre a sociedade contemporânea; da mesma forma como fizera no passado, a religião e seu exército de fiéis influenciam governos e usam, mais uma vez, a comunidade LGBTQIA+ como alvo de seu reservatório de ódio para que possam “tentar” exercer, mais uma vez, o controle sobre os corpos sexuados, impingindo-lhes uma heterossexualidade compulsória.

Contudo, sexualidade não é estática, ela está em constante construção; ao longo das últimas décadas, a luta emancipatória da comunidade LGBTQIA+ alcançou repercussões políticas e econômicas. Conforme vimos no subcapítulo 1.2 dessa dissertação, no final da década de 1970, ainda que timidamente, a comunidade LGBTQIA+ começou a se organizar, conseguindo fundar a primeira associação em defesa do direito da comunidade e também o primeiro jornal homossexual de circulação nacional, Grupo Somos e o Lampião, respectivamente. O advento da epidemia de Aids fez com que grande parte da sociedade, alimentada pela intolerância por parte das igrejas neopentecostais e pelos setores mais tradicionais da Igreja Católica, discriminasse ainda mais a comunidade LGBTQIA+ e a classificasse como culpada e transmissora da doença. A constatação de que a epidemia também se disseminava entre pessoas heterossexuais demonstrou que a mesma não escolhe sexualidade e fez com que o Governo Federal adotasse medidas de prevenção e combate ao vírus. Nesse período, houve uma politização e conscientização maior da comunidade LGBTQIA+, os grupos de defesa já existentes se fortaleceram, artistas resolveram assumir sua homossexualidade, a principal e maior emissora de TV do país passou a incluir a temática gay nas telenovelas de seu principal horário, houve uma explosão da cultura LGBTQIA+ e a conquista de direitos civis como a união estável e posteriormente o casamento civil. Mas isso não ocorreu tão somente porque parte da sociedade admitiu estar errada em relação ao tratamento dispensado para com a comunidade LGBTQIA+. Essa "aceitação" ocorreu, em parte, pois houve a criação de um mercado consumidor que, conforme vimos no subcapítulo 1.2, move cerca de 302 bilhões de reais no Brasil. Esse valor expressivo despertou a cobiça do empresariado em ter, cada vez mais, parte da fatia desses potenciais consumidores para seus produtos e serviços. Nesse ínterim, *Águas Cálidas* (RIAZE, 2011) se inscreve nesse mercado de consumo, pois conforme observamos, os personagens, os estereótipos e a aparência dos mesmos, a ambientação, o clima e tudo mais na obra foi pensado para lidar com o desejo e despertar a libido do público. O enredo, além de dialogar com o imaginário gay como forma de entretenimento, mobiliza expectativas e ideias, utilizando lugares-comuns, justamente com o objetivo de ter uma identificação e atingir o público LGBTQIA+. Ao ser questionado sobre se a Literatura Homoerótica, que hoje é produzida no Brasil, consegue quebrar as barreiras heteronormativas impostas pela sociedade patriarcal e, assim, fomentar o entendimento do modus operandi, cultura e causas LGBTQs, Kiko Riaze (2020) disse:

> A literatura de gênero, sem dúvida alguma, atende a uma demanda de mercado. O público LGBT tem cada vez mais visibilidade, mais entendimento sobre si próprio e é natural que busque produtos que sirvam de referência para suas vidas. Num

> passado não muito distante era muito difícil para um jovem gay encontrar livros, filmes, programas de tv ou músicas que retratassem a sua realidade e o ajudassem a entender quem ele era. Isso mudou drasticamente nas últimas décadas. O crescimento do movimento gay fez as empresas perceberam o poder de compra deste público e ficarem cada vez mais interessadas nessa fatia do mercado. É tudo sobre grana, no final das contas. Claro que existe um visível avanço social e uma certa mudança de mentalidade por parte da sociedade, mas talvez, o principal agente causador do rompimento dessa barreira heteronormativa a que você se refere, tenha sido o mercado ao perceber o valor que "pink money" tem.

Conforme afirma Jimenez (2006, p. 69), não devemos olhar a sexualidade através do prisma tradicional da teologia vaticana, tão pouco através da dicotomia biológica homem-mulher, devemos olhar como uma identidade em construção permanente. A descoberta e construção da sexualidade do personagem Daniel em *Águas Cálidas* (RIAZE, 2011) seus desejos, sua indecisão e seu medo são reflexos dos dramas vividos por milhares de pessoas em seu cotidiano, pois, assim como o personagem analisado, temem a reação de suas famílias e da sociedade ao terem sua sexualidade – ou assexualidade – reveladas. A heteronormatividade compulsória deve ser combatida em todas as esferas, assim como também os agentes envolvidos nessa heteronormatização da vida humana. Dessa forma, obras como *Águas Cálidas* (RIAZE, 2011) corroboram tanto para a visibilidade LGBTQIA+ quanto também para mostrar que estamos aqui e que iremos lutar para poder transformar o mundo em um lugar onde o ser humano possa ser visto como realmente é, e não conforme com quem se deita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas.* Espaço, corpo, escrita. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

AMORÓS, Célia. *Hacia una crítica de la razón patriarcal.* 2 ed. Barcelona: Antrhopos, 1991.

ANDRADE, Isabella de. Espetáculo dobre a primeira travesti do Brasil 'Madame Satã' chega a cidade. *Correio Brasiliense*, Brasília, 05/06/2018. Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/06/05/interna_diversao_arte,686093/espetaculo-madame-sata.shtml Acesso em: 27 jul. 2020.

ANJOS, Gabriele dos. *Identidade sexual e identidade de gênero:* subversões e permanências. Sociologias n°4, Porto Alegre: UFRGS, julho/dezembro de 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11.pdf Acesso em: 25 out. 2021.

ANJOS, Juracy dos. *Blocos gays 'assumem' o Carnaval no circuito Barra-Ondina.* In: Chame Gente, A Tarde, ed. 05/01/2018. Salvador, Grupo A Tarde, 2018. Disponível em: https://atarde.uol.com.br/chamegente/noticias/1925557-blocos-gays-assumem-o-carnaval-no-circuito-barraondina Acesso em: 24 jul. 2020.

ANTUNES, Cristiane; UMBACH, Rosani. Identidades marginais na Literatura da Pós-modernidade. *Revista Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v.6, n.1, 2007. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/9869 Acesso em: 26 jan. 2020.

ARGEMON, Rafael. A incrível trajetória de Rogéria, 'a travesti da família brasileira" emociona e diverte em documentário. *Huffpost Brasil*, São Paulo, 03/11/2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/rogeria-filme_br_5dbc8dbce4b0fffdb0f6a514 Acesso em: 28 jul. 2020.

AUERBACH, Erich. *Mimesis:* a representação da realidade na literatura ocidental. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BANDEIRA, Marcelo. 15 perguntas! Nany People fala sobre carreira, política, namoro e muito mais. *Gente*, São Paulo, 16 jan. 2019. IG. Disponível em: https://gente.ig.com.br/colunas/marcelo-bandeira/2019-01-16/nany-people-15-perguntas.html Acesso em: 28 jul. 2020.

BARBON, Júlia. Espírito Santo elege primeiro senador gay e tira aliado de Bolsonaro: Fabiano Contarato foi eleito com 1,1 milhão de votos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08/10/2018. Eleições 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/espirito-santo-elege-primeiro-senador-gay-e-tira-aliado-de-bolsonaro.shtml?cmpid=assmob&origin=folha Acesso em: 24 jul. 2020.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico metodológicas e práticas críticas. *In*: SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux (org.). *Literatura e homoerotismo*: uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002, p. 13-66.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo.* Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BOL. Dez fatos sobre a vida de Maria Gadú. *In*: Listas. *UOL*, Rio de Janeiro, 04 dez. 2018. Disponível em: https://www.bol.uol.com.br/listas/fatos-sobre-a-vida-e-a-carreira-de-maria-gadu.htm. Acesso em: 25 jul. 2020.

BOL. 19 polêmicas protagonizadas por Claudia Leitte. *In*: Listas. *UOL*, Rio de Janeiro, 10 jul. 2018. Disponível em: https://www.bol.uol.com.br/listas/polemicas-protagonizadas-por-claudia-leitte.htm. Acesso em: 11/08/2020.

BOLAFFI, Guido et. al. *Dictionary of race, ethnicity and culture*. [*S.l.*]: SAGE Publications, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction:* critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

BUTLER, Judith. *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* Tradução: Valter Arcanjo da Ponte. Campinas: Cadernos Pagu, 2003.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero* - Feminismo e subversão de identidade. Trad. de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. *In*: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

CAETANO, Márcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e a mobilização LGBT. *In*: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

CANDIDO, Antônio et. al. *A personagem de ficção*. 13. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

CARIGNANO, María Laura Moneta. O "mundo da bichas" em copi e perlongher: identidade, gênero e literatura. *In*: SILEL, 1., 2009. *Anais*... Uberlândia: EDUFU, 2009.

CARVALHO, Luciana. Homofobia pode ser indício de atração pelo mesmo sexo, diz pesquisa. *Revista Exame*, São Paulo, 2012. Estilo de vida. Disponível em: https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/homofobia-pode-ser-indicio-de-atracao-pelo-mesmo-sexo-diz-pesquisa/ Acesso em: 12 set. 2018.

CASTRO, Daniel. A Dona do Pedaço: Abel e Britney se casam com ostentação e se beijam. *UOL*, São Paulo, 2020. Notícias da TV. Disponível em:

https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/dona-do-pedaco-abel-e-britney-se-casam-com-ostentacao-e-se-beijam-veja-fotos-31065 Acesso em: 28 jul. 2020.

CASTRO, Daniel. Felizes para sempre: Agno e Leandro se casam no último capítulo de A Dona do Pedaço. *UOL*, São Paulo, 2019. Notícias da TV. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/agno-e-leandro-se-casam-no-ultimo-capitulo-de-dona-do-pedaco-30420. Acesso em: 28 jul. 2020.

CASTRO, Daniel. Rejeição, ofensas e até agressão: Sete casais gays que abalaram as estruturas. *UOL*, São Paulo, 2018. Diversidade na TV. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/rejeicao-ofensas-e-ate-agressao-sete-casais-gays-que-abalaram-as-estruturas--20737 Acesso em: 27 jul. 2020.

CASTRO, Mably Lopes de. Um breve histórico da literatura homoerótica no Brasil. *In*: JOGOS DO LIVRO, 12. ; SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO. FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 2., 2017, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2017. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/UM%20BREVE%20HIST%C3%93RICO%20DA%20LITERATURA%20HOMOER%C3%93TICA%20NO%20BRASIL.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

CIMINO, James. Opinião: Quer boicotar empresas que apoiam LGBTs? Feche a conta do Facebook. *UOL*, São Paulo, 2015. Economia. Disponível na URL: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/01/opiniao-quer-boicotar-empresas-que-apoiam-lgbts-feche-a-conta-no-facebook.htm. Acesso em: 21 jun. 2020.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da literatura: *literatura e senso comum*. 2. ed. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSTA, Jucélio Régis da. *Os jornais em marcha e as marchas da vitória nos jornais: a imprensa e o golpe civil militar no Ceará (1961-1964).* Dissertação (Mestrado) - Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará, Salvador, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14511 Acesso em: 29 jul. 2020.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). *Literatura Comparada*. Textos fundadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária*: uma introdução. Tradução: Sandra G. D. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia.* Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 1986.

DERRIDA, Jacques. *"Gramatologia"*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Posições.* Trad. Thomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DIAS, Tiago. Como os blocos LGBTQs ajudaram a dar a cara do Carnaval de rua em SP. *UOL*, São Paulo, 21/02/2020. Comportamento. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/21/como-os-blocos-lgbts-ajudaram-a-dar-a-cara-do-carnaval-de-rua-em-sp.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.

DIAS, Tiago. 'Cara no sol': vozes LGBTQs+ se consolidam como filão na música brasileira. *UOL*, São Paulo, 14/04/2020. Cultura. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/14/sem-ressignificar-versos-lgbts-se-consolidam-na-musica-brasileira.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.

DURT, Rogério. *Madame Satã:* Com o diabo no corpo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FEMENIAS, Maria Luiza. *Esbozo de um feminismo latino-americano.* In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2007. Disponível em: http://www.redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38115102.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

FEMENIAS, Maria Luiza. *El gênero del multiculturalismo.* Buenos Aires: Universidade Nacional de Uilmes, 2013.

FILIPE, Marina. Ambev faz arco-íris de caminhões e pede sua ajuda na ação #OrgulhoNãoPara. *Revista Exame,* São Paulo, 21 jun. 2020. Marketing. Disponível em: https://exame.com/marketing/ambev-faz-arco-iris-de-caminhoes-e-pede-sua-ajuda-na-acao-orgulhonaopara/. Acesso em: 28 jul. 2020.

FILIPE, Marina. Havaianas lança coleção Pride – e deixará de separar produtos por gênero. *Revista Exame,* São Paulo, 24 jun. 2020. Marketing. Disponível em: https://exame.com/marketing/havaianas-lanca-colecao-pride-e-deixara-de-separar-os-produtos-por-genero/. Acesso em: 28 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I:* A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GONÇALVES, Renato. *Questões LGBT e música brasileira ontem e hoje:* textos reunidos. São Paulo: Edição do Autor, 2020. Edição Kindle.

GOUVÊA, Victor. O que significa a sigla 'LGBT' e por que cada vez mais letras são agregadas a ela. *Hufffpost,* São Paulo, 18 nov. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/sigla-lgbt_br_5d7c19b1e4b03b5fc883be6f. Acesso em: 11 ago. 2020.

GREEN, James. 40 anos do movimento LGBT brasileiro. *In*: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil.* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

GREEN, James. *Além do Carnaval:* A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino & Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREGÓRIO, Léo. Rita von Hunty, a drag queen que dá aulas de política: "Intolerância é enfraquecedora das lutas". *Revista Quem*, Rio de Janeiro, 27 jul. 2020. Entrevista. Disponível em:https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/06/rita-von-hunty-drag-queen-que-da-aulas-de-politica-intolerancia-e-enfraquecedora-das-lutas.html. Acesso em: 27 jul. 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. de Thomaz Tadeu Silva e Guaciara Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. *Da dispora*: a identidade e mediações culturais. 2 reimpr. rev. trad. de Adelaine Garcia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeus da Silva (org.). *Identidade e diferença.* A perspectiva dos estudos culturais. 2 reimpr. Petrópolis: Vozes, 2015.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História.* Trad. de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014

ISTO É. Sou uma cantora homossexual fiel e feliz. *Revista Isto É*, São Paulo, 06 jun. 2012. Gente. Disponível em: https://istoe.com.br/olhar/sou-uma-cantora-homossexual-feliz-e-fiel.html. Acesso em: 26 jul. 2020.

IZEL, Adriana. Carnaval do Distrito Federal terá 31 blocos LGBTQIA+ nas ruas. *Correio Brasiliense*, Brasília, 17 jan. 2020. Diversão e Arte. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/01/17/interna_diversao_arte,821122/carnaval-de-brasilia-2020-blocos-lgts.shtml Acesso em: 24 jul. 2020

JIMÉNEZ, Rafael M.M. *Estudios queer y sexualidades transgressoras*. Puerto Rico: [*s.n.*], 2006. Disponível em: http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/119246/1/EB18_N152_P69-71.pdf Acesso em: 20 maio 2020.

LEMOS, Nina. Rita von Hunty, a drag que ensina política no Youtube: "Sou anti-machista". *UOL*, São Paulo, 23 dez. 2019. Universa. Disponível na URL: https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2019/12/23/rita-von-hunty-a-drag-que-ensina-politica-no-youtube-sou-anti-machista/. Acesso em: 26 jul. 2020.

LEMOS, Saulo. Sendas do homoerotismo na literatura ocidental. *Revista Cult*, São Paulo, 2003. Seção Literatura. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/sendas-do-homoerotismo/. Acesso em: 21 jun. 2020.

LIMA, Marcelo. *Mr. Nice Gay* – Análise do personagem Adamastor na novela Pedra sobre Pedra. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2019, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19305.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf. Acesso em: 23 out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, Campinas, v. 19, n. 2, 2008. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 19 out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do Romance*: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

MACRAE, Edward. *Identidades Homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da "abertura"*. *In*: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

MALUF, Verônica. "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" reflete sobre relações de empatia. *Cultura*, Gente IG. São Paulo, 2017. Disponível em: https://gente.ig.com.br/cultura/2017-09-28/o-evangelho-segundo.html Acesso em: 27 jul. 2020.

MARCUSE, Herbert. *Eros e a Civilização.* Uma interpretação filosófica ao pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARTINS, Felipe. Carnaval de rua LGBTI+ agoniza no Rio: Apenas quatro blocos confirmaram desfile. *Rio Gay Life*, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://riogaylife.com.br/carnaval-de-rua-lgbti-agoniza-no-rio-apenas-quatro-blocos-confirmam-desfile/. Acesso em: 25 jul. 2020

MELITO, Leandro. Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia queda de Jango há 50 anos. *Portal EBC.* Brasília, 2014. Cidadania. Disponível em: https://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0 Acesso em: 29 jul. /2020.

MIRANDA, Olinson Coutinho e GARCIA, Paulo Cesar. A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria. *In:* ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 3., 2012, Cruz das Almas. *Anais...* [*S.l.: s.n.*, 2012]. Disponível em: http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf. Acesso em: 10 out. /2019.

MOREIRA, Carmem. "Império" Xana e Naná se casam na reta final da novela. *Purepeople*, 04 de março de 2015. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/-imperio-xana-e-nana-se-casam-na-reta-final-da-novela-veja-fotos_a44885/1 Acesso em: 10 out. 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista de estudos feministas*, v.8 n.2, p.9-43, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167 ou http://www.marcoaureliosc.com.br/Nicholson.pdf. Acesso em 10 set. 2018.

NITRINI, Sandra. Literatura Comparada: *História, Teoria e Crítica.* 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

OCANHA, Rafael Freitas. Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civil-militar e resistência dos movimentos articulados. In: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

OLIVEIRA, José Aparecido. Corpo, repressão e sexualidade: a literatura como espaço de transgressão. *Revista Mediação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 27, 2018. Disponível em: http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/6171 Acesso em: 25 jul. 2020.

PAIVA, Vitor. Como a revolta de Stonewall, em 1969, empoderou o ativismo LGBT para sempre. *Hypeness*, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/. Acesso em: 20 jul. 2020.

PEARSON, Samanta. Beijo gay da novela "Amor a vida" é momento histórico para o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07 fev. 2014. Ilustrada. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1409057-beijo-gay-da-novela-amor-a-vida-e-momento-historico-para-o-brasil.shtml. Acesso em: 28 jul. 2020.

PEREIRA, Márcia. Em O Sétimo Guardião, Adamastor sai do armário por medo de mulher: 'Sou gay'. *UOL*, São Paulo, 27 maio 2019. Notícias da TV. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/em-o-setimo-guardiao-adamastor-sai-do-armario-por-medo-de-mulher-sou-gay-26569. Acesso em: 27 jul. 2020.

PIETRO, Ana. Elige tu propio género: Judith Butler, la filósofa que borró el límite entre los sexos. *El Clarín*, Buenos Aires, 22 set. 2015. Disponível em: http://www.clarin.com/cultura/Judith_Butler-teoria_queer-untref_0_1435656944.html. Acesso em: 20 maio 2020.

PORTAL DO HOLANDA. Lulu Santos fala pela 1ª vez abertamente sobre homossexualidade em entrevista. Manaus: Portal do Holanda, Agência O Globo, 26 jul. 2018.. Disponível em: https://www.portaldoholanda.com.br/famosos-tv/lulu-santos-fala-pela-1-vez-abertamente-sobre-homossexualidade-em-entrevista. Acesso em: 26 jul. 2020.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos Pagu*,, Campinas, n. 28, jan./jun. 2007. Entrevista concedida a Jesús Carrillo. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/16.pdf Acesso em: 20 maio 2020.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. *In*: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

RIAZE, Kiko. *Águas cálidas*. São Paulo: Giostri, 2011.

RIAZE, Kiko. *Depois de sábado à noite*. 2 ed. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2018.

RIAZE, Kiko. *Garotos do Beco*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2018.

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. In: GREEN, James N. (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

RODRIGUES, Fernando. Daniela Mercury beija a mulher em sessão pelos direitos LGBTI na Câmara. *Poder 360*, Brasília, 24 jun. 2019. Disponível em: https://www.poder360.com.br/congresso/daniela-mercury-beija-a-mulher-em-sessao-pelos-direitos-lgbti-na-camara/. Acesso em: 26 jul. 2020.

ROLLING STONE BRASIL. *As 100 maiores vozes da música brasileira.* Ed. 73 , out. 2012. São Paulo: Spring Comunicações, 2012.

ROSSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Débora; NAION, Tai. Casais gays ganham mais que casais heterossexuais, mostra IBGE. *G1*, Rio de Janeiro, 16 nov. 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/casais-gays-ganham-mais-que-casais-heterossexuais-mostra-ibge.html. Acesso em: 25 jul. 2020.

SCHAWARCZ, Lilian M.; STALING, Heloísa M. *Brasil:* uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEGADILHA, Bruno. Ana Carolina: "Não tive pai. Então é como se eu quisesse ser ele". *Revista Quem*, Rio de Janeiro, 17 dez. 2016. Disponível em: https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2016/12/ana-carolina-nao-tive-pai-entao-e-como-se-eu-quisesse-ser-ele.html. Acesso em: 25 jul. 2020.

SEGADILHA, Bruno. Daniela Mercury: "Hoje, sou mais gay do que nunca". *Revista Quem*, Rio de Janeiro, n. 694, 06 jan. 2014. Disponível em: https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2014/01/daniela-mercury-hoje-sou-mais-gay-do-que-nunca.html. Acesso em: 24 jul. 2020.

SILVA, Antônio de Pádua Dias. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si: Literatura homoerótica e escrita de si. *Acta Sclentiarum, Language and Culture*, Maringá, v. 36, n. 1, 2014.

SILVA, Gabriel Jefferson Julio. *Pink Money e o mercado de consumo.* Monografia (Especialização) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/cmc/monografias/Gabriel%20Jefferson.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

SILVA, Luciano Marques da; ROSITO, Valéria. O legado homoerótico em Machado de Assis. *África e Africanidades*, Rio de Janeiro, v. 22, p.1-20, jul.2016. Disponível em: https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/0010220072016.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas; CARVALHO, Tamiris Aparecida Apolinária. O homoerotismo na perspectiva da literatura brasileira. *In*: COLÓQUIO NACIONAL

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES,11., João Pessoa, 2015. *Anais...* [*S.l.: s.n*, 2015]. Disponível em: http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/ARTIGO%202015%20Silva%26Carvalho%20HomoerotismoNaPerspectivaDaLiteraturaBrasileira.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v. 3, p. 11- 27, 1994.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, 2007.

SEIDMAN, Steven (org.). *Queer Theory / Sociology*. Oxford: Blackwell. 1996.

STIVALETTI, Thiago. Casal gay de 'Liberdade, Liberdade' começou lá em 'Pedra sobre Pedra'. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jul. 2016. F5. Disponível em: https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/thiagostivaletti/2016/07/10003086-casal-gay-de-liberdade-liberdade-comecou-la-em-pedra-sobre-pedra.shtml. Acesso em: 28 jul. 2020.

STANDKE, Stevens. Pabllo Vittar" Defendo a pluralidade de oportunidades". *Jornal A Tribuna*, Santos, 25 fev. 2020. AtRevist. Disponível em: https://www.atribuna.com.br/variedades/atrevista/pabllo-vittar-defendo-a-pluralidade-de-oportunidades-leia-a-entrevista-1.90254. Acesso em: 27 jul. 2020.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso:* A homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade. 4ª edição atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VARELLA, Drauzio. *Violência contra homossexuais* (on line). São Paulo, 2013. Disponível em: https://drauziovarella.com.br/sexualidade/violencia-contra-homossexuais Acesso em: 10 set. 2018.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* uma introdução teórica e conceitual. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2312013 Acesso em: 10 set. 2018.

ANEXO A - Primeira entrevista com Kiko Riaze

Primeira entrevista com Kiko Riaze

1. Qual a maior dificuldade que você teve para a construção dos personagens principais do livro?

Acredito que tenha sido o desafio de entrelaçar a história pregressa dos personagens. O livro fala muito de um novo amor que está nascendo e da descoberta da sexualidade, mas o elemento-chave da trama talvez seja, na verdade, o passado dos protagonistas. Águas Cálidas é basicamente uma história de acerto de contas e o enredo não funcionaria se o background dos personagens tivesse sido muito bem pensado. As revelações do livro que normalmente impactam os leitores dependem diretamente disso.

2. Você se inspirou em algum fato real para criar os personagens Alex e Daniel? Se sim, conte-nos mais um pouco.

Não houve especificamente um fato no qual eu tenha me baseado para escrever o livro, mas sim em um monte de situações cotidianas que eu vou combinando e adaptando. Meu processo de criação é como uma colcha de retalhos. Eu sempre fui muito observador do mundo à minha volta, de como as pessoas lidam com situações do dia a dia, dos comportamentos e reações e acho que a vida real é a melhor fonte de inspiração para os meus livros, inclusive a minha própria vida. Então, eu utilizo muito as coisas que eu vejo e vivencio nas minhas histórias, mas é claro que com o tempo os personagens tomam vida própria e acabam se distanciando do que eu idealizei num primeiro instante. Se houve alguma inspiração direta para a obra, acho que essa tem mais a ver com o cenário. A ideia para a trama de Águas Cálidas surgiu num final de semana em que eu estava na Praia de Itacoatiara, na região oceânica de Niterói-RJ. A vibe daquele ambiente, com os surfistas, o pôr do sol, gente tocando violão na areia, etc, me deu a inspiração para o cenário da história e, a partir daí, a obra fluiu.

3. Você julga que a sociedade está preparada para o relacionamento homoafetivo? Porque?

Eu acho que a sociedade evoluiu bastante nos últimos 20-30 anos. Os avanços são consideráveis e visíveis. Temos a união homoafetiva garantida por lei e outra série de direitos conquistados que antes não tínhamos. O fato de eu escrever livros com temática de gênero e publicá-los sem ser censurado ou perseguido é uma prova de que o cenário mudou positivamente para os LGBTs.

Mas é claro que sempre haverá embate com uma parte da sociedade resistente a mudanças e, pior, com aqueles que utilizam o preconceito como plataforma política. O

recente caso de censura na Bienal do Livro imposta pela prefeitura do Rio, por exemplo, é um sinal de que sempre há brecha para o retrocesso e, por isso, precisamos estar atentos.

4. Quais são as relações de poder existentes/envolvidas retratadas em sua obra?

Existem várias. O poder patriarcal e econômico nas relações de Daniel com os pais e também de Amanda com seu irmão Jonatas. Por não serem independentes financeiramente, estes dois personagens acabam se submetendo às regras machistas de suas famílias em detrimento de suas verdadeiras vontades. A relação de poder econômica também está presente na figura de Valdir, o personagem que atrai garotos pobres do vilarejo para sua cama em troca de "presentes".

Eu enxergo também uma relação de poder ideológico na maneira como Alex, por ser mais velho e mais vivido, influencia as decisões de Daniel. Alex é como um espelho daquilo que Daniel gostaria de ser.

5. Quais os principais conflitos dos personagens e, para vocês, esses refletem os mesmos vividos pelos LGBTQs na vida real?

A descoberta de homossexualidade e o que isso pode implicar nas relações sociais. Será apenas uma fase? O que eu sou, afinal de contas? Como vai ser a reação dos meus pais? Dos meus amigos? Dos meus vizinhos?

Esses são os maiores conflitos do Daniel e, sem dúvida alguma, são os mesmos da maioria dos jovens que se descobrem homossexuais.

6. Qual foi, para você, o maior desafio para construir a transição de identidade de gênero de Daniel?

O desafio foi ser o menos teórico possível na abordagem da sexualidade dos personagens. Daniel começa o romance apaixonado por Amanda e aos poucos vai se encantando por Alex de forma natural. Eu não quis discutir na obra os porquês, mas apenas mostrar o contexto e a maneira como as coisas acontecem. Um leitor mais atento vai observar que palavras como "gay" ou "identidade de gênero" nem são mencionadas no livro. São seres humanos se relacionando e ponto.

7. Quais foram as principais mudanças ocorridas nas principais personagens homossexuais de sua obra?

Foi deixar os medos de lado e se permitir amar, independente das pressões externas.

8. No mundo não-ficcional, você acredita que existam homens que vivam na fronteira da identidade de gênero ou que escondam sua verdadeira identidade? Quais seriam os prováveis motivos?

Acredito sim. Não apenas naqueles que vivem na fronteira, mas também naqueles que se permitem transitar entre os dois lados. Alguns lidam bem com isso, outros não. O preconceito e o machismo arraigados na sociedade dificultam a autoaceitação e, por isso, muitas pessoas escondem sua verdadeira identidade da sociedade, e, muitas vezes, de si próprios. Por outro lado, hoje em dia estamos vendo emergir uma geração de pessoas com sexualidade fluída que não se rotula sexualmente e está tudo bem assim.

9. Em um mercado editorial onde é quase hegemônico autores heterossexuais, você teve alguma dificuldade em publicar sua obra? Quais?

Surpreendentemente, não. Na época em que eu publiquei Águas Cálidas já havia um mercado editorial voltado para literatura de gênero no país que não era tão amplo como o de hoje em dia, mas já bastante atuante. Entretanto, eu me lembro de um episódio ocorrido numa feira literária em Porto Alegre, cidade da editora que publicou o meu primeiro livro chamado Depois de Sábado à Noite, que foi bastante marcante. Esse episódio foi contado para mim pela boca da própria editora. Ela havia alugado um estande na feira em parceria com outra editora local para dividirem os custos e, na primeira noite do evento, a tal parceira não quis colocar o meu livro no estande (a capa do livro mostrava dois rapazes trocando olhares de maneira bastante sugestiva). A tal mulher sugeriu que o livro não ficasse exposto por ter temática LGBT e só fosse retirado da caixa caso algum leitor chegasse procurando por ele. A minha editora achou aquilo um absurdo e imediatamente rejeitou a sugestão. Disse que se o meu livro não ficasse exposto, que nenhum outro livro do selo dela ficaria, pois a parceria seria desfeita e ela se retiraria do evento imediatamente. Foi só então que a mulher se convenceu a colocar o meu livro na prateleira, caso contrário, teria que arcar sozinha com todos os custos do estande.

10. A Literatura Homoerótica, que hoje é produzida no Brasil, consegue quebrar as barreiras heteronormativas impostas pela sociedade patriarcal e, assim, fomentar o entendimento do modus operandi, cultura e causas LGBTQs? Em que sentido?

A literatura de gênero, sem dúvida alguma, atende a uma demanda de mercado. O público LGBT tem cada vez mais visibilidade, mais entendimento sobre si próprio e é natural que busque produtos que sirvam de referência para suas vidas. Num passado não muito distante era muito difícil para um jovem gay encontrar livros, filmes, programas de tv ou músicas que retratassem a sua realidade e o ajudassem a entender quem ele era. Isso mudou drasticamente nas últimas décadas. O crescimento do movimento gay fez as empresas perceberam o poder de compra deste público e ficarem cada vez mais interessadas nessa fatia do mercado. É tudo sobre grana, no final das contas. Claro que existe um visível avanço social

e uma certa mudança de mentalidade por parte da sociedade, mas talvez, o principal agente causador do rompimento dessa barreira heteronormativa a que você se refere, tenha sido o mercado ao perceber o valor que “pink money” tem.

11. Nos dias atuais, a visibilidade das chamadas minorias sexuais é muito maior do que final do século passado. Consequentemente, sua luta contra os grupos conservadores que os oprime se torna maior e mais acirrada, ganhado proporções cada vez mais política do que social. Sendo assim, como você vê a Literatura Homoerótica dentro da Literatura Brasileira Contemporânea?

Isso acontece toda vez que uma minoria ganha voz. Acontece com o movimento negro e feminista, também. Tem um termo em inglês para isso que se chama backlash. Para cada ação, há uma reação. Mas apesar do cenário político e ideológico que se configura, uma boa parcela da sociedade já deu um passo adiante e já evoluiu. A comunidade LGBT não vai voltar para o armário e não vai aceitar perder direitos já conquistados. Sendo assim, a literatura homoerótica vai continuar tendo seu espaço dentro da literatura contemporânea independente das ideologias dos governos. A sociedade caminha com as próprias pernas. E além disso, há as questões mercadológicas também. O mercado gay brasileiro vale mais de 300 bilhões de reais e os casais gays têm um poder de consumo em média 30% maior do que um casal heterossexual. Você acha que o mercado vai abrir do pink money? Duvido muito.

ANEXO B - 2ª entrevista com o escritor Kiko Riaze

2ª entrevista com o escritor Kiko Riaze

1. Nome:

Kiko Riaze

2. Idade:

41

3. Estado civil:

Casado

4. Orientação sexual:

Gay

5. Naturalidade:

Rio de Janeiro

6. Formação:

Logística

7. Profissão:

Guia de Turismo

8. Já fez parte de algum movimento lgbtqia+?

Sim. GDN - Grupo Diversidade Niterói

9. Quantas obras escreveu?

3

10. Qual você considera sua obra prima?

Águas Cálidas

11. Qual os problemas enfrentados para quem quer se lançar como escritor lgbtqia+ no Brasil?

Se lançar por uma editora tradicional é difícil para escritores de qualquer orientação sexual. O mercado literário é bem fechado, principalmente para autores iniciantes ou desconhecidos. Mas hoje em dia os novos autores têm muitas plataformas on line onde podem publicar por conta própria e ter um bom alcance de público. Com a Internet ficou muito mais fácil ser publicado.

12. Quais são suas maiores referências?

Jorge Amado, Lispector, Kerouac, Agatha Christie, entre outros.

13. Como você vê a luta pelos direitos lgbtqia+ no Brasil?

Num momento delicado, de poucos recursos e sofrendo bastante ataques, mas ainda bastante sólida, principalmente pela visibilidade dos influenciadores digitais. É uma geração bastante ativa na Internet que não tem medo de expor suas ideias e comportamentos.

14. A literatura homoerótica pode ajudar a quebrar os paradigmas em relação a homossexualidade? De que forma?

Acho que sim, a partir do momento em que a história lgbtqia+ passa a ser contada pelos membros de sua própria comunidade, de acordo com seus conflitos e visões de mundo em vez de ser representada de forma muitas vezes preconceituosa e cheia de julgamentos por autores que nem ao menos conhecem esse universo. Mas não diria apenas literatura homoerótica. Eu diria literatura com temática lgbtqia+, visto que a maioria das obras têm muitas camadas e não se resume apenas ao homoerotismo em si.